

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Samuel Franco dos Santos

**O FUTURO DE UMA ILUSÃO E A ILUSÃO DE
UM FUTURO:**

um diálogo entre Freud e Pfister

Belo Horizonte

2017

Samuel Franco dos Santos

**O FUTURO DE UMA ILUSÃO E A ILUSÃO DE UM FUTURO:
um diálogo entre Freud e Pfister**

Dissertação apresentada ao
programa de pós-graduação
em Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica de
Minas Gerais como requisito
parcial para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Orientador: Prof. Dr. Luís Flávio Silva Couto

Belo Horizonte

2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais

S237f Santos, Samuel Franco dos
O futuro de uma ilusão e a ilusão de um futuro: um diálogo entre Freud e Pfister / Samuel Franco dos Santos. Belo Horizonte, 2017.
85 f.

Orientador: Luís Flávio Silva Couto
Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

1. Psicanálise e religião. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Crítica e interpretação. 3. Pfister, Oskar, 1873-1956 - Crítica e interpretação. 4. Ilusão (Filosofia). 5. Religião - Aspectos psicológicos. I. Couto, Luís Flávio Silva. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título. SIB PUC MINAS

CDU: 2:159.964.2

Samuel Franco dos Santos

**O FUTURO DE UMA ILUSÃO E A ILUSÃO DE UM FUTURO:
um diálogo entre Freud e Pfister**

Dissertação apresentada ao programa de
pós-graduação em Psicologia da Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais
como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia

Prof. Dr. Luís Flávio Silva Couto – PUC Minas (Orientador)

Prof^ª. Dr.^a Jacqueline de Oliveira Moreira – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof. Dr. Carlos Roberto Drawin – UFMG (Banca
Examinadora)

Belo Horizonte, 04 de maio de 2017

À minha mãe (*in memoriam*)

Sônia Maria Franco dos Santos

Que sempre está comigo em meus pensamentos e no
coração.

Às minhas tias

**Maria Helena Franco Lima e Maria Auxiliadora
Franco Lima**

Sem o apoio delas, esta pesquisa não seria possível.

À minha irmã e ao meu irmão

**Carolina Franco dos Santos e Marcelo Franco dos
Santos**

Que trouxeram leveza em momentos de angústia.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa significa a realização de um antigo desejo que há muito tempo venho nutrindo. Muitas pessoas, que hoje não estão presentes, participaram das minhas angústias diante das tentativas de ingressar no mestrado sem sucesso. Persisti, insisti e consegui realizar meu sonho. Agradeço a todos amigos e familiares que me deram apoio e suporte em momentos em que eu pensava em desistir.

Agradeço ao meu orientador, professor dr. Luís Flávio Silva Couto. A ele, devo toda minha admiração pelo seu cuidado e carinho e, acima de tudo, por ter aceitado ser meu orientador. Sem a sombra da sua imensa inteligência e sabedoria, esta pesquisa ficaria débil. Suas orientações foram sempre precisas e sagazes. Agradeço intensamente por ele ter confiado e acreditado em mim. Obrigado também aos professores da PUC Minas, em especial à professora dr.^a Jacqueline de Oliveira Moreira. Suas aulas contribuíram muito para reflexões e provocações com atemática que propus investigar.

Agradeço o professor dr. Carlos Roberto Drawin e, novamente, a professora dr.^a Jacqueline de Oliveira Moreira por terem aceitado participar tanto da minha banca de qualificação quanto da minha banca de defesa. As considerações de vocês foram muito valiosas para dar prosseguimento à minha dissertação.

Agradeço à minha tia Maria Helena Franco Lima, minha segunda mãe. Sem seu apoio, não seria possível o meu ingresso no mestrado.

A psicanálise não é religiosa nem antirreligiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores.

FREUD, Sigmund.

RESUMO

O futuro de uma ilusão e a ilusão de um futuro: um diálogo entre Freud e Pfister é o nome desta dissertação que propõe um embate entre Freud e Pfister acerca da Psicanálise e da religião. Se, para Freud, a religião se iguala a um sonho e a uma ilusão na busca do homem pelo pai protetor, para Pfister, em “A ilusão de um futuro”, o “pastor das almas” questiona o esquema freudiano da religião. Para Pfister, o pensamento realista e o desejo não são ilusões e devem conviver com as muitas dimensões da vida, inclusive com a ciência. Para Freud, a ilusão sempre será necessária para acolher nosso desamparo constitutivo. A metodologia utilizada para este trabalho foi pesquisa bibliográfica, em que o autor pesquisou tanto a bibliografia de Freud e a de Pfister, bem como a de seus comentadores. Esta dissertação foi dividida em três capítulos. É apresentada, primeiramente, a crítica de Freud à religião enquanto ilusão. O modelo da crítica da religião em Freud segue por duas leituras hermenêuticas: neurose e sonho. Não foram descartados outros textos freudianos importantes para a temática religião enquanto neurose, mas houve foco no que esta dissertação pretende no primeiro capítulo: as críticas e as contribuições de Freud com relação à religião, à cultura e à ilusão. Foram utilizados neste trabalho diversos textos de Freud, assim como de seus comentadores e outros. No segundo capítulo, é apresentado Oskar Pfister, pastor, filósofo e psicanalista por influência de Freud e criador da Sociedade Suíça de Psicanálise em 1919. De 1909 até a morte do pai da psicanálise, ambos se corresponderam sobre inúmeros assuntos. Porém, o que foi focado neste capítulo são suas críticas e suas contribuições acerca da Psicanálise e da religião. Foram pesquisados alguns de seus comentadores, como Carlos Dominguez Morano, Peter Gay, entre outros, assim como a obra de Pfister, “A ilusão de um futuro”, de 1928. Por fim, no terceiro capítulo, há a exposição e a contraposição entre os pensamentos de Freud e Pfister, além da crítica de Carlos Dominguez Morano sobre o conceito de ilusão.

Palavras-chave: Religião. Ilusão. Psicanálise. Freud x Pfister.

ABSTRACT

The Future of an Illusion and the Illusion of a Future: a dialogue between Freud Pfister and is the name of this dissertation who proposes a clash of Freud and Pfister concerning psychoanalysis and religion. Whereas for Freud religion equals to dream and illusion, for Pfister, based on his text “The illusion of a future”, the “Shepherd of Souls” questions Freudian scheme of religion. For Pfister, realistic thinking and desire are not illusions and must live along in different dimensions of life, including science. For Freud, illusion will always be needed to accommodate our constitutive helplessness. The methodology used was a bibliographical research where the author searched both the bibliography of Freud and Pfister as well as that of his commentators. To reach this understanding, we divide this dissertation into three chapters: in the first chapter, we will present Freud's critique of religion as an illusion. The model of Freud's critique of religion follows two hermeneutic readings: Neurosis and Dream. We do not discard other Freudian texts that are important for the theme of religion as neurosis, but rather focus on what our dissertation intends in this chapter, Freud's critiques and contributions to Religion, Culture and Illusion. We will use various texts by Freud as well as his commentators, among others. In the second chapter, we present Oskar Pfister, pastor, philosopher and psychoanalyst by influence of Freud and creator of the Swiss Society of Psychoanalysis in 1919. From 1909 until the death of the father of psychoanalysis, both corresponded on numerous subjects. However, what we will focus on in this chapter are his critiques and contributions about psychoanalysis and religion. For the accomplishment of this work, we will bring its commentators as, for example, Carlos Dominguez Morano, Peter Gay, among others. As well as Pfister's work: *The Illusion of a Future* of 1928. And finally, in the third chapter, we expose and contrast the thoughts of Freud and Pfister and also the critique of Carlos Dominguez Morano on the concept of illusion.

Keywords: Religion. Illusion. Psychoanalysis. Freud x Pfister.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FREUD, RELIGIÃO E ILUSÃO: CRÍTICA FREUDIANA DA RELIGIÃO	15
2.1 O ateísmo de Freud.....	15
2.2 A formação religiosa de Freud	16
2.3 Contexto científico de Freud.....	21
2.4 A religião enquanto ilusão	24
2.5 A ilusão na obra freudiana	27
2.6 Breve conjectura de “O futuro de uma ilusão”.....	29
2.7 “O futuro de uma ilusão”: breve resumo.....	30
2.8 O sentimento oceânico em “O mal-estar na civilização”	33
2.9 A questão de uma <i>weltanschauung</i> : uma educação para realidade.....	36
2.10 Considerações finais.....	39
3 PFISTER: O DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO	41
3.1 Pfister, Psicanálise e a cura das almas	45
3.2 Contextualização de “A ilusão de um futuro”	46
3.3 Breve introdução à obra “A ilusão de um futuro”.....	49
3.4 A religião e a ilusão em Pfister	51
3.5 A religião como obsessão neurótica.....	52
3.6 A religião como forma de desejo	55
3.7 A religião como negação da razão	59
3.8 A religião como guardião da cultura.....	60
3.9 Crítica ao cientificismo freudiano	61
3.10 Considerações finais.....	66
4 “O FUTURO DE UMA ILUSÃO” E “A ILUSÃO DE UM FUTURO”: DIÁLOGOS ENTRE FREUD E PFISTER	69
4.1 O diálogo entre Freud e Pfister	69
4.2 Cartas entre Freud e Pfister	69
4.3 A concepção do conceito da religião em Freud.....	72
4.4 Situação teológica de Pfister	73
4.5 Discordâncias e concordâncias entre Freud e Pfister	74
4.6 Crítica do pensamento freudiano sobre a religião	77
4.7 Crítica do pensamento de Pfister sobre a religião	79
4.8 Um olhar crítico do conceito de ilusão sob a ótica de Morano	80
5 CONCLUSÃO	85
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

O diálogo entre Psicanálise e religião nunca foi uma tarefa fácil. As posições prévias e os medos, talvez até mecanismos inconscientes, dificultaram o enfrentamento desse tema com disposição suficiente para escutar o que um e outro dizem. Hoje, apesar da evidente evolução em ambos os campos, permanece boa parte de cegueira e de receio. É interessante observar a pouca atenção dada a este personagem, no mínimo intrigante, chamado Oskar Pfister, e aos seus diálogos com Freud acerca do tema exposto. O embate entre essas duas forças, talvez, teria sido muito mais complicado se não houvesse acontecido esse encontro vivo e inflamado entre o “judeu infiel”, que foi o fundador da Psicanálise, e o “pastor das almas”, de profunda fé religiosa e convicção psicanalítica.

Ao longo de mais três décadas, Pfister e Freud se corresponderam. Pfister se encontrou com Freud algumas vezes em sua casa. A partir dessa amizade, um intenso e recíproco relacionamento surgiu. O que era improvável aconteceu. Psicanalista e pastor compartilharam experiências e abriram espaço para um diálogo enriquecedor, tanto para a Psicanálise, quanto para a fé cristã. Pfister é um ilustre desconhecido para psicanalistas e clérigos, por isso há a necessidade de redescobrir as grandiosas contribuições que o diálogo entre Freud e Pfister trouxe tanto para a Psicanálise quanto para o atendimento pastoral.

O estudo sobre religião é de suma importância, pois inegável é a sua influência na vida e no comportamento moral do homem. Se a humanidade foi passando por inúmeras transformações, a religião foi sofrendo mudanças de acordo com o desenvolvimento histórico e social no qual estava inserida. Segundo Zilles (1991), em todo fenômeno religioso, encontramos referência aos fundamentos últimos do homem: quanto à origem e quanto ao fim. A problemática religiosa marcou o homem em sua raiz ôntica. Toda religião sempre tentou responder às questões a respeito do sentido da vida e da morte.

Freud era ateu. Porém, em seus tempos de juventude, estudante na Universidade de Viena, ele havia flertado com as tentações da fé. Ele havia se confrontado com a sedutora atmosfera criada pelo filósofo Franz Bretano (1838-1917), um ex-sacerdote que conseguia conciliar Deus e Darwin ao mesmo tempo. Freud o considerava um gênio. Todavia, contou ao seu colega Eduard Silberstein (1856-1925), em uma carta, que ele se sentia “um homem da medicina, sem Deus, um empirista”.

No auge da influência de Bretano, Freud chegou a afirmar que não era mais um materialista, mas que também não era um teísta. Tendo sido capaz de escapar dos respeitáveis argumentos de seu mestre com o tempo, Freud retornou ao seu ateísmo e permaneceu assim

para o resto de sua vida. Gay (1992) relembra as palavras de Freud um ano antes de sua morte: “Nem minha vida privada nem em meus escritos, jamais fiz segredo de minha absoluta falta de fé” (FREUD apud GAY, 1992, p. 52). Freud, em vasta obra de sua vida, nunca escondeu sua irreligiosidade. Carl Jung (1875-1961) e Alfred Adler (1870-1937), por exemplo, comentavam abertamente sobre o ateísmo de Freud enquanto criavam suas próprias visões de mundo (GAY, 1992). Em obra biográfica de Freud, Jones (1989) comenta que:

Ele (Freud) cresceu privado de toda crença num Deus ou na imortalidade e não parece ter tido necessidade disso. As necessidades emocionais que costumam manifestar-se na adolescência encontraram expressão, a princípio, em cogitações filosóficas bastante vagas e, logo depois, numa fervorosa adesão aos princípios da ciência. (JONES, 1989, p. 22).

Essa afirmação, de acordo com Palmer (2001), é apoiada por Freud em sua mais explícita referência à sua afirmação religiosa. Em 1926, em agradecimento à associação B`nai B`rith de Viena, pelo seu septuagésimo aniversário, segundo Palmer (2001), Freud declara: “Sempre fui um descrente, tendo sido criado sem religião, mas não sem respeito pelas chamadas exigências éticas da civilização humana.” (FREUD apud PALMER, 2001, p. 15).

Freud foi um bom filho do Iluminismo e Pfister percebeu isso ainda que de modo tendencioso. “Sua religião substituta é, em essência, o pensamento iluminista do século XVIII numa nova roupagem orgulhosa e moderna” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH, 1927/1998, p. 123). Oskar Pfister (1873-1956) nasceu em Wiedikon, no subúrbio de Zurique, em 1873. Enquanto Freud estava absorvido no materialismo médico de sua época, Pfister realizava seus estudos de Teologia em Zurique sob influência de Hengel, Strauss, Schleiermacher, entre outros. Pfister, ao longo de seus estudos, encontrou dificuldades, não por causa de uma não vocação ou interesse, mas sim devido a um dogmatismo ortodoxo que vivera em sua infância e o que sentira em relação às crenças tradicionais da sua época.

Seu mal-estar chegou ao ponto de ele quase abandonar seus estudos em Teologia. Contudo, conseguiu se graduar e, após estudos adicionais em Berlim, obteve também o título de doutor em Filosofia. Porém, o alento que ele procurava também não foi encontrado na Filosofia. Enquanto Pfister se sentiu decepcionado na Teologia, que se apresentava em um ambiente de especulações e disputas, classificado por ele como charlatanismo, na Filosofia, encontrou o mesmo ambiente de disputas e divisão. Retorna, então, à Teologia com enfoque na Filosofia Religiosa de Rudolph Hermann Lotze (1819-1881) para nunca mais abandoná-la. (MORANO, 2008).

Pfister também se interessava pela Psicologia. Durante seus estudos em Filosofia e

Teologia, costumava assistir também às aulas daquela disciplina. Quando a Psicologia foi, em 1903, abandonada do currículo dos estudos teológicos, Pfister escreveu um artigo criticando esse abandono, afirmando que a exclusão da Psicologia na formação teológica iria contribuir para um maior isolamento da Teologia ao restante das ciências humanas. Contudo, os tratados que havia estudado em uma procura de uma Psicologia da religião eram, para ele, obtusos com relação à maior parte da Teologia que havia estudado (MORANO, 2008). Logo após ter recusado o cargo de professor de Teologia para continuar a se dedicar ao cargo no campo de ação pastoral, Pfister se deparou com alguns textos de Freud por intermédio de Carl Jung (1875-1961), que o procurava para se orientar sobre um caso de uma mãe de família atormentada por delírios paranoides.

O impacto de Pfister com a Psicanálise, tão incisivo em seu pensamento teológico e em sua práxis, o acompanhou pelo resto de sua vida. Em uma carta a Freud, ele afirma: “A Psicanálise me proporcionou uma aurora sem igual em minha existência e nunca poderei agradecer-lhe o suficiente o que me foi outorgado através de suas investigações e de sua bondade pessoal” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH, 1923/1998, p. 121).

Pfister foi um dos primeiros não médicos a se interessar pela Psicanálise. Discordava de Freud em vários aspectos, principalmente no que se refere à religião. Freud se considerava um “judeu infiel”, um “herege incurável”. Pfister era teólogo e pastor da Igreja Reformada da Suíça e também professor e psicanalista por influência de Freud.

Apesar das profundas diferenças sobre a questão religiosa, ambos se corresponderam por quase três décadas e foram amigos. Visitaram a residência um do outro, trocaram presentes e confidências sobre inúmeros assuntos, como teologia e teólogos, milagres, Deus, Cristo, o diabo, glossolalia, ateísmo, sexo, velhice e morte, sofrimento e guerra (1914-1918). E, claro, Psicanálise e religião. Possivelmente, por causa de sua personalidade cordata, Pfister foi um dos poucos seguidores de Freud a não ter desentendimentos sérios com ele, além de não ter desvinculado sua amizade.

O auge da discussão teórica aparece nas cartas dos anos 1927 e 1928, em torno do lançamento de “O futuro de uma ilusão” (1927/1996). O tom desse texto é notadamente combativo em relação à religião. É uma obra mais pessoal, ou seja, nela, Freud manifesta mais suas posições pessoais em relação à crença religiosa do que uma visão mais especificamente psicanalítica. O interesse do autor nesse texto é sobre o fator motivante do homem religioso à sua religião. Podemos constatar que o único argumento propriamente psicanalítico que encontramos nessa obra é o conceito de ilusão. Ilusão que, como ele mesmo diz, pode se apresentar além da religião, quais sejam, em todos os aspectos de nossa vida.

Em uma carta direcionada a Pfister em que anuncia o livro, Freud confessa que adiou o máximo que pôde o seu lançamento exatamente por causa do amigo – temia que a situação fosse constrangedora para ele. Da Suíça, Pfister responde que “sua rejeição da religião não me traz nada de novo. Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis.” (PFISTER, 1928/2003, p.40). No ano seguinte, ele escreve o livro “A ilusão de um futuro” (1928/2003) para rebater as ideias de Freud. Na carta direcionada a Freud, Pfister expressa sua esperança de que sua obra poderia fazer novamente as pazes com alguns que ficaram refratários à Psicanálise pela rejeição da fé religiosa por Freud.

Expor e fazer uma avaliação crítica dos pensamentos de Freud e de Pfister acerca da Psicanálise e da religião esboçados principalmente em suas obras: “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), de Freud, e “A ilusão de um futuro” (1928/2003), de Pfister, mostrando seus efeitos e impasses, será o que desenvolveremos nesta dissertação. Nossa intenção não é dar um veredito sobre esse assunto tão delicado e profundo, mas apontar uma possível direção, além de abrir novas possibilidades de leitura e construções teóricas na área da fronteira entre a Psicanálise e a religião.

Para chegar a tal entendimento, dividimos esta dissertação em três capítulos. Primeiramente, apresentaremos a crítica de Freud à religião enquanto ilusão. O modelo da crítica da religião em Freud segue por duas leituras hermenêuticas: neurose e sonho. Não descartaremos outros textos freudianos importantes para o tema da religião enquanto neurose, mas enfocaremos no que nossa dissertação pretende neste capítulo: as críticas e as contribuições de Freud às temáticas religião, cultura e ilusão. Utilizaremos diversos textos de Freud, assim como de seus comentadores, entre outros. Na sequência, apresentaremos Oskar Pfister, pastor, filósofo, psicanalista por influência de Freud e criador da Sociedade Suíça de Psicanálise. De 1909 até a morte do pai da Psicanálise, ambos se corresponderam sobre inúmeros assuntos. Porém, focaremos no segundo capítulo desta dissertação suas críticas e contribuições acerca da Psicanálise e da religião. Para realização deste trabalho, traremos seus comentadores, como Carlos Dominguez Morano, Peter Gay, entre outros, além da obra de Pfister, “A ilusão de um futuro”, de 1928. Por fim, iremos expor e contrapor os pensamentos de Freud e de Pfister, além de apresentar a crítica de Carlos Dominguez Morano sobre o conceito de ilusão.

Cinco itens são chaves de compreensão dos estudos apresentados: religião, ilusão, cultura, psicanálise e Freud *versus* Pfister.

2 FREUD, RELIGIÃO E ILUSÃO: CRÍTICA FREUDIANA DA RELIGIÃO

Privilegiaremos nesta dissertação a interpretação freudiana da religião como ilusão. Isso de maneira alguma significa que desprezaremos outros textos freudianos. Contudo, a ênfase maior a ser dada nesta dissertação é sobre as contribuições de Freud e Pfister sobre a temática da religião enquanto ilusão.

2.1 O ateísmo de Freud

Jones (1879-1958), psicanalista e biógrafo de Freud, afirma que o pai da Psicanálise “cresceu privado de qualquer crença em um Deus ou imortalidade, nunca parecendo ter sentido necessidade dela” (JONES, 1989, p. 33) pois, ainda segundo o biógrafo:

Ele me disse que nunca acreditara em um mundo sobrenatural. Assim, do início ao fim de sua vida foi um ateu natural, ou seja, alguém que não vê razão para acreditar na existência de qualquer ser sobrenatural e que não sente necessidade emocional dessa crença. (JONES, 1989, p. 347).

Em 1918, em uma carta direcionada ao pastor Oskar Pfister, Freud questionava: “Por que não foi a Psicanálise criada por nenhum devoto? Por que teve ela de esperar que surgisse um judeu inteiramente sem Deus?” (FREUD apud GAY, 1992, p. 51). Podemos afirmar, a partir de seus biógrafos e da vasta bibliografia de Freud, que ele era ateu. O pai da Psicanálise, como um bom filho do Iluminismo, absorveu ideias iluministas francesas e alemãs. (GAY, 1992). Podemos corroborar isso a partir de “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), livro de Freud que contém o maior ataque à religião e a sua abdicação a qualquer originalidade em sua crítica, dando crédito a autores iluministas do passado:

Não disse nada que outros homens, melhores do que eu, já não tenham dito antes de mim, de modo muito mais completo, energético e impressivo. Seus nomes são bem conhecidos e não vou citá-los porque não quero dar a impressão de estar procurando colocar-me entre eles. (FREUD, 1927/1996, p. 46).

Gay (1992) nos fornece os nomes que Freud quis homenagear: Voltaire, Diderot, Feuerbach e Darwin. Freud, tomado pelo programa iluminista e influenciado por diversos autores e professores iluministas, serviu de contribuição visceral para que posteriormente viesse a inventar a Psicanálise.

Como veremos mais adiante, a religião foi incluída por Freud no rol das ilusões. Ilusões porque advêm do desejo humano. E, para contrapor esse desejo, Freud acredita no poder da Psicanálise e no saber inconsciente. Segundo David (2003), o golpe mais duro contra a religião, conforme Freud, teria vindo da Psicanálise, que mostra que a religião se inaugura

no desamparo infantil prolongado na idade adulta.

De certo, como observaremos mais tarde, Freud, em sua formação médica, titubeou em relação ao seu ateísmo a partir das aulas de Franz Brentano, ex-padre, professor de Filosofia na Universidade de Viena, o qual dizia ser um homem de fé, possuía tremenda inteligência e gerou uma imensa influência sobre ele. Contudo, superada essa influência, Freud voltou ao seu ateísmo e assim permaneceu o resto de sua vida.

Freud, mesmo sendo ateu, foi um dos autores que mais se interessou pelo fenômeno religioso. Embora ateu convicto, nunca se intimidou em pesquisar acerca da religião. Freud foi um exímio conhecedor da Bíblia e era fascinado pela história de Moisés e do povo hebreu. Foi um grande amigo de Oskar Pfister, pelo qual nutria uma grande admiração.

2.2 A formação religiosa de Freud

Freud nasceu em meados do século XIX, mais precisamente em 6 de maio de 1856, em Freiberg, antiga Morávia, hoje República Tcheca, em uma família judaica de condições financeiras modestas. Filho de Jacob Freud, um comerciante de lãs, desafortunado para os negócios e que ganhava muito pouco. Burke (2010) afirma que os sentimentos de Freud para com seu pai eram bastante ambivalentes, pois, desde cedo, Freud não encarava o fracasso de seu pai com muito bom grado.

Como dissemos anteriormente, Freud era de família judaica, mas era um judaísmo sem religião. De acordo com Gay (2010), Jacob Freud se desligou dos rituais hassídicos de seus antepassados. Seu casamento com Amália foi realizado sem ritos formais. Com o tempo, Jacob se desvinculou de todas as observâncias judaicas. Contudo, de acordo com Gay (2010), Jacob jamais tentou negar sua identidade judaica. Lia a Bíblia na sua casa e em hebraico. Assim, ele criou em seu lar uma atmosfera em que o jovem Freud adquiriu um interesse duradouro pela história bíblica.

Segundo Gay (1992), em 1930, Freud escreve para Dwossis dizendo: “Meu pai permitiu que eu crescesse na ignorância completa de tudo o que fosse relativo ao judaísmo” (FREUD apud GAY, 1992, p. 125). Jones (1988) afirmou que Freud foi criado em um lar quase que totalmente secular.

Araújo (2014) afirma que as alegações de que Freud fora criado em um lar sem influências religiosas lhe parece um tanto exageradas. Com efeito, há dados que provam que a educação religiosa de Freud não foi tão deficiente quanto as afirmações que ele sugere. Freud

parece ter minimizado a educação religiosa que recebeu.

Freud foi circuncidado, conforme ditos religiosos, 13 dias após seu nascimento. O primeiro nome que recebeu: Sigismund, nome de três reis poloneses que adotaram uma política favorável aos judeus. Sigismund também é nome de um santo católico celebrado todo dia 1º de maio. Depois de algum tempo de seu ingresso na Universidade de Viena, mais precisamente em 1873, Freud trocou seu nome original pela variante germânica: Sigmund. Araújo (2014) relata que não se sabe ao certo o porquê dessa mudança. Alguns autores sugerem que essa mudança se deve à rejeição de Freud pela sua identidade judaica. O “is” retirado teria a ver com Israel. Outros indicam que a exclusão se deve não pela recusa de sua identidade judaica, mas sim da religião judaica. Outros consideram que o nome Sigismund havia se tornado um nome comum dado aos judeus em piadas antissemitas.

Gay, citado por Groppo e Rodrigues (2013) menciona um acontecimento muito importante na vida de Freud. Quando tinha apenas três anos de idade, o jovem Sigmund tinha uma babá católica que o levava todos os fins de semana para a missa, e que ensinava para ele as “verdades” da religião. Masson (1986) relata que, em uma carta a Flies em 1897, Freud descreveu sua babá como uma mulher feia e idosa, mas esperta, que muito o ensinou sobre Deus e o inferno. Pouco tempo depois, essa mesma babá foi despedida pela família acusada de roubo, contribuindo para um primeiro rompimento entre Freud e a religião. Após esse acontecimento, a família teve de se mudar para Viena, uma cidade grande, refinada, onde havia a esperança de conseguir melhores condições de vida e sair definitivamente da miséria. A família finalmente se instala em Viena, a capital austríaca, considerada uma das cidades mais refinadas e intelectualizadas da Europa, e é nesse período que o jovem Freud conhece as dificuldades de ser judeu, pois havia muita discriminação religiosa por toda Viena.

Robert apud Groppo e Rodrigues (2013) assinala que, com a chegada da mudança para Viena, Freud começou a receber algumas orientações religiosas de seu pai, embora já tivesse encontrado o que de pior havia na religiosidade, pois já havia sofrido insultos por ser judeu, no início de seus estudos, ainda na infância. Pouco tempo depois, Freud foi matriculado em uma escola judaica particular. Nessa escola, ele recebeu orientações acerca da Sagrada Escritura e da história do povo judeu. Na Áustria, naquele tempo, o ensino religioso era obrigatório tanto nas escolas particulares, quanto nas públicas. (ARAÚJO 2014).

Hammerschlag, professor de religião de Freud, exerceu grande influência sobre ele durante os dois últimos anos do ginásio, nascendo uma grande amizade entre os dois. Ao que parece, nem mesmo esse professor havia exigido que seus alunos se dedicassem à ortodoxia judaica, pelo contrário, como lembrou Freud, já na juventude, “nossos

professores, livres pensadores de religião, não davam grande importância a que seus alunos adquirissem conhecimento de língua e literatura hebraica.” (FREUD apud GAY, 2010, p. 542), embora o ensino religioso fosse algo obrigatório nas escolas da época.

Freud tinha consciência de que era judeu, e isso conotava ser diferente dos outros por imposição da própria sociedade. Aos sete anos de idade, recebeu as primeiras instruções de seu pai sobre a religião segundo a antiga Bíblia de Philippon, que era ricamente ilustrada. Conta-se que Freud era, quando pequeno, fascinado por essas gravuras. Na primeira carta que escreveu, quando tinha sete anos, a parentes, ele relatou: “Eu e meus queridos pais e irmãs estamos bem, graças a Deus.” (FREUD apud RIZZUTO apud GROPPO; RODRIGUES, 2013, p. 249).

Podemos observar que os ensinamentos religiosos estavam presentes na vida do jovem Freud. Ainda que não fosse de uma família judaica ortodoxa, a família Freud costumava respeitar os rituais judaicos. Com relação à situação financeira da família, ela continuava muito baixa, e os filhos de Jacob se tornaram a esperança de um fôlego financeiro, fôlego que caiu sobretudo no jovem Freud. Dessa forma, priorizaram seus estudos, nos quais Freud encararia a dura realidade da sociedade de sua época: o antissemitismo. Assim ele afirma em seu “Estudo Autobiográfico” (2006):

Quando em 1873, ingressei na universidade, experimentei desapontamentos consideráveis. Antes de tudo, verifiquei que se esperava que eu me sentisse inferior e estranho porque era judeu. Recusei-me de maneira absoluta a fazer a primeira dessas coisas. Jamais fui capaz de compreender porque devo sentir-me envergonhado da minha ascendência ou, como as pessoas começavam a dizer, da minha “raça” (FREUD apud GROPPO; RODRIGUES, 2013, p. 250).

Freud sofreu todo tipo de preconceito por ser judeu. Todavia, resistiu a todos os ataques, permanecendo em seus estudos, porém indignado com os fatos. Durante essa fase de sua vida, de acordo com Robert apud Groppo e Rodrigues (2013), Jacob insistia na formação religiosa do seu filho, embora Freud já estivesse em contato com o cientificismo materialista de sua época. Fuks citado por Groppo e Rodrigues (2013) relata que Freud aderiu ao movimento materialista e se assumiu ateu. Um acontecimento muito pertinente a se assinalar que bem informa Robert apud Groppo e Rodrigues (2013) diz sobre um fato que Freud conta em sua obra “A interpretação dos sonhos” (1900/1996). Este relato do autor nos conta de um evento marcante na vida do seu pai que em muito o enraiveceu:

Eu contava já com 10 ou 12 anos quando meu pai começou a me levar em seus passeios e a ter comigo conversas a respeito de suas opiniões e das coisas em geral.

Um dia, para demonstrar como o meu tempo era melhor do que o seu, ele me contou o seguinte fato: “Uma vez, quando eu era jovem, na cidade onde você nasceu, saí à rua num sábado, bem vestido e com um gorro de pele novo. Surge um cristão e com um golpe joga o meu gorro na lama gritando: “Judeu, desça da calçada” – E o que você fez? – “Apanhei o meu gorro”, disse meu pai com resignação (FREUD apud GROppo; RODRIGUES, 2013, p. 250).

Gay (2010) afirma que Freud, com esse episódio, desenvolveu fantasias de vingança, além de alimentar uma animosidade inconsciente contra Jacob. Essa ambivalência entre amor e ódio que Freud sentiu em relação a seu pai foi fundamental, conforme Rizzuto (1998), para a concepção da teoria do Complexo de Édipo. Esse episódio somado às tentativas de seu pai fazer com que ele compreendesse mais da religião judaica fez com que ele criasse maior resistência ainda para com a religiosidade, ainda mais em um conceito de Deus vingativo e preconceituoso.

As inúmeras tentativas de incutir uma religiosidade em Freud aconteceram ao longo de sua vida. Em seu aniversário de 35 anos, seu pai o presenteou com uma Bíblia de Philippon, a mesma utilizada por Freud em sua infância. Havia uma dedicatória de seu pai dizendo para que ele jamais se esquecesse de seu criador. Pfrimmer citado por Maciel (2007) assim traduziu:

Meu querido filho Schlomo (Salomon)
 No sétimo... de sua vida, o espírito do Senhor começou a te impelir (comp. Juízes 13,25), e ele te disse: vai, lê no meu livro que escrevi e se abrirão para ti as fontes do entendimento, do saber (conhecimento) e da compreensão.
 Eis aqui o Livro dos livros, foi dele que os sábios extraíram e que os legisladores aprenderam o direito e a justiça (comp. Números 21,18).
 Imagens do Todo-Poderoso, tu as contempleste (comp. Números 24,4,16) ouviste e tentaste elevar-te e voavas nas asas do Espírito (comp. Salmos 18,11)
 Há muito tempo o livro estava escondido (conservado) como os pedaços das tábuas da aliança no cofre de seu servo, (no entanto) para o dia em que completavas teus 35 anos, eu o cobri com uma nova encadernação de couro e lhe dei o nome: "Poço, sobe, cantai para ele" (Números 21, 17) e o ofereço a ti em memória e como lembrança do amor –
 De teu pai que te ama com um amor infinito – Jacob, filho do Rabi Sch. Freud. Na capital Viena.
 29 de Nissan de 5651, 6 de maio de 1891. (PFRIMMER apud MACIEL,2007, p. 25).

A reação de Freud com relação ao presente e à dedicatória permanece não muito clara, pois não encontramos declarações dele acerca desse fato em nenhum dos seus escritos. Contudo, é exatamente a Bíblia de Philippon que vai surgir durante as associações que Freud faz no sonho intitulado “Figuras de bico de passáro”. Esse sonho em muito angustiou Freud em sua infância, e ele relata posteriormente em sua maturidade (MACIEL, 2007):

Já faz dezenas de anos que eu próprio tive um verdadeiro sonho de angústia, mas recordo-me de um deles, de meus sete ou oito anos, que submeto à interpretação

cerca de trinta anos mais tarde. Foi um sonho muito vívido e nele via minha querida mãe, com uma expressão particularmente pacífica e adormecida nas feições, sendo carregada para dentro do quarto por duas (ou três) pessoas com bicos de pássaro e depositada sobre o leito. (...) Despertei aos prantos, gritando, e interrompi o sono de meus pais. As figuras estranhamente vestidas e insolitamente altas, com bicos de pássaro, provinham das ilustrações da Bíblia de Philippon. Imaginei que deveriam ser deuses com cabeça de falcão de um antigo relevo funerário egípcio. (FREUD apud MACIEL, 2007, p. 26).

De acordo com Maciel (2007) que essa é a única referência que Freud faz da Bíblia Philippon em seus escritos. Porém, em sua autobiografia, Freud relata seu interesse pela história bíblica e frisa que foi por meio da Bíblia que iniciou na leitura. Quando tinha 79 anos, em 1935, declara: “Meu profundo interesse pela história da Bíblia (quase logo depois de ter aprendido a arte da leitura) teve, conforme reconheci muito mais tarde, efeito duradouro sobre a orientação do meu interesse.” (FREUD apud MACIEL, 2007, p. 26).

Gay (2010) relata que existem inúmeras metáforas religiosas na obra freudiana. Rizzuto (2001) fala sobre “os significantes religiosos que marcam algumas epígrafes de seus textos” (RIZZUTO, 1998, p. 23), como em seu escrito “Fragmento da análise de um caso de histeria” (FREUD, 1905[1901]/1996):

Muito mais fácil do que criar uma nova conversão parece ser a produção de vínculos associativos entre um novo pensamento carente de descarga e o antigo, que já não precisa dela. Pela via assim facilitada flui a excitação da nova fonte excitante para o antigo ponto de descarga, e o sintoma se assemelha, segundo as palavras do Evangelho, a um odre velho repleto de vinho novo. (FREUD apud MACIEL, 1905[1901]/1996, p. 59).

Freud era um grande bibliófilo, todavia, conforme Burke (2010), a Bíblia de Philippon foi o único livro que nunca conseguiu ler. De acordo com Jones (1988), “Freud conhecia bem a Bíblia e estava sempre pronto a fazer citações de ambos os testamentos. (JONES, 1988, p. 346). Um dado interessante a ser colocado se deu quando Jacob faleceu e Freud se atrasou para o enterro de seu pai, pois estava na barbearia, o que foi considerado uma grande falta de respeito pelos seus familiares.

Embora a relação com seu pai fosse ambivalente, Freud nunca deixou de se considerar um judeu, ainda que afirmasse que era um judeu totalmente alheio à religião dos seus pais. Após a morte de Jacob, como observa Burke (2010), Freud começa uma intensa busca por objetos arqueológicos religiosos, assumindo um novo hobby, fazendo do seu gabinete de estudos um verdadeiro “museu”. Tal atitude nos faz refletir que, apesar de ser ateu, Freud compartilhava o sofrimento de sua gente e jamais negaria sua judicidade.

2.3 Contexto científico de Freud

Em meados do século XVIII, na Europa, mais precisamente na França e na Alemanha, o Iluminismo teve sua expressão filosófica maior. O Iluminismo, com Kant como seu grande expoente, tinha como grande atributo iluminar as “trevas” por meio do uso da razão, que até então recaía sobre os homens. Essa ideologia exerceu uma grande influência em diversos campos, como cultura, ciência, política, economia e, particularmente, na religião. No que tange ao modelo científico, tudo passa a ser submetido ao empirismo. A ciência se torna a única forma de se chegar à compreensão de fenômenos e conhecimentos verdadeiros. Tudo aquilo que não passasse pelo crivo científico era considerado falso ou não existente. (MACIEL, 2007)

Acerca da temática religião, o Iluminismo tentou destronar o discurso teológico, substituindo-o por um discurso antropocêntrico manipulado pela razão científica e técnica, gerando uma guerra ideológica entre cientificistas e religiosos. Droguett citada por Maciel (2007) afirma que:

Ao ver que as coisas, que antes precisavam de Deus para sua compreensão, começam a ser entendidas em si mesmas, a reação foi de que Deus era algo inútil, substitutivo da ciência, próprio de um período de imaturidade cultural. Essa é a mentalidade que Freud bebeu na juventude. (DROGUETT apud MACIEL, 2007, p. 38).

Obviamente, não se pode afirmar que todos os iluministas eram ateus. Muitos deles eram, na verdade, deístas, mas sem a submissão aos parâmetros, às normas, aos dogmas e às exigências religiosas; para eles, Deus não era um ser soberano, mas um ser presente em todas as coisas, em todos os fenômenos. A divindade poderia ser contemplada das mais variadas formas e manifestações. Tem-se, então, uma espécie de revolução na compreensão da religião e de sua influência sobre os mais diversos aspectos da vida humana. (MACIEL, 2007).

Freud, o fundador da Psicanálise, nasceu na Europa do século XIX e viveu o apogeu do pensamento científico-empirista. Freud começou seus estudos em Medicina na Universidade de Viena, onde proliferava o pensamento racional e científico. O jovem Freud teve como mestres grandes fisiologistas, filósofos e outros eruditos, que proclamavam a supremacia da razão e do pensamento científico sobre o antigo e “falido” sistema religioso.

Gay citando por Groppo e Rodrigues (2013) indica que, na Universidade de Viena, na época da graduação de Freud, o ambiente era de total hostilidade à religião, a ponto de se

proclamar uma “guerra” entre ambas as partes, como é exposto a seguir:

Biólogos, pedagogos, jornalistas, políticos, todos eles estavam profundamente engajados nessa guerra. Para onde quer que o historiador olhe, ele descobre controvérsias sobre a natureza de Deus e o poder das igrejas durante as décadas em que Freud crescia, entrava para a universidade, estabelecia-se como médico, e desenvolvia a psicanálise. (GAY apud GROppo; RODRIGUES, 2013, p. 251-252).

A universidade de Freud, segundo Gay (2010), era bastante pragmática. Freud anunciara para seu amigo Silberstein que iria dedicar o primeiro ano aos temas humanísticos, pois, ainda que não tivesse a ver com sua futura profissão, seria útil para ele. Embora tivesse criado resistência quanto aos estudos de Filosofia, um pensador que leu com maior proveito foi Ludwing Feuerbach. Dizia a seu amigo Silberstein: “Entre todos os filósofos, é este homem que mais venero e admiro.” (FREUD apud GAY, 2010, p. 43).

Gay (2010) afirma que, como Freud era um filho do Iluminismo, encontraria em Feuerbach uma grande admiração. Este, por último, tinha uma postura combativa que causava espanto e elogios a seus leitores ao “brandir armas contra os ‘juízos tolos e pérfidos’ de seus detratores.” (GAY, 2010, p. 43). Feuerbach tinha como objetivos desmascarar a Teologia e revelar suas raízes mundanas na experiência humana. A Teologia deveria ceder lugar para a Antropologia, contudo, Feuerbach não era ateu e estava mais interessado em resgatar a essência da religião em vez de destruí-la. Uma das suas principais obras, “A essência do Cristianismo”, de 1841, era fundamentalmente “a destruição de uma ilusão, uma ilusão, ademais, ‘absolutamente perniciosa.’ (FEUERBACH apud GAY, 2010, p. 43). Essa visão contagiou Freud que, no futuro, veio a se considerar um destruidor de ilusões, julgando essa postura de Feuerbach completamente compatível com a sua. Outro aspecto em que Feuerbach era compatível com Freud era que o autor criticava uma grande parte da Filosofia e da Teologia. (GAY, 2010).

Em suas descobertas filosóficas, Freud conheceu o filósofo Franz Brentano, ex-padre, um eloquente intérprete de Aristóteles e da psicologia empírica. Freud assistiu a várias de suas conferências e seminários e o considerava um gênio. Um professor que acreditava em Deus e, contudo, apreciava Darwin levou Freud a titubear as convicções ateístas que carregara consigo para universidade. Freud confessou a seu amigo Silberstein que, por um período de tempo, sob a influência de Brentano, suspendeu sua posição materialista, embora não se tornasse um teísta. Quando superou os pensamentos persuasivos que Brentano causava sobre ele, Freud voltou com sua descrença e ali permaneceu. Contudo, segundo Gay (2010), Brentano havia estimulado e tornado o pensamento de Freud mais rico e complexo.

Durante o período em que Freud estudou na Universidade de Viena, o corpo docente de Medicina formava uma equipe bastante privilegiada. Os professores, em sua maioria, eram da Alemanha: Carl Claus, Ernst Brucke e Theodor Billroth. Freud considerava o corpo docente bastante brilhante e, para ele, os professores tinham outra grande virtude: não queriam ter ligações com as questões antisemitas que se espalhavam por Viena. (GAY, 2010). Nothnagel, em cujo departamento Freud começou a trabalhar depois de formado, era um liberal franco. Fundou em 1891 a Sociedade de Combate Antissemitismo, porém, após três anos, teve que interromper a sociedade devido a constantes ataques de estudantes antisemitas. Brucke era um liberal declarado, tinha amigos judeus e gozava da mesma hostilidade que Freud tinha para com a Igreja Católica. Assim, de acordo com Gay (2010), Freud tinha todos os motivos para se lembrar de seus professores como pessoas a serem respeitadas e admiradas.

Em 1875, Freud foi visitar seus meios-irmãos em Manchester. Nessa viagem, ele aguçou o foco de seus interesses. Em contato com livros científicos ingleses, tais como os de Tyndall, Huxley, Lyell, Darwin, Thomson, Lockyer, entre outros, segundo Gay (2010), Freud se manteve um adepto da Inglaterra. O que mais impressionou Freud foi seu empirismo coerente e sua aversão a metafísicas grandiosas. “Estou mais descrente do que nunca quanto à Filosofia.” (FREUD apud GAY, 2010, p. 45). De acordo com Gay (2010), paulatinamente, a influência dos ensinamentos de Brentano estava perdendo a força.

Ao retornar de sua viagem, Freud se concentrou nos trabalhos no laboratório de Carl Claus, sendo este, de acordo com Gay (2010), um dos divulgadores mais eloquentes de Darwin no idioma alemão. Freud trabalhou no laboratório com a tarefa que refletia o interesse de seu professor pelo hermafroditismo: verificar se havia gônadas em enguias. Para Gay (2010), a pesquisa das gônadas em enguias contribuiu para que, mais tarde, ensinasse Freud a observação paciente e exata, “o tipo de atenção concentrada que mais tarde julgaria tão indispensável ao ouvir seus pacientes. (GAY, 2010, p. 46).

Por meio de sua relação com seu segundo mestre, Brucke, Freud conheceu um amigo cuja participação foi fundamental para a invenção da Psicanálise: Josef Breuer, médico bem-sucedido, rico, culto e 15 anos mais velho que ele. De acordo com Gay (2010), Freud criou um grande laço de amizade com Breuer, tornando-se um frequentador assíduo de sua casa. Outro ganho que Freud teve com Brucke foi trabalhar em seu laboratório, decifrando os quebra-cabeças do sistema nervoso, a princípio em peixes e, depois, em humanos. Freud afirmou que Brucke foi a maior autoridade que havia agido sobre ele. (GAY, 2010, p. 47).

Como vimos, os ideais iluministas, sem dúvida, fizeram parte da formação do cientista Freud, levando-o para a pesquisa, e suas marcas e indícios parecem estar presentes

em toda sua obra. Conforme Drawin citada por Maciel (2007) “a influência cientificista na formação e na obra de Freud salta aos olhos.” (DRAWIN apud MACIEL, 2007, p. 41). Tamanha influência aparece em vários dos seus escritos acerca da religião, porém, de modo mais nítido e veemente em dois deles: “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), e em uma das “Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise” (1933), denominada “A questão de uma Weltanschauung”. Nesses escritos, podemos constatar de maneira mais nítida a grande influência que a ideologia cientificista exerceu sobre o pensamento de Freud, posicionando-o na linha de frente contra os ideais religiosos e a favor da ciência. Posteriormente, retomaremos à temática da influência positivista sobre o pensamento freudiano, incluindo um comentário mais detalhado sobre essas obras. (MACIEL, 2007).

2.4 A religião enquanto ilusão

Em sua interpretação do fato religioso, Freud utiliza dois modelos hermenêuticos tirados da clínica psicanalítica: neurose e sonho. Como neurose, a religião é concebida como a neurose universal da humanidade e relacionada ao remorso pelo assassinato do pai primevo, ou seja, ela, a religião, é uma tentativa de resolver o problema do sentimento de culpa decorrente da ambivalência afetiva em relação ao pai. Como sonho, a religião é definida como ilusão e tem a ver com a nostalgia do pai protetor. Contudo, seja religião uma neurose, seja uma ilusão, o seu cerne tem a ver com o pai. Com isso, podemos afirmar que o complexo paterno é o polo unificador da interpretação freudiana do fato religioso (ARAÚJO, 2014).

De acordo com Rizzuto (1998), essa foi a primeira teorização de Freud acerca da crença religiosa que aparece em 1910 em seu ensaio “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”.

A Psicanálise tornou conhecida a íntima conexão existente entre o complexo do pai e a crença em Deus. Fez ver que um Deus pessoal nada mais é, psicologicamente, do que uma exaltação do pai, e diariamente podemos observar jovens que abandonam suas crenças religiosas logo que a autoridade paterna se desmorona para eles. Reconhecemos, pois, no complexo parental a raiz da necessidade religiosa; o Deus justo e todo-poderoso e a natureza bondosa se nos afiguram como sublimações grandiosas do pai e da mãe, ou melhor, como restabelecimentos e restaurações das representações que se tinha de um e de outra na primeira infância. Biologicamente, a religiosidade remete ao duradouro desamparo e necessidade de ajuda da criança, que, mais tarde, quando reconhece sua impotência e sua fraqueza efetivas diante das grandes potências da vida, volta a sentir-se como na infância e procura negar seu estado de abandono reeditando regressivamente as potências protetoras da infância. Essa proteção que a religião oferece aos crentes, evitando que eles caiam doentes de neurose, se explica facilmente pelo fato de que ela os desembaraça do complexo parental, ao qual está ligada a consciência de culpabilidade, seja do indivíduo, seja da humanidade inteira, liquidando para eles esse complexo, ao passo que o descrente tem que cumprir esta tarefa sozinho. (FREUD, 1910/1996, p. 110).

Essa ideia de Freud vai reaparecer em “Totem Tabu” (1913/1996), onde afirma que “O Deus nada mais é que o pai glorificado.” (FREUD, 1913, p. 176). Freud em sua interpretação do fenômeno religioso não deixa de mencionar que a construção psíquica da ideia de Deus, em muitos aspectos, se assemelha com a ideia originária do pai primevo. Em seu texto de 1914 chamado “Algumas reflexões sobre a psicologia escolar”, Freud novamente assevera que “O próprio Deus, em última análise, é apenas uma exaltação dessa imagem do pai, tal como é representado na mente durante a mais tenra infância.” (FREUD, 1914, p. 287). Verificamos que, ao longo de sua obra, Freud constantemente coloca a figura de Deus como o protótipo do pai da primeira infância. Em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), Freud articula a figura do pai idealizado com a temática da ilusão. Ilusão que, para ele, não é a mesma coisa que engano ou erro, mas sim uma produção psíquica oriunda do mundo dos desejos. E é a força do desejo o que mantém engendrada a produção de ilusões.

Podemos dizer que “Totem Tabu” (1913/1996) é o texto freudiano que melhor representa a problemática da religião de acordo com o modelo de neurose. “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), outro texto freudiano, é o que melhor ilustra o problema da religião com o modelo da ilusão, texto no qual iremos nos ater, assim como outras duas outras obras de Freud que consideramos essenciais para discutir a religião sob o prisma da ilusão: “O mal-estar na civilização” (1930/1996) e “A questão de uma Weltanschauung” (1933/1996).

Podemos dizer que ilusão e crença apresentam estruturas fundamentais para o psiquismo humano. A crença, a ilusão e a realização de desejos estão implicadas, na maioria das vezes, em nossas escolhas e opções de vida. Partindo da hermenêutica do sonho, podemos afirmar que Freud, desde o início, acreditava que os mitos e as lendas poderiam elucidar as variadas formações culturais. Podemos dizer que, em “A interpretação dos sonhos” (1900/1996), por exemplo, são constantes as citações dos mais diversos mitos e lendas. Contudo, constatamos que, em seu texto “As novas conferências introdutórias sobre Psicanálise” (1933/1996), mais precisamente em “Revisão da Teoria dos Sonhos”, o sonho também aparece como um importante elemento para elucidar nossa mitologia, pois, para Freud, “No conteúdo manifesto dos sonhos, com muita frequência, encontramos quadros e situações que lembram temas familiares em contos de fadas, lendas e mitos.” (FREUD, 1933, p. 18). Morano (2009) relata que Freud, ao falar sobre sonhos, lendas e mitologias afloram em suas reflexões. Em um outro texto, que é importante citarmos, chamado “Esboço de Psicanálise” (1940[1938]/1996), Freud afirma que podemos encontrar no sonho uma fonte

para o entendimento da pré-história humana, pois, segundo ele:

Os sonhos trazem à luz material que não pode ter-se originado nem da vida adulta de quem sonha nem de sua infância esquecida. Somos obrigados a considerá-lo parte da *herança arcaica* que uma criança traz consigo ao mundo, antes de qualquer experiência própria, influenciada pelas experiências de seus antepassados. Descobrimos a contrapartida desse material filogenético nas lendas humanas mais antigas e em costumes que sobreviveram. Dessa maneira, os sonhos constituem uma fonte da pré-história humana que não deve ser menosprezada. (FREUD, 1940[1938]/1996, p. 178).

Portanto, podemos dizer que, para Freud, os sonhos representam uma fonte rica para elucidarmos as atuações psíquicas inconscientes (MORANO, 2003). O sonho é uma realização de desejos, já dizia Freud (1900/1996), porém, uma realização que nem sempre se demonstra cristalina, mas que sofre inúmeras deformações pelo trabalho do sonho, assim como ocorre na construção da nossa mitologia. Em seu texto intitulado “A aquisição e o controle do fogo”, (1932[1931]/1996), existe uma evidente deformação dos fatos ao conteúdo de um mito. Segundo ele, “essas distorções são da mesma espécie, e não piores, que aquelas que reconhecemos diariamente, quando reconstruímos a partir dos sonhos dos pacientes as experiências de sua infância reprimidas.” (FREUD, 1932[1931]/1996, p. 195).

Morano (2003) confirma que essa mesma elaboração do pensamento freudiano no que diz respeito aos sonhos foi feita por Freud de um modo análogo com os textos culturais, religiosos, artísticos e filosóficos. Podemos questionar a partir do seu conteúdo manifesto, isto é, aquilo cujo conteúdo latente nos aparece de imediato, ou seja, conteúdos recalçados, embora ambos, assim como no sonho, se encarregam de deformar a verdade do desejo do sujeito. Portanto, podemos dizer que a linguagem da cultura, assim como no sonho, manifesta a voz do desejo inconsciente. De uma forma parecida, podemos dizer a respeito da leitura religiosa. Deus, ou melhor, a imagem de Deus nos leva a questionar e a interpretar de uma forma igual à do sonho.

Assim, para Freud, a ideia de Deus tem sua origem no complexo paterno imbuído da dupla polaridade amor-ódio. Contudo, essa polaridade não é totalmente perceptível na imagem engrandecida do Deus monoteísta. A ambivalência pelo pai foi reprimida, transformando opai em uma vertente completamente positiva. Apenas de um modo latente é que podemos observar que esse conflito se encontra de uma forma deslocada e subterrânea.

Essa ambivalência é mostrada em seu artigo intitulado “Uma neurose demoníaca do século XVII” (1923[1922]/1996), no qual Freud analisará alguns quadros de Christoph Haizmann, nos quais este diz ter feito um pacto com o diabo. Freud tenta explicar a figura

demoníaca sob a luz da Psicanálise com um substituto da figura paterna. A criança, em sua terna idade, ama e odeia seu pai ao mesmo tempo. Tem para com ele sentimentos de amor e admiração devido à sua proteção e igualmente ódio por representar um entrave para a posse exclusiva de seu objeto de amor. Freud nos ensina que as primeiras experiências infantis terão uma marca em nossa organização psíquica que sempre nos acompanhará. “Podemos apenas prender-nos ao fato de ser antes regra, e não exceção, o passado achar-se preservado na vida mental.” (FREUD, 1923[1922]/1996 p. 90). Sendo assim, do mesmo modo que Deus é uma representação idealizada da figura do pai para o adulto, o diabo seria a representação do ódio infantil por esse mesmo pai.

Se o Deus benevolente e justo é um substituto do pai, não é de admirar que também sua atitude hostil para com o pai, que é uma atitude de odiá-lo, temê-lo e fazer queixas contra ele, ganhe expressão na criação de Satã. Assim, o pai, segundo parece, é o protótipo individual tanto de Deus quanto do Demônio. (FREUD, 1923[1922], p. 110).

Dessa forma, Deus nada mais é que o representante do pai que um dia amou e protegeu seu filho, ao passo que o diabo é a figura paterna que a criança odiou por proibir que ficasse com seu objeto amado. De todas as formas, para Freud, “a religião se originou do desamparo da criança prolongado na idade adulta. No lugar do pai protetor da infância, o homem adulto põe o Deus, Pai, Todo-Poderoso, a quem se deveria louvar e dar graças em todo o tempo e lugar.” (FREUD apud DAVID, 2003, p.14).

Podemos pensar que a intervenção do desejo transformou a imagem de Deus ambivalente em algo mais confortável e menos ameaçador. Sendo o desejo a crença, uma forma de escamotear a realidade ameaçadora, Freud chamou essas crenças de ilusões.

2.5 A ilusão na obra freudiana

Ceccarelli (2013), em seu artigo “A mentira como organizador social”, cita Enriquez, que afirma que o termo ilusão, criado por Freud em sua obra “O futuro de uma ilusão”, tem despertado pouco interesse nos psicanalistas. Tão pouco interesse que o vocábulo ilusão não é citado no célebre “Dicionário de Psicanálise”, de Laplanche Pontalis, como se ele não fosse importante estar ali ao lado de outros conceitos clássicos. “A ilusão é uma noção chave (senão um conceito) na arquitetura do pensamento freudiano sobre o social.” (ENRIQUEZ apud CECCARELLI, 2013, p. 100).

Em “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915/1996), a ilusão está ligada ao

o conceito de desilusão, que seria uma falsa percepção do homem diante de sua realidade moral e ética; percepção criada pela paleta do nosso desejo. Pensamos, segundo Freud (1915), erroneamente ao achar que o homem domou seu mundo instintivo pela razão. A guerra é uma avalanche brutal sobre as nossas ilusões. Portanto, o médico assevera que “acolhemos as ilusões porque nos poupam sentimentos desagradáveis, permitindo-nos em troca gozar de satisfações. Portanto, não devemos reclamar se, repetidas vezes, essas ilusões entrarem em choque com alguma parcela da realidade e se despedaçarem contra ela.” (FREUD, 1915/1996, p. 290).

Aqui, já podemos observar que Freud já tem os elementos sobre o conceito de ilusão que utilizará posteriormente: uma busca de alento que desconsidera a realidade. Nessa obra, o autor também diz que a religião conseguiu, por meio da ilusão, reduzir a morte a uma simples preparação para uma vida futura, sustentando o nosso desejo da imortalidade. Entretanto, é importante salientar que a ilusão na literatura freudiana não se apresenta como monopólio da religião como veremos mais adiante. Podemos afirmar que a ocorrência da palavra ilusão aparece em muitos dos seus textos, mas com uma conotação mais negativa, ou seja, como algo equivocado, não verdadeiro. (ARAÚJO, 2014).

Em “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910/1926), Freud faz uma crítica a biógrafos que idealizam seus biografados, transformando-os em heróis, e se lastima ao afirmar que, fazendo desse modo, os autores sacrificam a verdade a uma ilusão. Na sua obra “Uma dificuldade no caminho da Psicanálise” (1917/1996), Freud diz que nossa ilusão narcisista é destruída por Copérnico com o seu “golpe cosmológico”. (ARAÚJO, 2014).

Em “Sonhos e telepatia” (1922/1996), Freud utiliza o termo ilusões de memória em uma tentativa de transformar a realidade psíquica em realidade material. Já em “Por Que a Guerra?” (1933 [1932]/1996), ele qualifica ilusão como a expectativa dos bolchevistas de fazer desaparecer a agressividade entre os homens perante a defesa de satisfação de todas as necessidades materiais e o estabelecimento da igualdade. (ARAÚJO, 2014)

Por fim, em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996), ele afirma que o que preside o nascimento de um grupo e o mantém unido é o discurso de amor, além da garantia de proteção por uma pessoa (ou instituição), que ama seus membros de forma igualitária sem privilegiar ninguém. Esse líder, introjetado como ideal do Eu, traz a certeza, graças à promessa de amor, e a consolidação do grupo, ao mesmo tempo em que projeta no exterior a agressividade que deve ser abolida do grupo. (CECCARELLI, 2012).

Como podemos constatar, a ilusão irá aparecer nas obras de Freud sempre como algo que provém do desejo humano, porém, essa ilusão nunca é verdadeira. Freud irá mudar um

pouco essa posição acerca da ilusão em sua obra “O futuro de uma ilusão”.

2.6 Breve conjectura de “O futuro de uma ilusão”

Obra publicada por Freud em 1927 sob o título em alemão *Die Zukunft einer Illusion*. 1932 foi publicada em francês por Maria Bonaparte com o título: *L’Avenir d’une illusion* e em 1994 por por Anne Balseinte, Jean-Gilbert Delarbre sem mudança do título.e Daniel Hartmann, sem modificação do título. Vale lembrar também que antes disso, em 1928, foi traduzido pelo inglês por W.D. Robson-Scott, sob o título *The Future of na Illusion*, retomado sem modificação por James Strachey, em 1961. (ROUDINESCO.; PLON, 1998).

Nesta obra, *O futuro de uma Ilusão*, sucedeu a obra: *A questão de uma análise leiga de 1926* e precede a obra de 1930 intitulada *o Mal-estar na civilização*. No meio destas três obras, Freud numa carta a Pfister relata que, ao tratar da *Análise leiga*, queria proteger a psicanálise dos médicos e em *o Futuro de uma Ilusão dos padres*. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Segundo Roudinesco e Plon (2008), o título desta obra advém de um empréstimo de uma peça teatral de Romain Rolland (1866-1944) intitulada: *Lilili* sendo que Rolland apoiou-se mais tarde na obra de Freud: *O Mal-Estar na Civilização* para defender sua teoria de um “sentimento oceânico” que é a gênese primária da necessidade religiosa oriunda em todos os homens. Freud, nesta obra, discutiria a validade desta posição. Todavia, em sua obra anterior, *O Futuro de uma Ilusão*, Freud usa a temática da religião em sua dimensão de ato de fé e da crença o que de forma já forma analisado por ele mesmo em sua obra de 1907 chamada: *Atos obsessivos e práticas religiosas*.

Em relação a uma carta do Pastor Pfister direcionada a Freud. escreve

Nas próximas semanas sairá uma brochura de minha autoria, que tem muito a ver com o senhor. Eu já a teria escrito há tempo, mas adiei-a em consideração ao senhor, até que a pressão ficou forte demais. Ela trata – fácil de adivinhar – da minha posição totalmente contrária à religião – em todas as formas e diluições, e, mesmo que isso não seja novidade para o senhor, eu temia e ainda temo que uma declaração pública lhe seja constrangedora. O senhor me fará saber, então, que medida de compreensão e tolerância ainda consegue ter com este herege incurável. (FREUD apud MORANO apud MELLO, 2014, p. 20).

Pfister reagiu dizendo que preferia ler o trabalho de um descrente como Freud a ler o de mil crentes sem valor. Todavia, ainda que o trabalho de Freud constrangesse Pfister, Freud não abandonaria seu plano. Sempre quando uma ideia surgia e o pressionava, a forma como Freud se aliviava era escrevendo. E de acordo com Gay (2010), “O futuro de uma ilusão” era talvez a sua mais inevitável e previsível obra.

Segundo Gay (2010), Freud, com seu ensaio a respeito da religião, cumpriu aquilo que se prometera há anos: destruir a religião com armas psicanalíticas. Porém, insistiu com Pfister que sua análise sobre religião era uma atitude pessoal que não era compartilhada por outros analistas de valor. Era uma forma de poupar seu amigo com quem mantinha uma rixa cordial sobre Teologia há duas décadas.

Gay (2010) afirma que o estilo combatente, agressivo e provocador na obra de Freud causou um grande alvoroço por parte dos seus críticos, gerando réplicas e contestações. Podemos dizer que “O futuro de uma ilusão” foi uma das suas maiores polêmicas. Porém, Freud já esperava por isso desde o começo: “Serei obrigado a ouvir as mais desagradáveis censuras por causa de minha superficialidade, estreiteza de espírito e falta de idealismo ou compreensão dos mais altos interesses da humanidade.” (MELLO apud FREUD, 2014, p. 20)

É importante salientar que, em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), Freud elucidou a forma com a qual o homem entende e se relaciona com a religião, assim como explicou o modo como a religião explica a partir de seus ritos e doutrinas todo o funcionamento do cosmos e sua proteção que lhe é outorgada por meio de um pai engrandecido e divino diante os percalços da natureza. Freud, diferentemente do que fez em “Totem Tabu”, não abordou a questão da gênese religiosa. Como afirmamos, a questão da religião na obra de Freud de 1927 apresenta um caráter estritamente pessoal e sua análise foi realizada com base no sistema religioso que conhecia melhor e que vivenciou (MORANO, 2009). Sabemos que, do ponto de vista do estudo da religião que Freud realizou em suas obras, “Totem Tabu” é a sua mais contundente obra. A partir desse texto, o tema religião ganhou força na obra freudiana. (FUKS, 2011).

2.7 “O futuro de uma ilusão”: breve resumo¹

“O futuro de uma ilusão” (1927/1996) é sem dúvida o melhor texto de Freud no que tange a relação da religião com a ilusão. A atenção dada pelo autor se desloca para o problema das crenças religiosas de uma maneira geral. As funções sociais das crenças, o seu caráter ilusório, o problema de sua origem e uma estimativa quanto ao seu futuro são os temas principais nessa obra. (ARAÚJO, 2014).

¹ Informamos ao leitor que os resumos das obras: O futuro de uma ilusão e a A questão de uma weltanschauung serão descritos a partir da obra: Deus Analisado? Os Católicos e Freud do autor Ricardo Torri de Araújo.

De acordo com Freud (1927/1996), a principal função das crenças religiosas é ajudar a cultura a cumprir sua função. Contudo, Freud (1927/1996) não irá fazer uma distinção entre cultura e civilização.

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais - e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização -, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível. (FREUD, 1927/1996, p.4-5)

Freud (1927/1996) considera a natureza como uma realidade hostil. Diante dessa força, o homem se sente frágil ao ponto que, viver sozinho seria tarefa quase impossível. Diante dos inúmeros perigos da natureza os homens se uniram e fundaram a cultura. Neste sentido, a primeira função da civilização será de defender o homem contra a violenta natureza. Todavia, sendo uma tarefa árdua ainda que com o avanço da ciência seria, no momento, uma ilusão achar que a dominaria por completo. (FREUD apud ARAÚJO, 2014).

Entretanto, a civilização exige dos sujeitos um alto custo em troca dos privilégios em que ela pode vir a proporcionar uma vez que os homens são antissociais e não dispostos ao trabalho. Contudo, para a “roda” da cultura girar é necessário a renúncia pulsional, pois é dela onde encontramos a gênese da cultura. Sendo assim cada indivíduo se torna virtualmente, a partir da renúncia, um inimigo da civilização. Porém, para uma questão de sobrevivência esta tem de ser defendida por todos. Essa pesada renúncia faz com que os homens sejam virtualmente inimigos da civilização, e esta necessita ser defendida por todos nós. Essa defesa, segundo Freud (1927/1996), é feita por meio de medidas de coerção, regulamentos, instituições e ordens destinadas a reconciliar o homem com a cultura, oferecendo-lhe uma compensação pelos sacrifícios que lhe impõe. (FREUD apud ARAÚJO, 2014)

Entre as compensações, Freud (1927/1996) menciona os ideais culturais, a arte e as crenças religiosas. Estas prestam três serviços: “Exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.” (FREUD, 1927/1996, p. 27). A essa terceira missão, acrescenta-se ainda a legitimidade dos preceitos culturais, o que se consegue por meio da atribuição de uma origem divina aos regulamentos dos quais depende a vida em sociedade". (FREUD apud ARAÚJO, 2014)

As ideias de Freud (1927/1996) podem ser assim resumidas: a vida presente está

orientada para um objetivo elevado, a elevação da alma. Nesse mundo, tudo o que acontece é devido à vontade de uma inteligência superior, que tudo encaminha para o melhor. Uma providência bondosa e amorosa vela sobre cada um de nós, protegendo-nos das forças da natureza hostil. A morte não é o fim, mas o começo de uma nova existência. Os ensinamentos religiosos mostram a vontade de Deus e, por isso, devem ser observados. Ao fim, todo bem é compensado e o mal é punido. Por fim, todos os sofrimentos estão destinados a desaparecer. (FREUD apud ARAÚJO, 2014).

Porém, qual a natureza dessas crenças? Segundo Freud (1927/1996), elas são ilusões, pois, elas servem aos interesses da cultura e, ao mesmo tempo, satisfazem uma série de desejos humanos. Além de ter um caráter neurótico no qual Freud afirma em “Atos obsessivos e práticas religiosas”, a religião tem uma natureza ilusória. (FREUD apud ARAÚJO). Para o pai da Psicanálise, a ilusão não é a mesma coisa que um erro. Crer que os insetos se desenvolvem a partir das fezes, como pensava Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), não é uma ilusão, mas sim um erro. Já a crença de Colombo (1451- 1506) de que havia descoberto um novo caminho marítimo para as Índias é uma ilusão. Mas por quê? Porque Colombo desejava encontrar uma nova rota para as Índias. O singular da ilusão é o fato de ela derivar dos desejos humanos. Uma crença ilusória é uma crença motivada pelo desejo. (FREUD apud ARAÚJO, 2014). Para Freud, “podemos chamar de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação.” (FREUD, 1927/1996, p. 40).

A crença em Deus pai, bem como sua onipotência, onisciência, onipresença e benevolência capazes de proteger o homem, pode ser encontrada em sua origem no sentimento de desamparo infantil e no desejo de proteção que ele oferece. Todo humano em sua meninice se sente desamparado. Percebendo-se assim tão impotente, tão incapaz de desbravar os desafios com que se defronta, é compreensível que a criança deseje encontrar alguém que a proteja. (FREUD apud ARAÚJO, 2014). A mãe costuma ocupar primeiramente esse lugar. Porém, para Freud (1927/1996), essa função que a mãe ocupa é logo substituída pelo pai, que é mais forte. O pai é idealizado pela criança que, com o tempo, percebe que, na verdade, seu pai não é tão forte quanto pensava e, quando adulto, entende que está condenado a permanecer como uma criança desamparada para sempre. Incapaz de dispensar a proteção desfrutada, o homem abraça a crença na existência de Deus, que irá trazer alívio ao seu sentimento de desamparo e debilidade diante da vida. (FREUD apud ARAÚJO, 2014).

A religião para Freud (1927/1996) é comparada a uma neurose infantil. O autor acredita que a humanidade superará essa fase assim como muitas crianças que, ao crescerem,

superam suas neuroses. Porém, se no futuro a religião deixar de existir, quem irá desempenhar suas funções? Segundo Freud (1927/1996), em um futuro sem religião, a ciência assumiria as suas funções. Para o autor, algumas tarefas que a religião propõe cumprir estariam destinadas a ficar sem quem pudesse assumir, por exemplo, compensar os homens pelos sofrimentos da vida presente com a promessa de uma felicidade futura, punir o mal e recompensar o bem, etc. Os seres humanos, para Freud (1927/1996), precisarão aprender a suportar com resignação situações da vida para as quais não há remédio. Temos que suportar esse mal-estar inerente à nossa cultura.

2.8 O sentimento oceânico em “O mal-estar na civilização”

“O mal-estar na civilização” é um livro de Sigmund Freud publicado em 1930 sob o título “Das Unbehagen in der Kultur”. Foi traduzido pela primeira vez para o francês em 1934 por Charles Odier sob o título “Malaise dans la civilisation” e, depois, em 1994, por Pierre Cotet, René Lainé e Johanna Stute-Cadiot sob o título “Le Malaise dans la culture”. Traduzido para o inglês por Joan Riviere, em 1930, sob o título “Civilization and its Discontents”, foi retomado sem modificação por James Strachey em 1961. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Com esse ensaio, Freud (1930/1996) pretende estender à cultura em geral o exame que fez da religião em “O futuro de uma ilusão”. Como que para sublinhar a continuidade entre as duas obras, começa registrando, para criticá-lo, um comentário que a leitura de “O futuro de uma ilusão” havia sugerido a seu amigo Romain Rolland. Escrevendo a Freud para lhe agradecer a remessa do livro, o autor lastimara que, no texto, não se abordasse a questão da origem do sentimento religioso. Com esse termo, Rolland designava uma sensação religiosa, isto é, o fato simples e direto da sensação do eterno, qualificado sentimento oceânico. (ROUDINESCO; PLON 1998).

Em “O mal-estar na civilização” (1930/1996), Freud foca seus estudos nas origens da infelicidade, no conflito entre indivíduo e sociedade e nos seus diferentes aspectos na civilização. De modo geral, Freud (1927/1996) aponta que os indivíduos empregam falsos padrões de avaliação para si mesmos – de poder, sucesso, riqueza – e os contemplam nos outros, ao passo que subestimam os autênticos valores da vida. Valores estes encontrados em grandes homens, contudo, não reconhecidos e completamente alheios aos objetivos e às ideais das multidões. Em um primeiro momento, o autor se referêcia em uma de suas obras anteriores (“O futuro de uma ilusão”) e menciona, a título de exemplo, como homem excepcional de sua

época Romain Rolland (1866-1944), premiado com o Nobel em Literatura no ano de 1915.

O autor relata que encaminhou sua obra a seu amigo Rolland, que lhe respondeu que concordava inteiramente, embora ele, Freud, não tenha apreciado corretamente a verdadeira fonte da religiosidade. Essa fonte é sentida por muitos como Rolland chama de uma sensação de eternidade, um sentimento oceânico. Esse sentimento é subjetivo e não tem ligação com a fé propriamente dita. Não oferece garantias e é fonte de energia religiosa que detém as igrejas e os sistemas religiosos. Continua relatando que uma pessoa pode rejeitar toda ilusão e crença e continuar se denominando religiosa, cujo único fundamento é esse sentimento oceânico. Freud (1930/1996) reclama nunca ter sentido este sentimento. Nada em sua experiência pessoal diz sobre essa sensação. A única coisa que o autor diz poder fazer é questionar se esse sentimento deve ser encarado de fato como fonte de toda necessidade de religião.

Para tanto, Freud (1930/1996) traça uma explicação psicanalítica – genética – para essa sensação, apontando que de início nada é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, ou seja, do nosso ego. Este desdobra-se interiormente em uma entidade mental inconsciente no qual ele chama de Id ocasionando uma relação entre ambos. O ego ergue-se sob uma fachada entre o id e o mundo externo, mas, de acordo com a ideia de sentimento oceânico, é impossível que essa relação tenha se dado desde o princípio, ao invés disso, ela se construiu no adulto evolutivamente.

A fim de ficar mais claro, Freud (1930/1996) afirma que o bebê não consegue separar o seu ego do mundo externo como fonte de sensações que recaem sobre ele. O lactente aprende gradualmente a fazê-lo, reagindo a uma gama de estímulos. Dentro dos estímulos que o bebê recebe, o mais primário e desejado é o seio materno, que, na sua ausência, desperta no ego a vontade pelo objeto que está fora do seu alcance e que, a partir de suas lamentações, reclama seu retorno pelo princípio do prazer. Surge, então, de acordo com o autor, uma tendência a isolar o ego de tudo que pode vir a ser fonte de desprazer e jogá-lo para fora. Nessas lutas constantes, o bebê começa a aprender a diferenciar o que pertence ao ego e o que é externo, ou seja, que emana do mundo externo. Dessa forma, surge o primeiro passo do que o autor chama de princípio da realidade, que deve dominar o desenvolvimento futuro. Contudo, há fragmentos do estado original, ou seja, da não delimitação clara entre mundo externo e interno que o bebê experimentou que sobrevive no ego adulto. O passado se preserva na vida psíquica em diferentes intensidades.

Assim, para o pai da Psicanálise, o sentimento oceânico que existe em muitos homens remonta sua origem a uma fase primitiva do ego. O autor questiona que direito tem esse sentimento de ser considerado como fonte das necessidades religiosas. Para ele, esse direito

não é obrigatório, pois, segundo o autor:

Um sentimento só poderá ser fonte de energia se ele próprio for expressão de uma necessidade intensa. A derivação das necessidades religiosas, a partir do desamparo do bebê e do anseio pelo pai que aquela necessidade desperta, parece-me incontrovertível, desde que, em particular, o sentimento não seja simplesmente prolongado a partir dos dias da infância, mas permanentemente sustentado pelo medo do poder superior do Destino. Não consigo pensar em nenhuma necessidade da infância tão intensa quanto a da proteção de um pai. (FREUD, 1930/1996, p. 81).

Dessa forma, para Freud (1930/1996), o sentimento oceânico nada mais é que uma tentativa ao retorno do narcisismo ilimitado. A origem da religiosidade, conforme o autor, está ligada ao sentimento de desamparo infantil. O autor admite que pode haver algo a mais por trás disso, mas que ainda está envolto em obscuridade. Em um outro momento, Freud (1930/1996), já na segunda parte de sua obra, afirma novamente que o ego humano tem uma tendência a afastar tudo o que causa desprazer para o sujeito, tentando, assim, evitar o sofrimento. Todavia, Freud (1930/1996) assegura que é muito mais fácil para o homem experimentar o sofrimento do que a felicidade, pois a vida é repleta de paradoxos e situações angustiantes das quais nós não temos controle.

Diante dessa realidade, tendemos a criar uma providência divina, que é o protótipo da figura do pai. Um pai compreensivo que irá nos proteger do mundo hostil. Essa medida, no entanto, é uma medida paliativa, que tem influência no psiquismo humano, assim como as fantasias e as drogas. Reiterando, conforme o autor, as necessidades religiosas têm origem a partir do desamparo infantil. O adulto, a fim de reencontrar “aquele” pai que dava proteção e amor, irá recorrer à religião. Portanto, para Freud (1930/1996), a religião seria:

O sistema de doutrinas e promessas que, por um lado, lhe explicam os enigmas deste mundo com perfeição invejável, e que, por outro lhe garantem que uma providência cuidadosa velará por sua vida e o compensará, numa existência futura, de quaisquer frustrações que tenha experimentado aqui. (FREUD, 1930/1996, p. 82).

Como a realidade sempre causa sofrimento ao indivíduo, este rompe com ela e cria então para si uma nova realidade. Nem a ciência nem religião tornaram o homem mais feliz, entretanto, a ciência contribuiu de certa forma para amenizar seu sofrimento e melhorar sua qualidade de vida. A religião, segundo Freud (1930/1996), também contribuiu no sentido de fortalecer o homem para suportar a vida, já que a evolução da civilização não o livrou das dificuldades e dos paradoxos da existência. No entanto, Freud (1930/1996) critica a religião, no sentido em que ela restringe a escolha do sujeito em encontrar seu próprio caminho. A religião impõe ao sujeito um meio próprio para se obter felicidade e se proteger contra o sofrimento. Portanto, as pessoas que foram educadas para uma formação religiosa não

suportariam viver sem a presença dela.

2.9 A questão de uma *weltanschauung*: uma educação para realidade

Livro de Sigmund Freud publicado em alemão em 1933 sob o título “Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse”. Traduzido para o francês pela primeira vez em 1936 por Anne Berman (1889-1979) sob o título “Nouvelles conférences sur la psychanalyse”, mais tarde, em 1984, por Rose-Marie Zeitlin, sob o título “Nouvelles conférences d’introduction à la psychanalyse”, e, novamente em 1995, por Janine Altounian, André Bourguignon (1920- 1996), Pierre Cotet, Alain Rauzy e Rose-Marie Zeitlin, sob o título “Nouvelle suite des leçons d’introduction à la psychanalyse”. Traduzido para o inglês pela primeira vez em 1933, por W.J.H. Sprott, e depois em 1964, por James Strachey, sob o título “New Introductory Lectures on Psycho- Analysis”. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em “Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise”, uma série de conferências dadas por Freud para atualizar o leitor a respeito do progresso da teoria psicanalítica, o autor retorna às teses principais do livro “Futuro de uma ilusão”, mais precisamente na conferência XXXV: A questão de uma *weltanschauung* (1933/1996).

De acordo com Araújo (2014), termo *weltanschauung* é uma palavra alemã cujo significado para o português mais apropriado é “cosmovisão” ou “visão de mundo”. Freud (1933/1996) a definiu da seguinte maneira:

Uma visão de mundo é uma construção intelectual que resolve de uma forma unitária todos os problemas de nossa existência a partir de uma hipnose compreensiva, na qual, por conseguinte, nenhuma questão fica aberta e onde tudo o que nos interessa encontra o seu lugar determinado. É fácil compreender que a posse de tal visão de mundo é um dos desejos ideais dos homens. Crendo nela, é possível sentir-se segurança em vida, saber a que se deve aspirar e como atribuir um lugar aos seus afetos e aos seus interesses da maneira mais adequada. (FREUD, 1933/1996, p. 67).

A partir da definição de que é uma *weltanschauung* dada por Freud (1933/1996), podemos fazer a seguinte pergunta: a Psicanálise é capaz de se tornar uma *weltanschauung*? Freud afirma que não. A Psicanálise é um ramo da Psicologia, é a psicologia do inconsciente e pertence, pois, ao campo da ciência. Sendo uma disciplina da ciência, a Psicanálise é incapaz de construir uma *weltanschauung* própria, cabendo-lhe aceitar a *weltanschauung* científica. Porém, a ciência está muito longe de receber esse nome, pois ainda é muito incompleta, não sendo capaz de abranger todas as coisas. Freud (1933/1996) afirma que a ciência é uma atividade muito nova na história humana. Contudo, parece ter esperança que, em um futuro, ela possa produzir uma *weltanschauung* realmente digna desse nome. Pode-se

falar de uma *weltanschauung* científica, porém se trata de uma *weltanschauung* muito empobrecida. (FREUD apud ARAÚJO, 2014)

Sendo a Psicanálise pertencente à *weltanschauung* científica, Freud (1933/1996) irá se voltar para outras três formas de *weltanschauung*: a arte, a filosofia e a religião, totalmente contrárias à *weltanschauung* científica. Porém, dentro dessas três potências que podem competir com a ciência, Freud (1933/1996) considera que a religião deve ser seriamente vista como adversária. (FREUD apud ARAÚJO, 2014).

“A arte quase sempre é inócua e benéfica; não procura ser nada mais do que uma ilusão. Excetuando algumas pessoas que se diz serem ‘possessas’ pela arte, esta não tenta invadir o reino da realidade. A filosofia não se opõe à ciência, comporta-se como uma ciência e, em parte, trabalha com os mesmos métodos; diverge, porém, da ciência, apegando-se à ilusão de ser capaz de apresentar um quadro do universo que seja sem falhas e coerente, embora tal quadro esteja fadado a ruir ante cada novo avanço em nosso conhecimento. Perde o rumo com seu método de superestimar o valor epistemológico de nossas operações lógicas e ao aceitar outras fontes de conhecimento, como a intuição. (...)Por outro lado, a religião é um poder imenso que tem a seu serviço as mais fortes emoções dos seres humanos. Sabe-se muito bem que, em períodos anteriores, abrangia tudo o que desempenhava um papel intelectual na vida do homem, que ela assumia o lugar da ciência ali onde mal havia algo que se assemelhasse à ciência, e que ela construía uma *Weltanschauung* coerente e autossuficiente num grau sem paralelo e que, embora profundamente abalada, persiste na atualidade.(FREUD, 1933/1996, p. 109)

Segundo Freud (1933/1996), a gênese da crença religiosa é originada pelo desamparo infantil. Durante a infância, a criança, em seu desamparo, exposta encontra no pai proteção e segurança de que necessita. Na sua fase adulta, percebe que seu pai não é dotado de todos os poderes que outrora pensava. Sendo adulto, encontra-se tão desamparado quanto na sua fase infantil. (FREUD apud ARAÚJO, 2014). Como, porém, não pode passar sem a proteção de que gozava enquanto pequeno, o indivíduo “retorna à imagem mnêmica do pai, a quem, na infância, tanto supervalorizava. Exalta a imagem transformando- a em divindade e torna-a contemporânea e real.” (FREUD, 1933/1996, p. 172). A crença em Deus é sustentada pela força afetiva da imagem mnêmica do pai e pela necessidade de proteção. Essa crença é tida como ilusão, uma vez que consiste na realização de desejos infantis. Na verdade, crer em Deus nada mais é que do que acreditar que, no desejo humano persiste a necessidade humana de proteção frente ao desamparo. (FREUD apud ARAÚJO) A religião, segundo o autor, ainda oferece outros proveitos: “Ela lhes dá informações sobre a proveniência e a aparição do mundo, ela lhes assegura proteção e felicidade final nas vicissitudes da vida e ela dirige as suas opiniões e ações por meio de preceitos que sustenta com toda sua autoridade.” (FREUD, 1933/1996, p. 174).

Em relação às funções, a religião promete satisfazer a necessidade de conhecimento do

homem por meio de uma cosmovisão, garantindo paz ao homem diante ao imponderável da vida, trazendo-lhe alento aos infortúnios e um final feliz. Por fim, a religião estabelece preceitos e restrições de que depende o homem para o convívio social. Observamos que esses papéis da religião são as mesmas funções desempenhadas pelos pais ou pelo pai na infância de qualquer pessoa. Informar, proteger e educar é o que compete aos pais e que os crentes também esperam que Deus realize. (FREUD apud ARAÚJO, 2014). A religião também pode ser equiparada a uma neurose de crescimento, ou seja, às dificuldades que muitos enfrentam na transição da infância rumo à maturidade. Todavia, é necessário que essa transição ocorra, pois, para o autor, “o mundo não é um aposento de crianças.” (FREUD, 1933/1996, p. 176).

Segundo Freud (1933/1996), a partir do desenvolvimento do espírito científico, os homens começaram a questionar as verdades religiosas e a tratá-las como assunto humano, submetendo-as a um exame crítico. Todavia, a religião reagiu de forma feroz. Ela estabeleceu a proibição do pensamento para apelar a sua existência. No entanto, para Freud (1933/1996), a religião não tem o direito de não comparecer junto ao tribunal da razão. Ele está convicto do desmoronamento da *weltanschauung* religiosa, resultado inevitável da investigação científica. Sob os escombros do discurso religioso, levantará um edifício muito mais desprezível. E, quando isso acontecer, para o autor, a humanidade terá dado um enorme passo em direção à maturidade. (FREUD apud ARAÚJO, 2014)

Diante de tal posição firme e contrária perante a religião, Pfister (1927/1998) observava a dificuldade de estabelecer um diálogo com Freud a respeito do assunto. As posições filosóficas, morais e estéticas os distanciam de uma maneira abismal. Pfister (1927/1998) afirmou: “Não posso discutir com o senhor sobre religião porque o senhor rejeita totalmente a filosofia, porque possui uma opinião sobre a arte muito distinta da minha e porque considera a moral como algo evidente. Sobre estas questões eu penso de forma totalmente diferente”. (PFISTER, 1927/1998 apud ERNEST; HEINRICH, p. 131). Todavia, Pfister relata que “Freud é positivista, e podemos agradecer a Deus por isso. Sem a sua dedicação concentrada no empírico ele não se teria transformado num desbravador.” (PFISTER, 1928, p. 41).

Apesar da profunda diferença de pensamento sobre o tema religião, Pfister nutria uma grande consideração por Freud, que o retribuía e que sempre confiou nele. Pfister soube manter com o pai da Psicanálise uma relação desprovida de venerações, nunca hesitando em polemizar, quando surgia entre eles uma discordância, principalmente a respeito da fé.

2.10 Considerações finais

Desde o começo de sua investigação psicanalítica, Freud não se conteve por apresentar a Psicanálise como uma esfera do saber científico. Dentro dos inimigos da razão, Freud elege a religião como uma de suas mais poderosas inimigas. Para o pai da Psicanálise, a ciência triunfará sobre a religião, tirando a civilização de sua infância, pois, para o pai da Psicanálise, a religião, além de uma neurose, seria uma ilusão, sendo que esta é uma crença motivada pela realização de um desejo infantil. É importante salientar que a definição de ilusão em Freud é notoriamente marcada por esse componente de realização sempre que esse tema é debatido.

Segundo Garcia (2007), “as formações ilusórias, portanto, sempre expressam um desejo, o que justifica sugerir que a problemática da ilusão já se faz presente no texto freudiano desde o final do século XIX, especialmente na ‘Interpretação dos Sonhos’.” (GARCIA, 2007, p. 169). E essa crença continua no adulto, pois, de acordo com Ceccarelli (2013), para Freud, permaneceremos para sempre crianças.

A perspectiva freudiana não deixa dúvida: por permanecermos eternamente crianças, teremos sempre a necessidade de uma ilusão para acolher nosso desamparo constitutivo. Para nos sentirmos amparados e, mais ainda, para termos nossas ações caucionadas por um ser superior – o pai, Deus, o chefe, a comunidade, os líderes, as instituições – não medimos esforços: tudo é bom, desde que nossas angústias sejam acolhidas e nosso mais antigo desejo infantil [de proteção] realizado (CECCARELLI, 2013, p. 03-04).

É importante dizer também que, para o pai da Psicanálise, a ilusão pode se aproximar dos delírios psiquiátricos, mas não é a mesma coisa. “No caso destes, enfatizamos como essencial o fato de eles se acharem em contradição com a realidade.” (FREUD, 1927/1996, p. 40). A ilusão, segundo Freud (1927/1996), não tem que ser necessariamente irrealizável ou estar em contradição com a realidade.

Por exemplo, uma moça de classe média pode ter a ilusão de que um príncipe aparecerá e se casará com ela. Isso é possível, e certos casos assim já ocorreram. Que o Messias chegue e funde uma idade de ouro é muito menos provável. Classificar-se essa crença como ilusão ou como algo análogo a um delírio dependerá da própria atitude pessoal (FREUD, 1927/1996, p. 41)

Contudo, Freud (1927/1996) caracteriza algumas doutrinas religiosas próximas do delírio. Embora a ilusão seja insuscetível de prova, algumas doutrinas religiosas “são tão improváveis, tão incompatíveis com tudo que laboriosamente descobrimos sobre a realidade do mundo, que podemos compará-las – se consideramos de forma apropriada as diferenças psicológicas – a delírios.” (FREUD, 1927/1996, p. 42).

No que tange às ilusões, o autor vai mais longe ao questionar se outros aspectos de nossa vida a que damos um alto valor também não seriam ilusões. Para ele,

Após termos identificado as doutrinas religiosas como ilusões, somos imediatamente defrontados por outra questão: não poderão ser de natureza semelhante [também ilusões] outros predicados culturais de que fazemos alta opinião e pelos quais deixamos nossas vidas serem governadas? Não devem as suposições que determinam nossas regulamentações políticas serem chamadas também de ilusões? (FREUD, 1927/1996, p. 47).

O pai da Psicanálise estava aberto ao fato de ele mesmo estar sendo guiado por ilusões em seu projeto cientificista. “Devo, no entanto, moderar meu ímpeto e admitir da possibilidade de estar, eu mesmo, perseguindo uma ilusão.” (FREUD apud GAY, 1992, p. 42). Contudo, Freud se defende afirmando que, sobre suas ilusões, se assim o forem (de um projeto cientificista), não há punição para com quem delas não compartilham e não são incorrigíveis. Se experiência, diz o pai da Psicanálise, “vier a demonstrar, não para mim, mas para outros depois de mim, que pensem da mesma maneira, que nos enganamos, então renunciaremos a nossas esperanças.” (FREUD apud GAY, 1992, p. 43).

O nosso deus *Aóγος* talvez não seja um deus muito poderoso, e poderá ser capaz de efetuar apenas uma pequena parte do que seus predecessores prometeram. Se tivermos de reconhecer isso, aceitá-lo-emos com resignação. Não será por causa disso que perderemos nosso interesse no mundo e na vida, pois dispomos de um apoio seguro, que falta a você. Acreditamos ser possível ao trabalho científico conseguir um certo conhecimento da realidade do mundo, conhecimento através do qual podemos aumentar nosso poder e de acordo com o qual podemos organizar nossa vida. Se essa crença for uma ilusão, então nos encontraremos na mesma posição que você. Mas a ciência, através de seus numerosos e importantes sucessos, já nos deu provas de não ser uma ilusão. Ela conta com muitos inimigos manifestos, e muitos outros secretos, entre aqueles que não podem perdoá-la por ter enfraquecido a fé religiosa e por ameaçar derrubá-la. (FREUD, 1927/1996, p. 63).

Ilusão e neurose são a base do pensamento freudiano acerca da religião, e Freud tenta combater essa temática ao longo de sua vida propondo um projeto secularista que possa levar a humanidade a um progresso e a um amadurecimento científico.

3 PFISTER: O DIÁLOGO ENTRE PSICANÁLISE E RELIGIÃO

Pfister, em uma carta direcionada a Martha Freud, datada em 12/12/39, afirma possuir um total de 134 cartas e cartões-postais que recebera de Freud. Dessas, somente 99 foram para a publicação, nem sempre completas. A coletânea tem dois editores. Da parte de Freud, seu filho Ernst, que agradece sua irmã Anna Freud por seu auxílio na seleção das cartas. Heinrich Meng, outro editor, indicado pelo espólio de Pfister, afirma que, em 1944, Pfister atribuiu a ele a tarefa e a responsabilidade de publicar as cartas sob condições similares àquelas impostas a Anna Freud, de eliminar dos fragmentos das cartas o que pudesse ferir as pessoas vivas. Em 1909, quando começa a correspondência entre ambos, Freud tinha 53 anos e Pfister, 36. Ao longo de quase três décadas, observam-se oportunidades de discussões mais fortes, mas isso não impedia a admiração, a lealdade e uma mútua amizade.

Oskat Pfister (1873-1956) nasceu em Widikon, subúrbio de Zurique, em 23 de fevereiro de 1873. Seu pai, pastor evangélico, entregava-se arduamente aos trabalhos pastorais, especialmente aos seus paroquianos mais pobres e doentes, principalmente às crianças que, na época, sofriam de difteria. Devido aos aspectos do seu trabalho, o pai de Pfister desejou completar sua formação com estudos em Medicina, porém, não conseguiu terminar devido ao seu falecimento precoce. Na época da morte do seu pai, Pfister tinha três anos. Sua família se mudou para Floresta Negra de Baden para estabelecer-se em uma instituição comunitária em Konisfeld, retornando para Zurique quatro anos mais tarde. (MORANO, 2008).

Pfister, durante sua infância, foi criado dentro de um dogmatismo ortodoxo que, para ele, era difícil suportar. Seu espírito crítico diante dos ensinamentos ortodoxos esteve presente desde sua adolescência. Ainda na escola, dedicava-se a formular críticas em relação aos textos bíblicos, procurando encontrar explicações científico-históricas para os relatos do livro sagrado. (MORANO, 2008).

Sua formação em Teologia teve influência de Hegel (1770-1831), Strauss (1825-1899), Schleiermacher (1768-1834), entre outros. Durante sua formação, Pfister se encontrava desmotivado devido ao ambiente de especulações e às disputas entre várias correntes teológicas, que considerava puramente charlatanismo. Procurou enveredar para Filosofia como auxílio para o entendimento dos grandes problemas teológicos. Todavia, encontrou na Filosofia os mesmos problemas que tinha identificado na Teologia. Segundo Morano (2008), Pfister foca, então, na Teologia a partir de uma perspectiva filosófica religiosa de Lotze (1819-1881).

Em relação à Psicologia, Pfister tinha por ela um grande interesse. Durante seus estudos em Filosofia e Teologia na Universidade de Basileia, assistia constantemente às aulas dessa

ciência. Em sua tese de doutorado, dedicou-se ao estudo da construção psicológica da obra de Biedermann. Em 1903, Pfister formulou uma crítica em um artigo em relação ao abandono da Psicologia no currículo da Teologia. Afirmava que, com esse abandono, a Teologia iria se isolar ainda mais do restante das ciências humanas. (MORANO, 2008).

Todavia, tudo que havia investigado em Psicologia da religião era para ele tão obsoleto quanto boa parte da Teologia que havia estudado. Em 1908, criticou duramente a incapacidade tanto da Psicologia quanto da Teologia de oferecer auxílio à angústia e ao sofrimento humano. Ainda nesse mesmo ano, recusou o cargo como professor de Teologia Sistemática da Universidade de Zurique, assim como recusaria também o de professor de Filosofia na Universidade de Riga. De acordo com Morano (2008), o motivo se dava pelo trabalho de ação pastoral que Pfister realizava desde 1897 em Wald e, posteriormente, em 1902, ele se tornaria pastor na Paróquia dos Pregadores, onde se dedicaria durante 37 anos como labor fundamental de sua vida.

Pfister era entusiasta em pregar no púlpito. Gostava de ensinar religião. Trabalhava com 400 jovens entre 12 e 16 anos provenientes de distintos distritos escolares, e nos quais dizia nunca ter tido dificuldade em manter a ordem. Durante seu trabalho, Pfister se deparou com alguns textos de Freud que haviam chegado a ele por intermédio de Jung (1875-1961), a quem pedira orientação sobre o caso de uma mãe de família atormentada por delírios paranoides. A leitura desses textos freudianos impactou Pfister tão profundamente que, anos mais tarde, mais precisamente em 1931, em uma mesa-redonda com outros pastores reformados da Suíça, dizia que, com a Psicanálise, teve êxito onde antes era impossível fazer algo válido a partir de velhos métodos. Dizia ainda que, por meio da Psicanálise, poderiam ser reativadas energias que outrora não tinham saída e que conduziam à enfermidade e à loucura. (MORANO, 2008).

A partir do encontro com a Psicanálise, Pfister, conseqüentemente, tornou-se um bom amigo de Freud e obteve reconhecimento e respeito no campo psicanalítico. Devemos considerar que a presença de Pfister na Psicanálise contribuiu para a abertura para esferas não judaicas, como abertura para espaços não exclusivamente médicos.

Freud tinha uma grande preocupação nos primórdios da Psicanálise com o fato de que ela pudesse estar muito restrita ao meio judaico. A Psicanálise, para Freud, era uma ciência e, portanto, não necessitava de nenhum qualitativo. É importante ressaltar que Freud nunca se sentiu ofendido por ser judeu, muito pelo contrário, ele sempre se colocou como pertencente ao povo judaico. Porém, não se via como um cientista judeu. Freud apenas temia, e não sem razão, que a identificação da Psicanálise com o judaísmo poderia trazer mais antissemitismo contra seu povo. (MORANO, 2008).

Como assinalamos, Pfister era cristão e filho de pastor protestante tal como Jung. O interesse de Freud em manter laços com o grupo suíço perpassava por essas questões mencionadas. Em uma correspondência a Ferenezi (1873-1933), sua meta ao estreitar as relações com os suíços era juntar judeus e gentios a serviço da Psicanálise. (MORANO, 2008). Uma das mais fortes contribuições da presença de Pfister na Psicanálise foi o fato que ele levava essa ciência em direção a domínios não médicos. Com Pfister, deu-se a abertura da Psicanálise ao campo da “cura das almas” e ao mundo dos pedagogos e educadores.

A introdução da Psicanálise no campo da cura das almas, ou seja, da religião, provocava em Freud uma certa apreensão, uma ambivalência por assim dizer. Em uma carta direcionada a Jung, Freud afirma achar valoroso o trabalho de Pfister, porém, acha estranho ver a Psicanálise na luta contra os pecados. (MORANO, 2008).

Em um outro momento, escreve a Pfister acerca de seu curso de Psicanálise para um grupo de professores e diz que os professores necessitavam conhecer toda a verdade da Psicanálise em benefício de uma criança saudável. Segundo Morano (2008), esta foi uma das principais contribuições de Pfister no movimento psicanalítico: ter sido o primeiro a introduzir a Psicanálise ao campo da Pedagogia.

Com relação à abertura da Psicanálise ao campo da educação, tal ação era de suma importância, pois daria ao movimento o acesso à juventude juntamente com a ampliação a um campo para além da clínica. A Psicanálise deixaria de ser uma mera técnica de tratamento para colher e render frutos em sua aplicação a pessoas mentalmente sãs. Vale afirmar que a Psicanálise foi, desde o início, uma grande resistência para os médicos, de modo que Freud voltou seu olhar ao campo das ciências humanas acreditando ter uma audiência mais receptiva. Freud confia a Pfister: “Estimulou-me a certeza de encontrar entre os pedagogos um novo círculo de leitores que ainda não se havia incorporado à Psicanálise. Nosso poder de expressão nos meios médicos é, infelizmente, muito limitado, de forma que é importante conquistar espaços fora.” .

A publicação da obra de Pfister intitulada “O método psicanalítico” (1913), texto esclarecedor da Psicanálise direcionado para pedagogos, foi vista como uma grande contribuição do pastor para o crescimento do movimento psicanalítico. Para Freud, a Psicanálise exige uma formação mais psicológica que médica, e muitos médicos não se encontravam preparados para seu exercício. Ainda conforme Freud, o que garante uma aplicação da Psicanálise sem prejuízo se situa na personalidade do analista. (MORANO, 2008).

Pfister desenvolveu um trabalho precioso oferecendo cursos e conferências para mostrar a importância da Psicanálise no que se refere principalmente aos campos da Pedagogia e da

Teologia. Na década de 20, segundo Gay (1989), Pfister realizou inúmeros trabalhos, tanto na Alemanha quanto na Inglaterra, procurando convencer professores sobre a importância do saber psicanalítico a ser difundido entre seus alunos.

Em Berlim, onde se tinha um grande centro psicanalítico, Pfister também deu suas palestras. Na Sociedade para o Estudo Científico da Religião, Pfister realiza uma conferência para teólogos acerca da Psicanálise, que é acolhida favoravelmente. Ainda de acordo com Gay (1992), em uma carta direcionada a Freud, Pfister diz acerca de suas atividades: “Participei de um encontro em que dois professores de Teologia defenderam calorosamente a indispensabilidade da Psicanálise na teologia histórico-crítica.” (PFISTER apud GAY, 1992, p. 92). Em Koblenz e Nuremberg, realiza conferências a pastores e afirma que encontrou tanto interesse quanto ignorância (GAY, 1992). Alguns anos mais tarde, em 1927, foi convidado a dar uma conferência na faculdade de Teologia de Birmingham, assim como também em vários países nórdicos, onde obtém sucesso na divulgação da Psicanálise.

Pfister também deixou uma grande contribuição escrita. Foram quase 300 publicações ao longo de sua vida. Sua obra “O método psicanalítico”, acerca da evolução da técnica psicanalítica, foi o primeiro trabalho prefaciado por Freud. Nesse livretinho, merece ser ressaltado o conceito psicanalítico dado por Pfister sobre a sexualidade, conceito que poderia ter tido mais atenção pelo próprio Freud. (MORANO, 2008).

De acordo com o teólogo, Freud imputava os sintomas neuróticos ao recalçamento de lembranças desagradáveis em sua maioria de caráter sexual entendido em seu sentido mais vulgar e habitual. A cura era obtida por meio da catarse. Entretanto, mais à frente, a Psicanálise tratou do recalçamento de fantasias e lembranças e foi progressivamente situando a origem da neurose no complexo de Édipo. Aqui, a cura começou a ser vista a partir da análise de transferência e da resistência. Nesse momento, surge o conceito de psicosexualidade, que pretendia dar conta de uma realidade ampla e complexa que incluía todas as formas compreendidas sob o termo amor. (MORANO, 2008).

Para o pastor, nesse momento, deveria ter um outro termo que não sexualidade para definir melhor essa realidade ampla e complexa à qual a Psicanálise deseja referir, pois, assim, acredita que poderia evitar a acusação da Psicanálise ser pansexualista, acusação que a acompanhava desde seus primórdios. Essa compreensão acerca do termo psicosexualidade trouxe, segundo Pfister, inúmeros opositores que pensavam que, a partir desse conceito de psicosexualidade, tornava mais complicado o entendimento da teoria da libido e da sublimação. (MORANO, 2008).

De acordo com Morano (2008), a obra de Pfister aborda temas acerca da educação, da

cura das almas e da Teologia. Pfister também procurou levar a Psicanálise a estar incursa em outros campos, tal como a Filosofia e a Arte. A contribuição de Pfister não se limitou à propagação da teoria freudiana fora do campo psicanalítico. No próprio movimento, desempenhou tarefas importantes. Foi desde o início membro da Sociedade Psicanalítica da Suíça, fundada anteriormente em 1907 com o nome Sociedade Freud. Veremos a seguir o interesse de Pfister para Psicanálise, a cura das almas e a experiência religiosa.

3,1 Pfister, Psicanálise e a cura das almas

Podemos afirmar que um dos principais interesses que fez Pfister se aproximar da Psicanálise foi para aprofundar seu entendimento da ação pastoral na qual estava radicalmente consagrado: a “cura das almas” (Seelsorge), que, de acordo com Morano (2008), era um termo usado na Alemanha na época. Uma “cura das almas” buscava um bem global, espiritual, psíquico e humano dos fiéis.

O interesse de Pfister pela Psicologia e pela Medicina o colocava em destaque frente à Teologia e à ação pastoral da época. Considerava urgente a necessidade de a Teologia enfrentar-se de forma exigente com os dados obtidos pela ciência moderna. A depravação moral que os processos de industrialização haviam intensificado de forma salutar o impulsionava nessa direção. Conflitos humanos diversos saltavam aos olhos de Pfister e o conduziam a buscar auxílio na Psicologia. Acreditava que poderia encontrar nessa ciência a possibilidade de superar as limitações impostas pela velha Teologia em responder às angústias do homem moderno. Assim, Pfister criticava veementemente a ineficácia dos métodos pastorais por sua incompreensão psicológica, histórica e crítica. (MORANO, 2008). A preocupação fundamental de Pfister era levar seus fiéis a uma reintegração do amor, removendo as tendências inconscientes e liberando determinadas energias psíquicas recalçadas.

É exatamente nessa liberação da capacidade de amar que Pfister faz uma conexão entre as propostas do Evangelho e da Psicanálise. Em uma de suas obras intitulada “Cura neotestamentária das almas e terapia psicanalítica”, o pastor visa a uma reflexão para justificar essa analogia entre o Evangelho e Psicanálise. De acordo com Morano (2008), nessa obra, Pfister afirma que, tanto a cura das almas quanto o Novo Evangelho e também a Psicanálise nascem da condição de acabar com a angústia engendrada pelo sentido da falta. Em ambos os casos, o sofrimento psíquico é contemplado pela infração da autoridade, entendida como um absoluto. Disso resulta, tanto na visão de Cristo como no tratamento psicanalítico, operar uma regressão que podemos supor uma figura paterna opressiva para um

pai bom e que ama incomensuravelmente.

Na visão de Cristo, a transformação do sujeito se dá pela restituição da capacidade de amar porque entendemos pelo processo de conversão, no qual a intervenção da graça divina é decisiva. Na análise, é o sujeito que deve extrair as consequências éticas de sua própria transformação; em ambos os casos, a transferência positiva exerce um importante papel: é fundamental ter a presença de um mediador que reúna simultaneamente traços repreensivos e profundamente humanos; nos dois casos, a recuperação da infância não é levada à risca sem que seja corrigida e elaborada.

O autor assim acredita que o método psicanalítico é uma cura das almas, secularizada e elaborada cientificamente, que está de acordo com muitos pontos de Jesus. Embora certamente apresentem diferenças, a afinidade é tão gigantesca que ambas não deveriam combater-se como adversárias, mas sim se considerarem aliadas na medida em que ambas pretendem libertar e curar o sujeito pela verdade e pelo amor.

Morano (2008) afirma que Pfister acredita na dimensão inconsciente da experiência religiosa e nos entrelaçamentos entre uma religiosidade conectada ao medo, à angústia, à culpa e aos poderes mais ocultos do inconsciente. Para o pastor, esse tipo de religiosidade é totalmente patológico. Pfister pensa que, nesse tipo de religiosidade, é necessário substituir os juízos inconscientes pelo amor de Deus. A libertação da capacidade de amar se apresenta como um pilar fundamental para Pfister no que se refere à sua prática pastoral e analítica.

Todavia, Pfister acredita que a libertação do amor envolve vários processos que podem se tornar muito penosos. A indagação das próprias estruturas da personalidade, fatores que obstruem o sujeito em si mesmo, a angústia gerada pela abolição das próprias defesas, as satisfações perversas vinculadas a estruturas do passado, entre outros, são elementos substanciais que Pfister de modo algum subestima. (MORANO, 2008).

3.2 Contextualização de “A ilusão de um futuro”

Esse ensaio foi publicado em 1928, em alemão, com o título “Die Illusion einer Zukunft: Eine freundschaftliche Auseinandersetzung mit Prof. Dr. Sigmund Freud”, na revista “Imago”, em que Oskar Pfister fora cooperador, com um número total de 35 páginas. Em 1993, o ensaio foi traduzido para o inglês com o título “The illusion of a future: a friendly disagreement with Prof. Sigmund Freud”. E, finalmente, em 2003, a obra foi traduzida para o português pela professora e pesquisadora Dr.^a Karin Hellen Kepler Wondracek juntamente com o professor Dr. Ditmar Junge finalmente traduziram esta obra para o português. É importante dizer que essa

tradução foi realizada a partir do alemão, sob a revisão de Werner Fuchs, sem alteração referente ao título da obra. (MELLO, 2014)¹.

Depois do aviso antecipado a respeito da publicação de “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), o pastor-analista se situou abertamente e amigavelmente, não mostrando espanto quanto à posição do pai da Psicanálise no que se refere à religião: “No tocante à sua brochura contra a religião sua rejeição da religião não me traz nada de novo.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 46). O analista de Zurique considerava um privilégio ter em Freud um adversário de grande envergadura intelectual. Para ele, Freud seria muito mais interessante ao desenvolvimento da religião do que muitos devotos que em nada contribuem: “Um adversário de grande capacidade intelectual é mais útil à religião que mil adeptos inúteis” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 47).

Ao mencionar os tolos da religião, o pastor provavelmente estava se voltando aos teólogos contemporâneos dele: “É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassem de modo tão lamentável. (...) envolveram-se demais numa tola disputa por princípios.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2015, p. 47).

Como educador, Pfister defendia a liberdade de expressão e demonstrou sempre respeito para qualquer opinião divergente do amado adversário (como costumava chamar Freud). Segundo ele: “Não poderia imaginar que uma declaração pública sua me pudesse melindrar; sempre achei que cada um deve dizer sua opinião honesta de modo claro e audível. O senhor sempre foi paciente comigo, e eu não seria com o seu ateísmo?” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 47).

Pfister citado por Mello (2014) demonstrou a Freud seu desejo de retribuir com uma resposta a seu ensaio em um futuro: “Certamente o senhor também não vai levar a mal se eu oportunamente expressar com franqueza minha posição divergente. Por enquanto, fico na disposição de alegre aprendiz.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 47).

Devido a amizade de ambos ao longo dos anos, Freud respondeu no mesmo tom de seu amigo, que não demonstrou assombro quanto às suas delicadezas: “Da sua magnanimidade eu não esperava outra resposta à minha declaração de guerra.” (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 47).

¹ Ao longo deste capítulo e na seção 4.8 do capítulo 4 utilizaremos como marco conceitual a dissertação de Rafael Fernandes de Mello defendida em 2014 pela UFJF no que tange a obra de Pfister neste capítulo bem como a crítica de Morano sobre o conceito de ilusão no capítulo 4. Uma vez que nossas dissertações apontam para uma discussão semelhante, mas não idêntica, o autor aqui em questão informa que poderá utilizar algumas citações semelhantes pois, usaremos os livros: *A Ilusão de um Futuro de Pfister; Psicanálise e Religião: Um diálogo interminável*

Sigmund Freud e Oskar Pfister de Morano e, por fim, Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã de Ernest. e Heinrich.

O pai da Psicanálise, diante do pedido de Pfister em responder ao seu ensaio, demonstrou ser favorável à manifestação divergente, como também regozijou, pois ele tinha a plena consciência de que a opinião do amigo não seria sem embasamento, pelo contrário, seria distinta em meio a tantas vozes desafinas dos seus críticos: “Alegro-me diretamente pelo seu posicionamento público contra a minha brochura; será um refrigério em meio ao coro discordante, para o qual estou preparado.” (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 48).

Ambos não obtiveram surpresas um com o outro em relação às suas futuras produções. Eles já se conheciam bem e há um bom tempo. “Sim, as surpresas estavam excluídas; o senhor estava preparado para o conteúdo do meu texto e eu para suas opiniões em contrário.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 48). Freud, além de concordar com que Pfister publique sua resposta, sugere ao amigo que, assim como ele, publique seu ensaio em resposta ao “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), na “Imago”, para que o público tenha acesso: “Faço questão de que o senhor publique uma crítica na ‘Imago’, se quiser. (...) espero que nesta o senhor ressalte expressamente a nossa límpida amizade mútua e sua adesão inabalável à análise.” (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 48). Pfister não desconsiderou o pedido de Freud. Dessa maneira, o pai da Psicanálise poderia enfatizar para seus leitores, que pertencessem ao seio religioso ou tivessem simpatia por ele, que o ensaio de 1927 não representava o esboço teórico psicanalítico.

Pfister considera conveniente, além de tudo, realizá-la na revista “Imago”, dedicada à aplicação da Psicanálise ao campo das ciências da natureza e do espírito. Dessa maneira, pensa ele, poder-se-á evitar que o público identifique a posição pessoal de Freud em matéria de religião com a psicanálise enquanto tal, e de tal modo que isso resulte em dano para o movimento psicanalítico. (MORANO apud MELLO 202014, p.48).

Depois de ler a obra de Freud, o pastor-analista diz ao amigo que, embora pertencesse a veredas diferentes no que se refere à religião, a Psicanálise em nada seria envolvida: “(...) minhas ressalvas contra sua rejeição da religião não comprometem nem de forma mínima minha posição em relação ao senhor, nem minha alegria com a Psicanálise.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 48). Ambos sempre serviram do arcabouço da Psicanálise:

Na realidade, a psicanálise constitui um método de pesquisa, um instrumento imparcial, tal como o cálculo infinitesimal, por assim dizer. Se um físico descobrisse, com o auxílio deste último, que ao fim de certo tempo a Terra seria destruída, ainda assim hesitaríamos em atribuir tendências destrutivas ao próprio cálculo e, portanto, em proscrevê-lo. Nada do que eu disse aqui sobre o valor de verdade das religiões precisou do apoio da psicanálise; já foi dito por outros muito antes que a análise surgisse. Se a aplicação do método psicanalítico torna possível encontrar um novo argumento contra as verdades da religião, *tant pis* para a religião, mas os defensores desta, com o mesmo direito, poderão fazer uso da psicanálise para dar valor integral à significação emocional das doutrinas religiosas (FREUD, 1927/1996, p.46).

Em uma de suas correspondências, Pfister citado por Mello (2014), devido a uma flebite, ficou alguns dias de cama e aproveitou para escrever “A ilusão de um futuro” (1928/2003). Essa energia de Pfister causava admiração por parte de Freud. Ainda que doente, esse período acamado era para o pastor- analista um momento de descanso: “Utilizo principalmente este tempo de descanso para escrever minha amigável controvérsia com o senhor. Eu o fiz com grande alegria, porque, luto por uma amada causa com um amado adversário.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 49).

Pfister citado por Mello (2014), durante toda sua escrita de “A ilusão de um futuro”, manteve do seu lado um retrato de Freud, seu amado adversário: “Durante meu trabalho eu via o seu retrato sorrindo tolerantemente para mim, mas mesmo assim senti-me alegremente animado.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 50). Antes do encaminhamento do seu ensaio para “Imago”, Pfister, assim como Freud havia feito com ele antes de sua publicação de “O futuro de uma ilusão”, enviou-lhe um exemplar para que pudesse saber antecipadamente de suas opiniões: “Envio-lhe meu manuscrito, a fim de que o senhor tenha a oportunidade de me dizer se algo lhe parece inapropriado para publicação, ou se acha que sou injusto com o senhor em algum ponto.” (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 50).

Após a leitura da obra, Freud a aprova e conclui, da mesma forma que Pfister, que os leitores e simpatizantes da Psicanálise não poderiam compara-la ao ateísmo: “Era sobremaneira necessário que a ilusão fosse contestada dentro dos nossos círculos, e é belo que isto tenha acontecido de forma digna e amistosa.” (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud MELLO, 2014, p. 50).

3.3 Breve introdução à obra “A ilusão de um futuro”

No início de seu livreto “A ilusão de um futuro” (1928/2003), Pfister agradece a Freud a oportunidade de publicar na “Imago” e a liberdade que Freud dera a ele de expressar

honestamente o que pensava sobre a religião. Agradece ainda os mais de 19 anos de trabalhos mútuos em psicanálise e que tudo isto representa inequivocamente uma prova de amizade entre ambos. (PFISTER, 1928/2003)

Pfister, além de agradecer afetuosamente a Freud, fez questão de frisar que considerava o método psicanalítico um importante instrumento para o entendimento e o desenvolvimento da religião. Considerava a obra de Freud de 1927 uma necessidade íntima do autor e um ato de coragem do pai da psicanálise compreender e desenvolver a religião.

“Seu livro significou para o senhor uma necessidade íntima, um ato de honestidade e coragem confessional. A titânica obra de a sua vida teria sido impossível sem destruir as imagens de ídolos, mesmo que estivessem situadas em universidades ou átrios de igrejas” (PFISTER 1928/2009, P.18);

No entanto, o pastor suspeitava que Freud combatia a religião a partir da religião Freud: “O senhor serve à ciência com veneração e fervor, pelo que seu gabinete é elevado a templo.” (PFISTER, 1928/2003, p. 18).

O analista de Zurique frisa que, do ponto de vista da fé, não encontra nenhuns motivos para concordar com os alardes dos crentes, pois, que luta de forma tão heroica pela redenção do amor. “este é, quer queira sê-lo ou não, segundo os parâmetros do evangelho, um fiel servo de Deus”.(PFISTER, 1928/2003, P.18).

O teólogo cita a passagem de Mateus 21:28-32, em que ele lembra a parábola de Jesus Cristo de dois filhos, dos quais um, prometendo ir à vinha do pai, não cumpre sua palavra, e o outro, rejeitando, ainda assim cumpre o mandamento. Pfister comparou Freud ao segundo filho. Pfister afirma que, embora Freud não se declarasse cristão, ele o demonstrava em ação: “o senhor, que colheu tão maravilhosamente raios de luz eterna e se desgastou na luta pela verdade e pelo amor aos homens do que muito clérigo murmurador de orações cujo o coração nunca ardeu pelo conhecimento e bem-estar humano?” (PFISTER apus MELLO 2014, p. 53). Pfister diz que através de sua obra rebate firmemente Freud. Contudo, diz que o faz com a devida modéstia e “contudo, faço-o também na esperança de que alguns que ficaram refratários com a psicanálise com a rejeição da fé religiosa pelo senhor, voltem a contrair a amizade com essa ciência, como método e síntese de reconhecimento empíricos” (PFISTER, 1928/2003, p. 19).

O analista de Zurique afirma não escrever contra mais a favor de Freud, pois “quem vai para as barricadas em favor da psicanálise luta pelo senhor”. (PFISTER, 1928/2003, p. 19). E o pastor conclui dizendo que um tribunal superior irá decidir se sua obra ou do seu amado adversário consigam aproximar-se mais próximo do ideal.

3.4 A religião e a ilusão em Pfister

No primeiro capítulo de nossa dissertação, discorremos sobre o pensamento freudiano acerca da religião e da ilusão. Para que possamos fazer uma crítica, faz-se necessário investigar a crítica de Pfister a Freud sobre a religião. Observaremos, agora, o ponto de vista de Pfister sobre a religião, bem como seus elementos não observados por Freud e que, para Pfister, este deslize se deve ao fato de que o pai da Psicanálise não estava interessado em Filosofia, Teologia e Artes.

Após os agradecimentos de Pfister ao seu amigo, ele inicia sua contra-argumentação ao que Freud havia publicado em seu ensaio de 1927. O primeiro ponto dedicado por Pfister foi sobre o conceito de ilusão. Pfister, além de corroborar com alguns pontos de vista de Freud sobre esse conceito, dá a ele novos significados. (PFISTER apud MELLO, 2014). O pastor afirma que Freud definiu o conceito de ilusão de uma maneira bem diferente da que é usada corriqueiramente. o analista de Zurique afirma que o conceito usual de ilusão é de algo considerado falso é inválido. Todavia, a partir da concepção de ilusão para Freud e como ela é compreendida, podemos pensar na possibilidade da validade e da veracidade da religião.” (PFISTER, 1928/2003). Ele cita, como exemplo, o caminho percorrido por Colombo em busca de novas rotas para as Índias.

Pois ainda que o descobridor da América não tenha alcançado a Índia, outros o fizeram no caminho por ele aberto. O genovês igualmente evoca que na ilusão pode estar investido muito raciocínio realista excelente. Sem a constatação da superfície encurvada do mar e da conseqüente forma cilíndrica da terra não teria sido empreendida a ousada viagem para o oeste. (PFISTER apud MELLO, 2014, p.55).

Apesar de Pfister demonstrar certo otimismo na “esperança de que Freud tenha deixado valer para a religião um altar, em cujos chifres ela possa refugiar.” (PFISTER, 1928/2003, p. 20), ele se desencanta, “pois, logo somos informados de que a religião é comparável a uma neurose infantil.” (PFISTER, 1928/2003, p. 20). E continua:

“desde já chamo a atenção para o íntimo entrelaçamento do pensamento do desejo e do pensamento realista, e vejo surgir a pergunta, se haveria na religião, como em grande parte da ciência, uma dissociação clara, ou se, de modo amplo, em ambas as áreas o pensamento realista se esforçaria em vão para dissecar a objetividade pura além do desejo ou de seu resultado. Mas um momento! Não quero revelar um segredo e de forma alguma pretendo comprometer-me com que se segue” (PFISTER, 1928/2009, p.20).

O autor destaca que Freud esboçara uma esperança de que a fase neurótica da religião

seria superada e que, com o amadurecimento da civilização, a religião, sendo a neurose obsessiva da humanidade, chegaria ao fim. Após fazer essa breve crítica ao pensamento freudiano, Pfister pede para que o leitor analise mais de perto esse embate de ambas as obras.

3.5 A religião como obsessão neurótica

Em relação ao caráter obsessivo dado por Freud à religião, Pfister concorda com o amigo com o fato de a neurose estar ligada à religião, afirmando que com toda certeza várias manifestações da vida religiosa, e esse é o grande mérito da psicologia da religião em descobrir estão imbuídas desse caráter obsessivo. desse caráter.” (PFISTER, 1928/2003). De acordo com o autor, de fato, as religiões primitivas, sem nenhuma constituição eclesiástica com suas ortodoxias, possuem um caráter obsessivo.

“As obsessões são inconfundíveis em várias religiões primitivas, que ainda não conhecem nenhuma constituição eclesiástica, e também em todas as ortodoxias. Do mesmo modo sabemos que esta fatalidade foi introduzida no nascedouro da religião como efeito do recalçamento das pulsões, uma exigência tornada necessária pelo progresso ético-biológico da humanidade.” (PFISTER, 1928/2003, p. 21).

Contudo, Pfister (1928/2003) questiona se esse caráter faz parte da essência da religião. O autor afirma que a renúncia às pulsões precede a religião. De acordo com ele, esse é o caso em todas as culturas, pois aquele que, no nível primário, esgota toda a energia, de fato, não a terá suficientemente para as realizações culturais, pois

“se imaginarmos uma existência meramente pulsional, o que aliás, já é impedido pela sábia escassez da natureza de quarta-feira de cinzas da natureza humana, não duvidaremos em nenhum momento que isto corresponde à natureza da maioria dos animais, mas não à humana.” (PFISTER, 1928/2003, p. 22).

Pfister não concorda com Freud “de que o surgimento da religião tenha por base a renúncia à expressão de pulsões do eu, enquanto a neurose pressupõe o recalçamento exclusivamente de funções sexuais.” (PFISTER, 1928/2003, p. 22), pois, para o autor, de acordo com o Édipo, a sexualidade é uma parte integradora das pulsões do eu e vice-versa. Então, a seleção das pulsões isoladas deve ser feita apenas com abstração. Pensar as pulsões separadamente (com exceções às moções mais primitivas) ocorre em engano. Para Pfister, o modo certo de compreender as pulsões é pelo que ele chama de ponto de vista orgânico, cuja compreensão é fundamental para que se compreenda a gênese da religião.

De acordo com Pfister (1928/2003), as recusas pulsionais engendram recalçamentos

mais profundos e devem servir de contribuição para toda elaboração da religião, todavia, ele crer que “se deva procurar num círculo muito amplo as recusas pulsionais que conduzem à religião, como, por outro lado, também as trilhas que são seguidas na elaboração da religião apresentam uma diversidade extraordinária” (PFISTER, 1928/2003, p. 23). Dessa forma, dizer que as formações obsessivas são sempre inerentes à religião é um equívoco, pois é justamente ao contrário, uma vez que as mais sublimes elaborações religiosas suspendem a obsessão. Segundo o teólogo, o verdadeiro cristianismo liberta o sujeito de um cerimonialismo ortodoxo e meticuloso, pois, de acordo com o autor, conforme Mateus 5:21-22, Jesus “contrapõe seu ‘mandamento’ do amor ao nominismo neurótico obsessivo-compulsivo, que impõe um pesado jugo através das crenças ao pé da letra.” (PFISTER, 1928/2003, p. 23). Nas palavras de Cristo se encontra uma ponderosa ação redentora, pois de acordo com o pastor, Jesus utilizando de bons mecanismos psicanalíticos venceu a neurose introduzindo no cerne da vida o amor verdadeiro e purificado. No entendimento do Mestre de Nazaré a ideia do pai, inteiramente purificado das toxinas da ligação edípica, vislumbramos que foram completamente destruídos a heteronomia e o constrangimento das amarras. O que se espera das pessoas é apenas aquilo que corresponda ao seu verdadeiro ser e vocação, o que propicia ao bem de todos assim como também do ponto de vista biológico dar lugar a uma saúde restaurada do indivíduo e do coletivo. O analista de Zurique afirma que entendemos muito mal o mandamento de Cristo “Amarás a Deus de todo teu coração e a teu próximo como a ti mesmo! (Mt. 22, 37ss) – como um mandamento no espírito do mosaísmo”. (PFISTER, 1928/2003, p. 24). A forma do imperativo é mantida, todavia quem não observaria a tênue ironia com a qual o conteúdo, o amor, enquanto realização que pode ser espontânea, anula o caráter da lei? Questiona o pastor.

Pfister, mostra claramente como Jesus, de forma excelente, exerce a Psicanálise 1900 anos antes de Freud. Lembra um caso em que Cristo não apenas sugestionou ao parálítico o desaparecimento do sintoma, mas, acima de tudo, o apaziguou de uma religiosidade moralizante, vencendo, assim, a paralisia a partir de dentro. Diante da liberdade de crença e da manifestação do amor, Pfister questiona Freud se,

“será que no princípio do protestantismo, com sua liberdade de crença e consciência, mas também com sua exigência de amor, não reside um poderoso princípio redentor, não apenas no sentido da libertação da compulsão religiosa, mas também no da cura geral das obsessões e compulsões?” (PFISTER, 1928/2003, p. 25).

O autor lamenta o fato de Freud não conseguir absorver as formas mais sublimes da religião, pois o mesmo abando as mais belas expressões da religião. Pfister frisa ainda que não se constitui uma verdade histórica que a religião crie compulsões e enclausure as pessoas na

neurose. É o oposto, continua o pastor, é a vivência pré-religiosa que gera compulsões neuróticas que assim levam a concepções religiosas e rituais correspondentes; A magia que precede à religião não pode ser chamada como tal. É precisamente dentro do grande desenvolvimento religioso, o israelita- cristão, que manifesta sempre uma nova inspiração religiosa avivada por uma perspectiva superior, ética e portanto sociobiológica no qual se tenta suprimir a compulsão e gerar libertação em condições tais que só um analista entenderia sendo criados novos laços pelas dificuldades da vida no qual uma posterior visão religiosa corresponde um processo de humanização.

Para Pfister (1928/2003), a religião não se encerra em si mesma. Não é possível conceber a religião a partir da religião. Faz-se necessário, quando for tratar da religião, um olhar mais amplo dos fatos. Ainda segundo o pastor, em várias épocas, os cristãos estavam em péde igualdade com os bárbaros e isso não ocorreu devido ao seu princípio religioso, mas em virtude de adoecimentos neuróticos, que devastaram a religião cristã de maneira igual como a pesquisa e a criação artística “foram expostas e sucumbiram às mais abomináveis deformações.” (PFISTER, 1928/2003, p. 26). Dessa maneira, ele nega cabalmente que seja inerente à religião o caráter obsessivo neurótico.

3.6 A religião como forma de desejo

Em relação à religião ser a representação de desejos, Pfister (1928/2003) afirma que essa ideia não é original de Freud. Relata que Feuerbach, em sua obra “A essência do cristianismo” (1841), há quase 90 anos elaborou a ideia de que a Teologia seria uma antropologia disfarçada, e a religião, um sonho. Freud, de acordo com o pastor, de uma forma brilhante refinou e reforçou essas suposições amparado de seu microscópio da alma. Contudo, o autor nos alerta que devemos ter um cuidado ao analisar a religião apenas por este viés, pois, segundo ele:

A simples exposição dos desejos latentes e sua reelaboração com o propósito de torná-los conscientes, como também o desvelamento da situação edípica, do sadismo e do masoquismo recalcado impossibilitam totalmente que se neguem projeções de desejos na formação de religiões. Mas, será que com isso se esclarece todo pensamento religioso? E será patrimônio exclusivo da religião essa confusão entre desejar e ser? (PFISTER, 1928/2003, p. 26).

Dessa forma, o pastor questiona se, por meio desse pensamento, seria possível compreender todo o pensamento religioso, e se o patrimônio do desejo seria exclusivo da religião, ou não o encontraremos também na ciência. O autor cita que, em 1909, em Viena, Freud o lembrou dos

perigos para os quais sua pesquisa em Psicanálise poderia levá-lo. O pastor se dispôs a largar o pastorado caso a verdade demandasse, pois, uma crença em que o raciocínio refuta, ou estar dividido entre descrença e a fé, “isto me pareciam truques de malabarista, com os quais não queria ter nada a ver. Eu não saberia o que deveria modificar nesta posição.” (PFISTER, 1928/2003, p. 27).

Segundo o pastor, ele poderia estar de acordo com Freud em muitos pontos, porém, é um equívoco comprimir toda rejeição da religião no plano do desejo. Pfister relata que já tinha conhecimento que a ideia de Deus e do além são, muitas vezes, pintadas com a paleta do desejo. Ele observa que anteriormente já tinha constatado em uma representação de Deus os traços do pai, pastores, entre outros, e que, com isso, não percebeu algo de novo e inesperado nas ideias de Freud. De maneira semelhante aos crentes, continua Pfister, ateus também não seriam dirigidos por pensamentos de desejo? “Que analista não encontraria com frequência ateus, cuja descrença era camuflada eliminação do pai?” (PFISTER, 1928/2003, p. 27).

O pastor admite que os desejos que geralmente conduzem à religião são de natureza egoísta, mas, na ciência, isso também não seria diferente. Para ele, no que é chamado de homem natural, ao professar sua crença, revela uma necessidade moral como forma de penitência para um ato de injustiça que tenha cometido. Todavia, o desenvolvimento moral amadurece também o desenvolvimento religioso. Os desejos egoístas ficam cada vez como um pano de fundo, mesmo que haja recaídas ao pensamento egoísta, pois, para o analista de Zurique, é difícil separar o homem selvagem do religioso.

No que tange aos desejos pulsionais, Pfister (1928/2003) aponta que esses são combatidos no Evangelho quanto mais avança o desenvolvimento de Jesus na luta permanente contra a tradição. Sua atitude de amor é mais adequada e sábia do que a mais rigorosa filosofia do imperativo categórico que despreza o amor. Segundo o pastor, Jesus, em nome do cristianismo, opõe-se diretamente ao egoísmo, ainda que ele não deixe de levar em conta o amor próprio, tampouco tenha valorizado o masoquismo como o praticado pelos ascetas. Conforme o analista de Zurique, na prece de Jesus, é excluída toda dimensão egoísta: “a prece pelo pão diário, este mínimo para subsistência, não é mais egoísta – reinam os ideais éticos universais, e, acima de tudo, está a sujeição à vontade divina (‘Faça-se a Tua vontade’).” (PFISTER, 1928/2003, p. 27). Para o pastor, isso não é a ausência do desejo do budismo e menos ainda uma introversão patogênica.

Pfister (1928/2003) alega que a ideia de Freud de que tudo que é recusado ao cristão na vida terrena seria lhe passado em uma vida além-túmulo, de forma que os humanos se privam em vida como maneira de diminuir o mal-estar da cultura do que é falso. O pastor

relata que a renúncia da atividade sexual recuperada no paraíso, por exemplo no Islã, de modo algum representa no cristianismo. Jesus, afirma o analista de Zurique, ressalta energicamente que devem ser descartadas as expectativas sensuais da vida após morte (Mateus 22:30). Para Pfister (1928/2003), o reino de Deus, como ideal sublime, tem como cenário a terra e, como conteúdo, bens ideais éticos e religiosos que diferem totalmente com desejos pulsionais.

O pastor diz que poderiam lhe contra-argumentar se não corresponderiam à religião ao menos desejos de natureza superior. O pastor responde que o desejo busca sua realização na alucinação e em outros fenômenos que foram explicitados por Freud sem se importar com situações reais. Há muitos fenômenos religiosos, segundo Pfister (1928/2003), que dão esse salto ilusório do desejo à suposição de um ser. Todavia, ninguém pode afirmar que cada desejo chega à satisfação unicamente dessa maneira ilegítima. Para ele, é possível buscar a satisfação dos desejos de uma forma muito condizente com a realidade. (PFISTER apud MELLO, 2014).

O analista de Zurique diz que Jesus notava em si imperativos de amor que contrapõem a tradição sagrada. Jesus cria que poderia harmonizar as aspirações da exigência interior com aquelas do mandamento mosaico (A aliança de Deus com Moisés) conforme Mateus (5:17-22). Mas isso não foi possível, como o mandamento interior de Jesus não conseguiu demolir a tradição e, também, não penetrou a todos (MATEUS. 5: 27, 33 e 38). Foi necessário chegar a uma ruptura absoluta. Entretanto, essa necessidade de moral interna tinha que surgir diretamente de Deus e, como ela visava ao amor, Deus tinha que se manifestar como amoroso, e não mais como o Deus severo e ciumento do Velho Testamento. Com isso, afirma Pfister (1928/2003), também derrubou o caráter obsessivo da Torá.

De acordo com o pastor, quando tentamos compreender esse acontecimento, que se desenrolou na alma de Jesus de modo intuitivo e inspirador para tortuosos caminhos cognitivos, chegamos ao caminho do postulado. Esse não é cego em si mesmo. Ele não diz que é real porque deseja. Assim, o que uma pessoa necessita pensar como real, para que esse real, verdadeiramente, torne-se inteligível, que possa vir a ser e possa continuar sendo real. “O postulado parte do existente que é reconhecido ou pressuposto como assegurado e tira a conclusão de outro dado existente, logicamente resultante do primeiro.” (PFISTER, 1928/2003, p. 30).

Segundo Pfister (1928/2003), a ciência natural caminha de uma maneira análoga por meio de suas hipóteses, que, com as confirmações necessárias, transformam-se em teorias. Entretanto, os dados da ciência natural são existentes, dos quais se progride em direção a outros.

Diferentemente, no postulado, o ponto de partida é formado por uma valoração ou um imperativo. O autor cita, por exemplo, Kant, que trata o categórico “tu deves” como ponto

arquimediano e, a partir dele, postula um legislador. O pastor parte de uma outra certeza ética que se consolidou a ele a partir da apreciação da Psicanálise e da Sociologia: “a determinação de amor ao próximo, a si mesmo e ao ideal absoluto.” (PFISTER, 1928/2003, p. 30).

O pastor declara que o fundamento ontológico da destinação do amor, no sentido mais sublime, é enfocado como intelectual e amoroso, e que isso não resulta em um contrassenso. Tanto na religião, como na ciência, trabalha-se com a fantasia figurada, com os arautos do antropomorfismo, que são, ao mesmo tempo, muito expressivos e também dissimuladores. “A história das ciências é uma luta incessante com antropomorfismos e outras projeções autorizadas de fatos conhecidos sobre desconhecidos. Por que a religião e a teologia constituiriam uma exceção?” (PFISTER, 1928/2003, p. 31). E continua: “A teologia legitimou-se ricamente quanto a uma não de considerável disposição e capacidade de renunciar ao pensamento de desejo”. (PFISTER, 1928/2003, p. 32) O analista de Zurique, por exemplo, relata com admiração o estudo de Robitsek, lançado na primeira edição da “Imago”, sobre a produção científica do químico Kekulé von Stradowitz (1829-1896) em que, a partir de seus estudos, a teoria da estrutura do benzene surgiu de fantasias visuais de pares de cobras dançantes. (PFISTER apud MELLO, 2014).

Pfister (1928/2003) afirma que, se a Teologia que se ocupou da religião tivesse ficado retida com um pé no estágio dos desejos, as ciências naturais partilhariam da mesma sorte. Para o pastor, a filosofia assim como também as ciências naturais ainda que obtenha uma vantagem na objetividade pura carecem daquilo que os empiristas buscam tão infortunadamente a tal chamada: experiência pura do qual os elementos subjetivos humanos desaparecem. As ciências naturais, de acordo com Pfister, “acaba na amarga constatação de que somente observa uma manchinha superficial, que primeiramente precisa ser admitida como uma aparência fulgurante. (PFISTER, 1928/2003, p. 31). E continua:

“Se há um produto seguro nas opiniões revolucionárias das ciências naturais mais recentes e mais críticas, ele é a conclusão de que nesse campo ficamos enterrados até o pescoço nos desejos, e o pragmatismo, por mais que se torça o nariz diante dele, ao menos apresenta o lado positivo de ter desvelado o interesse do americano prático por uma exaustiva aplicabilidade da realidade, ou seja, portanto desvelou, por trás do conhecimento, o pano de fundo do desejo. (PFISTER, 1928/2003, p.32).

Ciência e religião se configuram também pela fantasia figurada segundo o autor. A Teologia, assim como a religião, teve capacidade de renunciar ao pensamento de desejo. Ainda afirma que muitos naturalistas proeminentes não encontravam dificuldades de colocar em sintonia a religião e a ciência, com exceção daqueles de formação mais superficial segundo o pastor:

“Não constitui demérito que a cristandade não partilhe de todos os modismos

científicos. Uma série de naturalistas proeminentes, até na atualidade, não tem dificuldades de colocar em sintonia a religião e a ciência, enquanto os de formação mais superficial alardeiam, nas rodas de cerveja, com mais facilidade que grandes pesquisadores do nível de Freud, a incompatibilidade de ambas. (PFISTER, 1928/2003, p. 33).

Quanto à crítica de Freud que acusa a religião de confusão alucinatória, o pastor concorda em relação a algumas de suas formas. Contudo, questiona se isso pode valer para todas as configurações da religiosidade. Ele afirma que Freud generaliza suas ideias em torno do fenômeno religioso. O pastor acredita que, talvez, Freud tenha sido um frequentador raro de cultos protestantes e que também honrou raramente com sua visita à Teologia crítica.

Pfister (1928/2003) defende que a racionalidade não é em si um parâmetro de valor, principalmente diante das variáveis da vida, que, onde o que vale, como beber e comer, são as questões práticas. Por fim, ele termina afirmando que as hipóteses científicas podem ser recusadas e, quando se trata de questões práticas, quando se trata da construção da vida, temos que tomar posições ainda mesmo quando faltam comprovações irrefutáveis de um modo análogo em relação a confiança na religião. Todavia, ele alerta dos perigos de ser construir e projetar uma vida somente baseada na fé e confiança sem levar em conta a realidade.

3.7 A religião como negação da razão

Para Freud (1927/1996), a negação da razão tem como causa a religião. Dessa forma, é interessante lutar por uma educação livre do seu contágio. Para o pai da Psicanálise, existem apenas três respostas quando um religioso é indagado sobre o fundamento de sua crença: 1 – os ensinamentos são verdadeiros, porque eles já foram válidos e ensinados pelos antepassados; 2 – Existem provas porque eles foram transmitidos desde tempos primevos; e 3 – é vedado levantar qualquer suspeita quanto à sua veracidade (FREUD apud MELLO, 2014, p. 60).

Pfister (1928/2003) afirma que, algumas vezes, podem surgir respostas rasas em relação ao fundamento da crença. Nesse caso, ele concorda com a argumentação de Freud. Todavia, para o pastor, um cristão instruído não se valeria desses argumentos, principalmente o cristão protestante. O autor afirma que os protestantes criticam a Bíblia e os dogmas. “Nós, protestantes, sabemos muito bem quando devemos à razão para a nossa religião, para que não lhe neguemos totalmente o espaço.” (PFISTER, 1928/2003, p. 36).

O analista de Zurique cita que a religião dos reformadores como Lutero, Zwinglio e Calvino foi o resultado de seu pensamento de professores com formação científica. “A Teologia mais recente, que produziu e ainda produz frutos consideráveis pela negação radical, está consciente de que presta os melhores serviços à religião justamente através de seu rigoroso

raciocínio realista.” (PFISTER, 1928/2003, p. 36).

O pastor afirma que, durante seu trajeto religioso, nunca ouviu falar sobre alguma restrição quanto à proibição de refletir sobre assuntos religiosos. Pelo contrário, nas escolas e nas igrejas protestantes, exigem dos alunos o livre pensamento crítico. Inclusive, com alguns pastores ditos conservadores, encontrou esse tipo de orientação, pois, acima de tudo, “Deus ama ao sincero que tem dúvidas e de que uma fé fortalecida pela razão é muito mais valiosa que uma fé simplesmente copiada e aprendida.” (PFISTER, 1928/2003, p. 36).

Pfister critica Freud quando este sugere que uma educação livre de religião iria despertar uma inteligência mais apurada. Para ele, isso não fazia sentido. O pastor afirma que, historicamente, vários pensadores acrescentaram e contribuíram de forma inestimável para a vida intelectual humana, e que aderiram simultaneamente à ciência e à religião, frequentemente com maior devoção à religião. Nenhum deles apresentou atrofia ou deficiência mental. Da mesma forma, afirma que uma educação sem religião já fora realizada diversas vezes e também não encontrou acréscimo de intelectualidade nos sujeitos.

3.8 A religião como guardiã da cultura

Freud (1927/1996) afirmou que, no que tange ao auxílio dos instintos primitivos, a religião prestou valiosos serviços. Contudo, ela não obteve o sucesso pretendido e também não pôde assegurar a felicidade humana. Caso tivesse obtido êxito, certamente ninguém iria querer mudar as condições existentes. (FREUD, 1927/1996). Pfister está em acordo com Freud, pois acredita que a religião não teve competência para polícia cultural, mas acrescenta assegurando que isso foi uma dádiva a ela, pois a religião tem coisas mais importantes a se ocupar que “proteger a mistura de sublimidades e atrocidades que hoje se chama cultura.” (PFISTER, 1928/2003, p. 39).

Segundo o analista de Zurique, a religião não tem motivos para se ocupar de coisas tão vergonhosas e danosas quanto as que a cultura tem apresentado. De acordo com pastor, há muitas coisas impregnadas no que Freud define como tudo aquilo que está acima do animal; guerra, ganância, miséria em massa, opressão, que Pfister admite que, no cerne em que se diferencia o homem do animal, há muita coisa podre e malcheirosa. Para o autor, ao falar de cultura, é necessário diferenciar entre o que é bom e digno de proteção e o que é mau e que merece ser combatido. “A religião não deveria tornar-se para nós uma polícia conservadora, mas guia e luz para a verdadeira cultura, retirando da nossa cultura de aparências.” (PFISTER, 1928/2003, p. 40). Se a religião não é uma polícia cultural, ela também não deve servir para

proporcionar consolo para as renúncias pulsionais exigidas pela cultura. De nada adiantariam algemas para dominar os instintos animalescos de uma massa, pois, reprimir esses impulsos é reverter aquilo que poderia ser positivo.

A religião deve desencadear as mais sublimes forças intelectuais e de caráter, fomentar as realizações mais elevadas na arte e na ciência, preencher a vida de todos, também dos mais pobres, com os bens máximos da verdade, da beleza e do amor, ajudar a vencer as aflições da vida, abrir caminho para novas formas mais substanciais e autênticas de vida social. (PFISTER, 1928/2003, p. 40).

Pfister (1928/2003) afirma que um dos motivos que levaram a mensagem de Jesus a ser deturpada, sem dúvida, como Freud proporcionou, foi a neurose obsessiva. A Terra se encontra em miséria e se comete um engano ao afirmar que o cristianismo venha a oferecer substituí-la pelo céu. “‘Venha a nós o teu reino’, reza o Pai-Nosso, incumbindo da obrigação de aplicar todas as forças em favor deste reino de Deus na Terra, assim como os mandamentos do evangelho também são destinados à vida terrestre.” (PFISTER, 1928/2003, p. 40).

O pastor afirma que não há realismo mais autêntico que o cristianismo. A realidade não é apenas aquilo que ouvimos, vemos e tocamos. Há outras coisas que pertencem também à realidade e que estão muito além daquilo que pode ser captado pelos sentidos. Todavia, o autor afirma que é fundamental que busquemos uma visão mais essencial e profunda e uma filosofia de valores para entendermos que abandonar essas realidades superiores conduz a um realismo ruim.

3.9 Crítica ao cientificismo freudiano

Para o pai da Psicanálise, a fé religiosa é contrária à fé no poder da ciência com fonte de felicidade, Segundo Pfister (1928/2003), Freud, quando fala de ciência, considera apenas a empírica. Pfister agradece a Deus pelo fato de o pai da Psicanálise ser positivista, pois, sem sua dedicação e seu empreendimento centrados no empírico, ele não teria se tornado um grande desbravador. De acordo com o pastor, ao mesmo tempo em que Freud tenta derrubar a ilusão da religião, ele ergue o messianismo da ciência, no qual a ilusão também se alastra.

Segundo o analista de Zurique, Freud acrescentou em seu positivismo o isolamento, além do que era normal, sobre o conceito de ciência em relação à Filosofia. Para Pfister, o empirismo de Freud é muito diferente dos ingleses, que se apoderam do mundo da experiência com precisão, mas que, paralelamente, permitem, em ato, a condução por parte do instinto natural e da consciência, e não mais da ciência. O pastor se lembra de John Stuart Mill (1806-1873), que, educado sem religião, bem como outros empiristas ingleses, apoiava-se na religião.

(PFISTER apud MELLO, 2014)

Pfister (1928/2003) tenta examinar o otimismo de Freud em relação à ciência. Cabe entender, segundo o pastor, o que o pai da Psicanálise entende por ciência e até que ponto vai seu otimismo. Para o pastor, Freud apresenta, em sua atitude no que se refere à vida anímica, um enorme afastamento da Filosofia. Contudo, Freud dá validade à teoria do conhecimento à medida que lhe cabe responder à questão se somos capazes de experimentar algo da realidade externa. De acordo com o pastor, Freud compreende que compete ao homem somente versar sobre o mundo sensível e que o problema do mundo sem a consideração de nosso aparelho anímico perceptivo não passa de uma abstração.

Pfister (1928/2003) entende que, embora o aparelho anímico perceptivo deva ser levado em conta por toda investigação sobre a constituição do mundo, isso de maneira alguma representa uma figura nítida protegida de enganos. Para o teólogo, não podemos medir temperaturas com o termômetro sem confiar no instrumento. Ele nos fala dos labirintos científicos que, frequentemente, adentramos, quando se aprende, sem reflexão, os conceitos da teoria do conhecimento e da metafísica; e, que a ciência natural, sedutoramente, evidencia-os de forma equivocada. O pastor nos lembra de como a ciência natural foi equivocada no seu conceito de lei natural, de átomo, de atmosfera, etc. É imperativo em dizer, afirma o pastor que nunca haverá uma ciência natural sem metafísica. (PFISTER, 1928/2003).

O teólogo afirma que já passou pela escola do criticismo empírico e que procurou pela chamada “experiência pura”. Porém, relata que foi uma tentativa em vão, pois o mundo só nos é percebido a partir de nossa organização anímica, isto é, não exclusivamente pelos nossos sentidos que, na verdade, não possibilitam nenhum conhecimento.

“Nossas categorias de pensamento, independente de as pensarmos à maneira de Kant ou de outro, sempre interferem. Por isso temos de fomentar a crítica epistemológica. Além disso, precisamos de átomos e moléculas, e assim por diante. Quem teme abstração precisa tirar as mãos da ciência.” (PFISTER, 1928/2003, p. 45).

E continua: “O próprio ato de medir e pesar tem a ver com abstrações, pois conceitos numéricos, como todos os conceitos, naturalmente são abstratos.” (PFISTER, 1928/2003, p. 45).

De acordo com Pfister (1928/2003), é impossível elucidar questões religiosas se não levarmos em conta questões básicas da teoria do conhecimento, bem como não é possível ter certeza da não existência de uma vontade e sentido universais, pois se cairia em um dogmatismo negativo. O pastor frisa a importância da Filosofia para tratar dessas questões.

“Quando se acredita na Filosofia é uma mania de cabeças distantes da vida e da

realidade, cabe referir ao fato de que a história da Filosofia exhibe uma série de nomes brilhantes de pessoas que realizaram grandiosidades na física, matemática, astronomia e etc.” (PFISTER, 1928/2003, p.46).

O pastor cita o exemplo de Driesch, que atuou durante duas décadas nas ciências naturais e foi coroado de glórias, mas que não deixou de transitar para a Filosofia juntamente com outros nomes. Isso demonstra que a Filosofia não se trata apenas de manias e quimeras, e sim de uma realidade que não pode ser descartada facilmente.

O acréscimo de felicidade e saber por meio de conhecimento, segundo Freud (1927/1996), são recebidos por Pfister com alguns questionamentos. O pastor considera o pai da Psicanálise um homem sério e honesto para realizar promessas que não esteja capaz de cumprir dos seus prognósticos científicos. Entretanto, acredita também que Freud fez muitas afirmações além de um dado real. O pastor questiona como poderia saber se o acréscimo do poder a partir do conhecimento representaria um aumento para a felicidade humana. Para ele, a humanidade poderia cair em ruínas em sua cultura se guiada apenas pela ciência. (PFISTER apud MELLO, 2014)

“Seria impensável que uma cultura guiada somente pela ciência sucumbirá às paixões selvagens, depois que a guerra mundial desvelou a barbárie oculta nas profundezas dos povos? Não nos asseguram Eduard von Hartmann e muitos outros que o crescimento das ciências apenas multiplica nossa miséria? É tão líquido e certo que o desenvolvimento científico multiplicou a soma total de alegria humana de viver e, se esse foi o caso até aqui, há garantias de que sempre o será? É verdade que nos sentimos mais felizes que há cem anos? É esse o caso pelo menos entre os eruditos? Porventura os operários se sentem mais satisfeitos, graças às bençãos da ciência, que há algumas gerações? ou os artesãos? Ou os agricultores? O que acontece com as mais belas conquistas da técnica, quando são forçadas a servir à ganancia humana, à crueldade humana, à desumana sede de prazer?” (PFISTER, 1928/2003, p. 47).

Segundo o autor, o prognóstico científico de Freud se baseia em uma simples dedução por analogia e assim não pode ser considerado seguro, pois, mesmo com o desenvolvimento científico, o ser humano não ganhou felicidade de viver, pelo contrário, o pastor afirma que muitos autores mostraram que a miséria apenas se multiplicou com o crescimento científico.

No que tange ao que Freud (1927/1996) diz que aprenderemos a suportar com resignação as contingências do destino, o pastor afirma que muitos já o fizeram sem necessitar do auxílio da ciência. Para ele, a resignação não tem que ser a última palavra. Muitos, continua, suicidaram no auge da carreira, se consumiram em um ódio selvagem contra a vida, procurando anestesiá-los com excessos e etc. Parece, ao pastor, que o pai da Psicanálise, no lugar da ilusão religiosa, ergueu uma ilusão científica. Seria ilusão crer que podemos obter êxito de outro lugar aquilo que ela, a ciência, não é capaz de dar. (FREUD, 1927/1996). Pfister (1928/2003) aponta que este escrito de Freud é, na verdade, a profissão de fé dele. Dessa forma, o pastor se

posiciona:

Por mais que eu acompanhe Freud com alegria e entusiasmo no maravilhoso caminho da sua ciência experimental, neste ponto é impossível para mim, manter o passo com ele. Aqui, o brilhante intelecto de Freud excede-se num intelectualismo, o qual, extasiado pelos seus sucessos, esquece seus limites. Nós pessoas não somos apenas aparelhos de pensar, somos entes vivos, sensitivos e volitivos. Precisamos de bens e valores, necessitamos de algo que satisfaça nossas emoções, anime nosso querer. Também o pensar precisa nos oferecer valores, tanto lógicos quanto também outros. Não tratamos, na análise, com frequência de pessoas que pensam com clareza, e que no seu raciocínio quase morrem de inanição e quase se desesperam? Não trazemos dentro de nós uma consciência que nos julga ou recompensa? (...) É sabido que o intelecto não é capaz de atribuir valores. (...) A ciência carece da capacidade de avaliar grandezas estéticas e éticas. (PFISTER, 1928/2003, p. 48-49).

O teólogo não consegue encontrar em Freud, no que tange ao conceito de ciência, algum lugar para os valores afetivos, assim como também os templos da arte. O pastor questiona se seria um sinal de fraqueza ou de falta de análise, e se poderia a ciência substituir as perdas de sinfonias de Beethoven, ou as artes egípcias e as maravilhosas catedrais. Pfister (1928/2003) diz ficar aterrorizado diante de um Estado de eruditos privado da arte.

Para o pastor, a ciência precisa afiliar-se à finalidade ética para que não seja reduzida a mero engano. Diz não encontrar em solo socrático que saber em si já é poder. O teólogo cita o exemplo de um alcoólatra que, sabendo que está arruinado pelo vício, não consegue se libertar dele. O conhecimento analítico da dinâmica do inconsciente por si só não ajuda na libertação do sofrimento do sujeito, pois o pai da Psicanálise nos ensina, de acordo com o analista de Zuquique:

“também o conhecimento analítico da dinâmica do inconsciente e das suas raízes mais profundas por si só ainda não auxilia, como hoje sabemos, na libertação do seu jogo. Freud nos ensina que as pulsões aprisionadas igualmente precisam ser redimidas na transferência.” (PFISTER, 1928/2003, p. 50).

O pastor questiona se seria verdade que o saber científico crescente na mentalidade dos sujeitos também é purificado. Pfister (1928/2003) cita dados de Alexander von Otingen que, em uma pesquisa percentual, mostrou número maior de criminosos eruditos do que entre os de intelectualidade média. Lembra ainda que, quando a escola pública fora criada, esperava-se uma diminuição da criminalidade. Para o pastor, a mentalidade encontrada entre os acadêmicos é encontrada com frequência. Por esse motivo, o teólogo não acredita na substituição da religião pela ciência, pois ela

é o sol que gerou o mais belo florescer da arte e a colheita mais rica da mentalidade ética. Toda arte magnífica e portentosa é oração e oferta perante o altar de Deus. Deus, que para o filósofo da religião é o fundamento real dos ideais, é para o devoto o fundamento ideal do seu real agir, é o Espírito de Pentecostes que desce em línguas de fogo sobre a terra, o Revelador, cujo “haja luz” também ilumina com ofuscante

clareza as trevas das mentes humanas. Aquele que pudesse destruir a religião perfuraria a raiz-mestra da grande arte que revela o sentido mais profundo e as mais elevadas forças da vida. (PFISTER APUS MELLO, 2014, p. 75).

Para Pfister (1928/2003), é vislumbrado na religião um pilar da moral. A fé devota, contínua, acolheu para si juízos éticos. Os avanços éticos mais ousados só puderam ser iniciados com a religião. Ou seja, a ética não advém dos cientistas, mas dos fundadores da religião. Assim como Freud, Pfister cita o jurista Hans Kelsen (1881- 1973) que também era positivista. Ele afirma que, em uma discussão aberta, Kelsen assegurou que o positivismo não consegue criar uma legislação. Então, o pastor questiona como poderia dar surgimento a um sistema de doutrinas éticas. Contudo, a ciência empírica nos deixa de lado ao construirmos conceitos éticos. Os cientistas necessitam entender que os conceitos inflexíveis não dão base a uma geração de vida moral. Segundo o teólogo, a religião com todas as suas manifestações poéticas e personagens que, por suas ações e sofrimentos comoventes que avisam por um lado e por outro novamente despertam o ânimo da pessoa enfraquecida para novas forças ir atrás do seu ideal, esta mesma religião que contem mensagens de redenção e perspectivas para o futuro, que antecipa a psicanálise em suas mais significativas conquistas, que se eleva a toda resistência do mundo empírico por uma certeza de uma promessa e uma aliança maiores e que, com incrível facilidade pode colher todos os frutos da ciência, mas que incrementa outras riquezas vitais, é uma educadora que de nenhum modo pretende destronar a ciência de seu lugar. O pastor termina dizendo: Contudo, se a fé fosse inverdade, teríamos de combatê-la apesar de suas realizações. “É melhor ir ao inferno com a verdade que ao céu à custa de mentiras!” (PFISTER, 1928/2003, p. 52).

Freud citado por Mello (2014) enalteceu a religião como proteção das neuroses. Antes disso, ele expôs que, desde o enfraquecimento das religiões, as neuroses se multiplicaram bastante. O pastor concorda com Freud e diz observar entre os crentes uma imensidão de histéricos e neuróticos obsessivos. Contudo, tudo vai depender da forma como a devoção é construída e o tanto que ela atua como fonte repressora. Para o teólogo, o evangelho genuíno constitui uma proteção indispensável contra o perigo das neuroses.

No que tange ao campo da religião, não foram expostos todos os detalhes, afirma Pfister (1928/2003). Existe na religião um agregado de outros aspectos que não somente proteção contra neurose.

A religião se ocupa com a pergunta pelo sentido e valor da vida, com o impulso por unificação da razão numa concepção universal de mundo que abarca o ser e o dever, com o anseio por um lar e paz, com o impulso pela união mística com o absoluto, com as algemas de culpa da alma, com o anseio de liberdade por graça, com a necessidade

de um amor que esteja livre das inseguranças insuportáveis do terreno, com inúmeros outros anelos, que, quando não satisfeitos, sufocam e amedrontam a alma, mas que pela harmonização religiosa se elevam a vida humana para alturas esplêndidas com horizontes indescritivelmente encantadores, que fortalecem o coração e que elevam o valor da existência pela incumbência de compromisso morais muito pesados no espírito de amor. (PFISTER, 1928/2003, p. 53).

Para o teólogo, o não crente não pode senti-lo, assim como o não músico é incapaz de vislumbrar o conteúdo de uma composição musical. Ou seja, ambos não têm a capacidade de vislumbrar o mistério e contemplar os prazeres que a alma oferece. O analista de Zurique compreende isso, e afirma que a fé não é de todos, lembrando as palavras de Paulo (2Ts 3:2). E sobre a fé, diz o pastor, não entendemos apenas uma imaginação, mas uma comoção de todo interior da pessoa.

O teólogo considera importante que o pensamento realista deva avançar ao máximo do que a realidade permite. Uma religião esclarecida, de acordo com o autor, só pode surgir do ligamento harmônico entre ciência e fé a partir de uma mútua interpenetração entre o desejo e o pensamento realista, na qual, entretanto, o conteúdo do pensamento realista não sofra adulteração da realidade. O pastor questiona se, dessa maneira, o conteúdo da religião não poderia vazar para as profundezas. Ele afirma que o cristianismo não será agredido de forma nenhuma, tampouco a fé do cristão seria abalada. Para o autor, o verdadeiro cristão será capaz de submeter a sua devoção ao exame, ter entendimento ético do passado e rejeitar e protestar aquilo que for necessário. Diz ainda que a Bíblia não tem um valor menor para os crentes, mas mais sublime, uma vez que não é mais necessário considerá-la um papa de papel e oráculo infalível como base para o processo contra hereges. Em liberdade evangélica, os crentes a submetem a uma crítica mais inexorável.

Pfister (1928/2003) se alegra que, no fundo, o pai da Psicanálise busque a mesma coisa que ele. Para Freud, com seu Deus logos, compreende o intelecto para o alvo do amor humano e da diminuição do seu sofrimento. Para o autor, impele os mesmos alvos com o Deus logos que compreende como sabedoria e amor divinos.

Por fim, tanto Freud quanto Pfister apresentam suas razões quanto às influências da religião na cultura e no sujeito. Nas palavras do pastor: “Unem-se, pois, ‘O futuro de uma ilusão’ e ‘A ilusão de um futuro’ numa mesma fé sólida, cujo credo é: A verdade vos libertará” (PFISTER apud MELLO, 2014, p. 78).

3.10 Considerações finais

Pfister (1928/2003) se esforçou muito para reconciliar sua visão de mundo para com Freud. O pai da Psicanálise considerava a obra de Pfister, ao longo de sua vida, admirável e grandiosa. O analista de Zurique, por outro lado, tenta colocar Freud na elite dos bons cristãos. Segundo Gay (1992), essa era a forma que Pfister demonstrava haver descoberto afinidades entre sua versão de protestantismo com os pensamentos de Freud. Em seu livreto “A ilusão de um Futuro” (1928/2003), Pfister demonstra que uma religião madura é liberta de toda superstição e de todos vestígios de primitivos rituais. Lastimava que Freud havia abandonado a Filosofia e a Teologia com tamanho entusiasmo. O teólogo pensava que o ceticismo duro de Freud o blindava de ver as óbvias ligações existentes entre Psicanálise e o seu protestantismo. (GAY, 1992). Para o analista de Zurique, tanto a Psicanálise quanto a religião tentam diminuir a culpa, na qual reconhecem uma forma de punição ao desafio da autoridade; as duas se empenham por substituir um pai severo por um outro amável. (GAY, 1992).

Em sua obra “Neutestamentliche Seelsorge und psychoanalytische Therapie”, de 1934, Pfister, segundo Gay (1992), afirma que a regressão como método de tratamento é usada tanto na análise quanto na assistência pastoral, pois, em ambos, o paciente se torna criança. Por fim, a Psicanálise freudiana e sua teologia colocam o amor no centro da vida. “A Psicanálise, com a base de sua experiência, estabelece que o impulso do amor, reconhecimento e liberdade necessários a todo homem se satisfaça de algum modo.” (PFISTER, 1947, p. 8).

Para Gay (1992), este último argumento de Pfister não parecia inapropriado. Freud, assim como Pfister, relacionou o erotismo da Psicanálise ao amor. Ele havia dito a Jung quando descreveu a Psicanálise como “essencialmente, um tratamento através do amor.” (FREUD apud GAY, 1992, p. 90). Em sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996), Freud admite que “deveriam lembrar-se de quanto essa sexualidade ampliada da Psicanálise se aproxima do Eros do divino Platão.” (FREUD, 1905/1996, p. 127). Agora, Pfister (1928/2003) colocava Jesus como um dos precursores da Psicanálise. Ele dizia que Jesus conseguiu levar ao coração da religião e da moralidade o amor como base, destituindo, assim, a ansiedade e o ritualismo. Gay (1992) afirma que Pfister reconhecia divergência entre o amor platônico, o freudiano e o cristão, mas sentia-se contentado com o que eles tinham em comum.

Com essa leitura, Pfister fazia duras críticas ao catolicismo romano. Gay (1992) cita Pfister, que escreveu em 1910: “Com sua moral dualista, o catolicismo é a religião da máxima repressão aos instintos naturais da vida. Seu ideal é o monge que renuncia à mulher, à

independência pessoal, ao mundo.” (PFISTER apud GAY, 1992, p. 90). Em relação aos santos, Pfister admitia que muitos deles foram admiráveis no que tange à moral e à devoção, mas que sublimaram suas pulsões de uma maneira inacabada. Segundo o teólogo:

“Eles não apenas sofrem, quase sem exceção, de flagrantes neuroses, visões, anestésias, estados ansiosos, obsessões, dores histéricas, distúrbios da consciência, estreitamento patológico da percepção, mas com grande frequência uma sexualidade cruelmente maltratada.” (PFISTER apud GAY, 1992, p. 90-91).

Em contrapartida, continua: “O protestantismo alcançou, partindo de sua concepção ético-religiosa, aquilo que o psicanalista busca com base no insight científico. Ele reverte o fenômeno da repressão proveniente do celibato, da hierarquia e da vida monástica.” (PFISTER apud GAY, 1992, p. 91). Segundo Gay (1992), na análise de Pfister, os ideais protestantes do casamento e do sacerdócio de todos os religiosos servem de equilíbrio ao estrago provocado pelo “complexo paterno”. Esta é a mensagem de Jesus ao mundo, segundo o analista de Zurique: Ele havia feito emergir “a aurora de uma nova vida de alegria, liberdade e saúde.” (PFISTER apud GAY, 1992, p. 91).

Para o teólogo, Jesus foi o primeiro psicanalista. E também uma forma bastante intrigante para um protestante se referir endurecidamente à religião católica. Contudo, o autor também era duro em relação às seitas protestantes, como a dos petistas, cuja religiosidade sentimental desagradava-o profundamente. (GAY, 1992).

4 “O FUTURO DE UMA ILUSÃO” E “A ILUSÃO DE UM FUTURO”: DIÁLOGOS ENTRE FREUD E PFISTER

O encontro entre Freud e Pfister e seus embates sobre o fenômeno religioso permanecem até os dias atuais. Dificilmente, o diálogo atual talvez não existisse da mesma maneira se não fosse o material rico de ideias, dúvidas e interrogações deixados por ambos. A amizade entre Freud e Pfister é uma prova incontestável de que o diálogo pode e deve ocorrer. Discorreremos neste capítulo as ideias centrais de Freud, bem como as de Pfister, mostrando seus impasses e concordâncias.

4.1 O diálogo entre Freud e Pfister

De acordo com Droguett (2000), o diálogo entre o pai da Psicanálise e o pastor-analista foi possível desde o início. Freud estimulou e fundamentou o alicerce da amizade. O diálogo entre religião e Psicanálise tem continuado em momentos concretos da história da Psicanálise e da cultura, porém ainda existem desconfiança e preconceitos difíceis de serem superados. Condenação de um lado – a Psicanálise como instrumento mortífero para a fé – e reprovação do outro – a religião como adversária do crescimento humano. Esses são dois fundamentos sem torno dos quais são associados o desdém, a desconfiança e a rejeição mútuas.

4.2 Cartas entre Freud e Pfister

As cartas entre Freud e Pfister auxiliaram o esclarecimento do diálogo entre religião e Psicanálise. É possível compreender as muitas contribuições entre a Psicanálise freudiana e a religião. Quando se conheceram e começaram a se comunicar, como dissemos anteriormente, em 1909, Freud tinha 53 anos e Pfister, 36. Embora de pontos de vistas profundamente diferentes no que tange à religião, isso não impediu a admiração e a construção de uma amizade. (MOURA, 1998).

O convívio entre os dois fortalece o progresso de interlocuções. Durante toda a vida de Freud, ele e Pfister se corresponderam de uma maneira amistosa e afeituosa, alcançando, assim, o diálogo que ecoa até os dias atuais. Morano citado por Esteves (2013) retrata que “Por mais que tenham sido mutiladas, o que ocorreu por várias razões, nela encontramos informações atuais, diretas e abundantes.” (MORANO citado por ESTEVES, 2013, p. 60).

Examinar as cartas trocadas entre Freud e Pfister nos dias atuais é buscar as memórias da história freudiana e investigar as razões da preservação de uma amizade que perdurou diferenças teóricas. (ESTEVES, 2013). O analista de Zurique encontrou em Freud o entusiasmo para desenvolver seu corpo teórico. Droguet citado por Wondracek (2003) afirma que “A maior parte dos trabalhos de Pfister surge dos estímulos provocados pelas suas conversações epistolares com Freud.” (DROGUETT apud WONDRAECK apud Esteves, 2013, p. 61).

O pai da Psicanálise se mostra aberto a Pfister e apresentou, desde o primeiro contato, um sentimento acolhedor. (ERNEST; HEINRICH apud ESTEVES, 2013). A constante correspondência entre Freud e Pfister cria, entre eles, uma relação de intimidade, habilitando-os a mostrarem afetos mútuos. Com isso, permitem-se que se tornem confidentes. Muitas de suas cartas servem para aprofundarem teorizações e envios de trabalhos acadêmicos para análise. (ESTEVES, 2013).

Freud nunca teve uma má impressão de Pfister. Não é impreciso dizer que Freud possa ter coligado Pfister à imagem de seu próprio pai. A tranquilidade com que Freud recebe o analista de Zurique em sua intimidade, ainda mais um religioso, não era comum.

Todos nós gostamos muito de Pfister. Realmente ele é um padre aceitável e até mesmo me ajudou um pouco, exercendo, sobre meu complexo de pai, uma influência moderadora. Logo nos sentimos como velhos amigos; seu grande entusiasmo torna-o um pouco aborrecido, mas não há nada falso ou exagerado na sua veemência. (MCGUIRE, 1993, p. 247).

O pai da Psicanálise procedeu com admiração às correspondências de Pfister, dizendo que ele sempre provocava nele sentimentos e emoções positivas. (ESTEVES, 2013).

O senhor sempre nos torna felizes porque chama à consciência o que, em função da disposição infeliz do homem, esconde-se atrás dos pequenos sofrimentos e preocupações fugazes. [...] Uma carta sua faz parte do mais belo que pode recepcionar a gente no regresso para casa. [...] O senhor sabe com que o cotidiano, vivido de modo tão incolor, se nos apresente sob uma luz rosada [...]. (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud ESTEVES, 2013, p. 62).

A troca de cartas entre ambos pode desenvolver o crescimento do vínculo afetivo. Com isso, a amizade entre os dois pavimentou um elo fraterno. Desse elo, começaram a trocar confidências. O pai da Psicanálise e o pastor-analista não trocaram apenas ideias teóricas. As correspondências revelam a troca de afetividade que ambos tinham um com o outro. (ESTEVES, 2013).

Por meio das cartas, Pfister e Freud se aproximavam afetuosamente. A partir dessa

combinação de afetos e trocas de ideias científicas, trouxeram grande contribuição para o campo da religião e Psicanálise. “A Psicanálise sempre ressaltou a importância de ligar afetos a ideias, e justamente a feliz combinação do terno relacionamento com a discussão teórica que proporciona essa visão abrangente dos temas abordados.” (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud ESTEVES 2013, p. 62). Das confidências que marcaram uma indiscutível relação filial, marca da relação com Freud, o pai da Psicanálise era mais prudente. As decepções que tivera outrora o fizeram mais moderado. (ESTEVES, 2013) “De forma especialmente traumática, a relação com Wilhem Flies, reavivadas anos mais tarde com Jung, marcou para sempre seus modos de comunicação com os homens.” (MORANO apud ESTEVES, 2013, p. 62). Morano (2008) afirma que Freud, depois de sua desastrosa amizade com Flies, resolveu manter distância entre aqueles que faziam parte do grupo analítico. Todavia, isso não impediu que Pfister confidenciasse a Freud seus segredos e intimidades, inclusive as dificuldades que estava passando em seu matrimônio. (MORANO apud ESTEVES, 2013).

Poucos meses depois de conhecê-lo já o informa, por exemplo, das suas dificuldades matrimoniais e da sua intenção de divorciar-se da esposa, Érika Wunderli, com quem havia se casado em 1897 e da qual tivera um filho. Pouco tempo depois, confia a Freud que encontrou uma jovem que valia a pena a seus olhos, o que o animava, finalmente a divorciar-se. (MORANO apud ESTEVES 2013, p. 63).

Mesmo com o intervalo de suas correspondências entre os anos 1918 e 1926, a amizade entre ambos continua solidificada quando retornada. “Observa-se uma notável recuperação dos fios de amizade cada vez mais profunda e pessoal da parte de Freud.” (MORANO apud ESTEVES 2013, p. 63). Os relacionamentos anteriores de Freud haviam sido rompidos de uma maneira brusca. “Ao contrário de outros relacionamentos de Freud, rompidos frente a divergências, Pfister permaneceu morando na intimidade do amigo e mestre.” (ERNEST; HEINRICH apud ESTEVES, 2013, p. 63). A amizade fraternal entre ambos ofereceu espaço para o amadurecimento do relacionamento entre os dois. O analista de Zurique jamais deixou de depositar confiança na psicanálise freudiana. A partir dos pressupostos de Freud, desenvolve estudos nas áreas de Psicologia e religião. (ESTEVES, 2013). A Psicanálise inventada por Freud nunca foi apenas um conceito raso para Pfister. O pastor mergulhou de corpo e alma na temática, realizando pesquisas e produções acadêmicas.

Entre 1909 e 1956, ano de sua morte, Pfister produziu inúmeros livros e artigos em que expõe observações e resultados de pesquisas próprias, sobretudo sobre a técnica do método psicanalítico, sobre o significado

etiológico da sexualidade na construção das neuroses, sobre religião e histeria. (ERNEST; HEINRICH, 2009, p. 15).

A investigação das cartas entre Freud e Pfister mostra o compartilhamento de conhecimentos, avaliações e críticas. O fascínio de Pfister pela Psicanálise é destacado por Freud, assim como também sua maneira de escrever. (ESTEVEVES, 2013) “As notícias sobre suas atividades e múltiplos interesses têm para mim, cada vez, o efeito de um refrigerio (...) eu admiro pelo fato de que possa escrever desta forma moderada, humana, cheia de tolerância, tão objetiva, tão mais para o leitor que contra o inimigo.” (FREUD apud ERNEST; HEINRICH apud ESTEVES, p. 64).

As cartas de Freud e Pfister fomentaram o diálogo entre Psicanálise e religião. No princípio da Psicanálise, houve abundantes contribuições de Pfister e Freud no campo da religião. (ESTEVEVES, 2013) “É cada vez mais urgente o encontro e o debate para superar o distanciamento provocado entre a ciência e a religião.” (DROGUETT apud WONDRACEK apud ESTEVES 2013, p. 64).

4.3 A concepção do conceito da religião em Freud

Freud teve motivações conscientes e inconscientes que o levaram a escrever sobre questões religiosas, desde sua família judaica, sua babá católica, a influência positivista e iluminista de seus professores, entre outros episódios. (WONDRACEK, 2003). A infância do pai da Psicanálise, como já dissemos anteriormente, é marcada pelo universo religioso. A frequência às missas com sua babá, a ligação próxima com seu professor de religião judaica, a leitura da Bíblia de Phillipson na juventude: essas influências emergem nos sonhos e em comparações com figuras bíblicas. Em sua obra “A interpretação dos sonhos” (1900/1996), Freud se compara a José, que, pela interpretação dos sonhos, obteve êxito. Outras vezes, se compara a Moisés, que guia seu povo pelo deserto. Segundo Wondracek (2003), relata que somente na velhice é que Freud expõe o efeito duradouro de seu interesse pela história da Bíblia.

De acordo com Delouya (2000), a família do pai da Psicanálise, como outras famílias judias, passa pela perda do valor religioso por dois motivos: por uma questão de migração para uma cidade maior e, dessa forma, eles perdem o senso comunitário com o corpo social judaico de origem; e pela emancipação dos judeus no século XIX, que causa afastamento e esmorecimento dos ideais judaicos. Gay (1992) afirma que o século XIX foi mais

frequentador de igrejas que o século passado, em especial as classes mais respeitáveis, entretanto, “consideráveis bolsões de anticlericalismo e de desprezo leigo pela religião como um todo estavam espalhados pelo mapa da cultura europeia afora.” (GAY, 1992, p. 24).

A ação da religião e da Bíblia se altera em Freud e em vários judeus de sua época em sua visão de mundo. De acordo com Wondracek (2003), a religião dos judeus sem religião continuará atuando e passando da concepção de Deus monoteísta para o método científico como o único capaz de fazer com que a civilização chegue à etapa da idade adulta.

A interpretação da religião em Freud está alicerçada nos pressupostos científicos da época. Esses pressupostos tiram a religião da natureza humana. Segundo Wondracek (2003), “Deste modo, compreendes que a religião receba uma enfermidade como paradigma. A neurose obsessiva, modelo de distúrbios do pensamento e da ação, é tomada para explicar o distúrbio de pensamento e da conduta que se domina religião.” (WONDRACEK, 2003, p. 179).

4.4 Situação teológica de Pfister

Segundo Wondracek (2003), Pfister desordena a ideia do pai da Psicanálise sobre os crentes. Ele questiona como teria sido conviver com um religioso que não apresentava uma religiosidade compulsiva. Para o teólogo, o lugar da religião se encontra na essência. Equilibrado entre seu romantismo e seu empírio-criticismo, o analista de Zurique tem a convicção de que somente o trabalho crítico-científico levará à validação do sentimento religioso. A precondição é que haja experiência sustentada no sentimento. Wondracek (2003) afirma que é exatamente sobre essa falta de experiência que o teólogo irá tecer sérias críticas à teologia de seu tempo.

Para Wondracek (2003), podemos perceber duas vertentes que sustentam a ênfase na experiência sentimental de Pfister: na sua biografia e na Teologia. No que tange à sua biografia, ocorre pela herança teológica liberal de seu pai e a sua mãe petista, que lhe traz aporte. No que diz respeito à Teologia, encontraremos Schleiermacher (1768-1834), outro petista que Pfister honra ao dizer que foi o primeiro a estudar a Psicologia da religião. Na sua dissertação de Filosofia de 1898, o teólogo faz uma síntese entre o pensamento de Schleiermacher e de Hegel (1770-1831) a partir da obra de Biedermann (1819-1885), e a intitulou como a oposição encarnada entre sentimento e intelecto. (WONDRACEK, 2003).

A religião começa para Pfister com o sentimento, campo da beleza, mas necessita aliar-se ao pensamento, ou seja, à verdade. Precisa ainda seguir rumo à vontade, ou seja, à ética. O teólogo, dessa forma, incorpora as três dimensões do ato psíquico de Schleiermacher

(sentimento, pensamento e ação) e os aceita como alicerces para qualificar os aspectos sádios do religioso. Naser citado por Wondracek (1993) aponta que podemos entender Pfister como o romântico da vontade.

Seguramente, não da vontade humana de poder, realização ou algo semelhante, mas da divina e universal vontade de amar, que determina tanto a evolução do cosmo quanto a profundidade da alma humana. A isto só pode corresponder, do lado do ser humano, a apaixonada entrega e a participação entusiasmada em alvos supremos. E o alvo maior é, sem dúvida, a destinação do homem e do mundo para o amor. A vontade divina de amar não é uma norma prisionante, que oprime, mas um libertador que arrebatava. (NASER apud WONDRAECK, 2003, p. 181).

Segundo Wondracek (2003), com a Teoria das Pulsões, Pfister vê formas de depurar a deformação do amor. Os destinos do amor no humano são destinos da pulsão, matéria-prima da Psicanálise. Para o analista de Zurique, a religião consiste em amar a Deus, a si mesmo e aos outros, e ele encontra na Psicanálise um instrumento para tratar dessas deformidades da religiosidade. “Deste modo, Pfister inseriu a Psicanálise no coração da Teologia, na Teologia sistemática. Com isto a Teologia se torna uma disciplina empírico-crítica” (NASE apud WONDRAECK, 2003, p. 181).

O teólogo luta pela integralidade do sujeito. Entende que nada deva ser colocado entre Deus e o humano, nem igreja, dogma ou ritos. Dessa maneira, prioriza a psicologia da religião como alicerce para a doutrina religiosa e não dogmática. É nesse ponto que Pfister se aproxima de Freud e, tomado dessas ideias, tece a crítica entre os teólogos:

É muito doloroso para mim que os teólogos permaneçam atrasados e fracassados de modo tão lamentável. Há mais de dezoito anos estou no trabalho (...). Os teólogos envolveram-se demais numa tola disputa por princípios, em vez de se preocuparem mais com o bem-estar psíquico dos laicos e o seu próprio (PFISTER apud ERNEST; HEINRICH, 1926/1998, p. 126).

Bonhoeffer citado por Wondracek (2003) afirma que o que há de novo neste momento teológico é o movimento crítico do que vai entre a formulação da teoria e o trabalho empírico, que leva a pesquisa crítica da dogmática a partir da cura das almas.

4.5 Discordâncias e concordâncias entre Freud e Pfister

A amizade entre Pfister e Freud, por quase três décadas, gerou muitas discussões e concordâncias teóricas. Vejamos alguns pontos de suas discussões. Freud confronta natureza e cultura em sua obra “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996) e, mais tarde, em “O mal-estar na civilização” (1930[1929]/1996). A multidão tem que ser domada para cumprir

as funções da civilização. De acordo com Wondracek (2003), o pai da Psicanálise tece dois motivos básicos para tal: o homem não trabalha por prazer; e o humano, quando se trata de suas paixões, se torna inatingível a argumentações contrárias.

Para o pai da Psicanálise, a cultura é o grande domesticador das pulsões e a religião é o seu braço direito. Já com o analista de Zurique, é libertado o conceito de natureza do que considera falso estreitamento, desmanchando a oposição natureza-cultura, dizendo que a própria natureza determina renúncias pulsionais por meio de sua carência, a qual denomina “ressaca de quarta-feira de cinzas da natureza.” (PFISTER, 1928/2003, p. 4).

Pfister (1928/2003) também não concorda com Freud no que diz respeito à Teoria da Dualidade Pulsional. De acordo com Wondracek (2003), para o teólogo, não se pode pensar em duas pulsões originárias. Pulsão é um todo que integra as forças relativas a determinadas áreas vitais. Essas são manifestações de uma energia exclusiva que ele chama de pulsão vital “que governa o indivíduo e forma a unidade abarcante dentro do organismo físico-psíquico.” (PFISTER apud WONDRAČEK, 2003, p. 183).

Para Pfister (1928/2003), essa pulsão vital é uma unidade integral, não apta a uma investigação objetiva, mas pressuposta pelo pensamento e observável na relação com as forças e condições dela resultantes. Dessa forma, não há uma diferença entre natureza e cultura, esta é apenas “natureza humana desenvolvida.” (PFISTER, 1928/2003, p. 4).

Segundo o teólogo, essa ideia também desata a diferença entre religião e pulsão. Dessa forma, seria desmerecedor à religião se lhe fosse dada essa função de dar consolo para as renúncias pulsionais exigidas pela cultura, isto é, “fornecer focinheiras ou algemas para as massas antissociais.” (PFISTER, 1928/2003, p. 25). O autor acredita que religião, cultura e natureza podem, em conjunto, elencar o desenvolvimento humano, dando origem a uma “humanidade mais nobre e rica interiormente, que corresponda melhor às exigências da natureza e da ética.” (PFISTER, 1928/2003, p. 26).

Segundo Wondracek (2003), o pai da Psicanálise, em seu ensaio “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), após dizer que a função da religião é policiar a civilização, questiona sobre a origem psíquica das ideias religiosas, sendo que considera a oposição entre natureza x cultura e demonstra como a humanidade se sente desamparada diante das intimidações dos fenômenos naturais indomáveis. “Freud faz um salto da ontogenia à filogenia para teorizar que o ser humano simboliza a natureza humanizando as forças à semelhança do vivido infantil.” (WONDRAČEK, 2003, p. 183). Para o pai da Psicanálise, foi assim que surgiu um tesouro de representações emergido na necessidade que o ser humano tem de tornar suportável seu desamparo, e construído como material das lembranças do desamparo de sua própria infância

e da infância da humanidade. (FREUD, 1927/1996).

Wondracek (2003) afirma que esse “tesouro de representações” se associou a um sistema de crenças, que o pai da Psicanálise reúne no formato de uma pequena dogmática: a) existe uma providência benévola que vela por todos; b) a morte é apenas um caminho para outras etapas mais elencadas; c) as leis universais instituídas na nossa civilização dominam nosso universo interior; d) a vida com um propósito evolutivo mais elevado; e) a vida é a revelação de uma inteligência divina que transforma tudo para o bem e que é desfrutável; f) sabedoria, justiça e bondade são características de um ser divino, no qual estão condensados os deuses da antiguidade.

De acordo com Wondracek (2003), Freud, ao terminar a exposição, coloca à vista o seu germe do futuro “Moisés e o Monoteísmo”.

O povo que pela primeira vez alcançou êxito em concentrar assim os atributos divinos não ficou pouco orgulhoso do seu progresso. Descerrara à vista o núcleo paterno que sempre se achara oculto por detrás de toda figura divina; no fundo, consistiu num retorno aos começos históricos da ideia de Deus. Agora que Deus era único, as relações com ele poderiam recuperar a intimidade e a intensidade do relacionamento infantil com o pai (FREUD apud WONDRAČEK, 2003, p. 185).

Pfister (1928/2003) declara que existe esse tipo de projeção psicológica nas religiões, mas o julga matéria-prima que necessita ser analisada e trabalhada pela ação conjunta com a Psicanálise e a Teologia crítica. Esse constante trabalho resultará em reflexões e sacralização dos preceitos éticos e sociais, que já não serão aceitos pelo valor contemplado no passado. (WONDRAČEK, 2003).

Para Wondracek (2003), o método constituído por Freud para teorizar sobre a religião foi escrever semelhança com a neurose individual. O complexo de Édipo fornece seus efeitos na repressão dos desejos proibidos e na obediência à vontade do pai. Para Wondracek (2003), há um processo análogo teorizado em “Totem Tabu” (1913/1996) e “Psicologia de grupo e análise do ego” (1921/1996), assim concentrado em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996):

Os precipitados desses processos semelhantes à repressão que se efetuou nos tempos pré-históricos ainda permaneceram ligados à civilização por longos períodos. Assim, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai. A ser correta essa conceituação, o afastamento da religião está fadado a ocorrer com fatal inevitabilidade de um processo de crescimento, e nos encontramos exatamente nessa junção, no meio dessa fase de desenvolvimento. (FREUD apud WONDRAČEK, 2003, 185).

De acordo com Wondracek (2003), existe uma discrepância fundamental entre Freud e Pfister em relação ao destino da religião. Para o pai da Psicanálise, com o desenvolvimento humano, a religião entendida por ele como uma neurose e ilusão irá desaparecer. Já para o

teólogo, a religião é o movimento do religare entre o humano e Deus, expressão da pulsão religiosa, componente da pulsão vital. Como peça do psiquismo, sofre os destinos das outras pulsões, podendo ser expressa de forma sadia ou apresentar todas as nuances psicopatológicas.

Creio que se deva procurar um círculo muito amplo as recusas pulsionais que conduzem à religião, como por outro lado também as trilhas que são seguidas na elaboração da religião apresentam uma diversidade extraordinária. Na base do culto totêmico situam-se bem outros complexos de determinantes do que, por exemplo, no monoteísmo ético-social dos profetas clássicos de Israel, assim como na base da crença de inércia estética e pacifista de Akhinetn está algo bem diferente do que a devoção dos conquistadores espanhóis. (PFISTER, 1928/2003, p. 4).

Para Pfister (1928/2003), a sublimação é o melhor destino, pois conduz a sentimentos purificados e a ações amorosas e éticas. A psicopatologia não tem a vestimenta obsessiva, entretanto, pode adquirir faces históricas, fóbicas a até perversas. Segundo Wondracek (2003), Pfister, ao fazer a análise de alguns aspectos da devoção do Conde Zinzendorf, faz uma ligação com os três ensaios sobre a sexualidade de Freud, elucidando aspectos da devoção como representação de sexualidade perversa. A mística Margareta von Ebner teve sua devoção interpretada pelo pastor-analista na visão da histeria. Em Lutero, Pfister encontrou sua devoção com sinais de neurose de angústia. (WONDRACEK, 2003).

Por Pfister considerar a religião como representação da pulsão e não sintoma, ela recebe da Psicanálise uma aclaração, possibilitando que tenha um destino mais sadio e libertador. No preâmbulo do seu livreto “A ilusão de um futuro” (1928/2003), o autor enaltece a Freud pela purificação dos ídolos, estejam eles presentes nos templos ou nos espaços acadêmicos. Para o analista de Zurique, a crença cristã verdadeira traz um fardo leve, pois cessa a compulsão gerada pelas distorções do amor. Jesus triunfou sobre a religiosidade neurótica ao introduzir o amor de Deus a si e aos outros como base central da devoção.

Já em Freud, de acordo com Wondracek (2003), a religião é um fazer primitivo que atrofia a percepção das crianças e, com isso, as deforma para o resto de suas vidas. Mais à frente, em seu ensaio de 1927, afirma que é característica da religião proibir questionar pelas suas razões. Cita o *Credo quia absurdum* como representação máxima dessa postura.

Pfister (1928/2003) fala da degeneração religiosa como consequência, e não como causa da degeneração cultural. Cita um número considerável de personalidades que possuem alguma crença e diz que não prova para dizer que a religião atrofia a inteligência.

4.6 Crítica do pensamento freudiano sobre a religião

De acordo com Wondracek (2003), a partir do pensamento científico totalizante de Freud como o único verdadeiro, o pai da Psicanálise se enforca no conceito de realidade. A partir do seu pensamento, os ganhos culturais e filosóficos perdem o sentido, uma vez que não podem passar pelo crivo empírico-científico. Em “O futuro de uma ilusão” (1927/1996), o desamparo infantil tem como primórdio das consoladoras “fábulas religiosas”. O autor questiona o porquê de sua força, já que sobrevivem independentemente do caráter “real” concedido pelo empírico. Ele afirma que:

Se dá, se consideramos a gênese psíquica das representações religiosas. Estas, proclamadas como ensinamentos, não são precipitados de experiências ou pensamentos conclusivos, mas são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e impetuosos desejos da humanidade; o segredo de sua força reside na força desses desejos. (FREUD apud WONDRAČEK, 2003, p. 189).

Mahlmann citado por Wondracek (2003) afirma que Freud fundamenta o conceito de ilusão sob duas estruturas: primeiramente, a personificação criada por Hume (1711-1776), ou seja, a tendência de imputar a todos os fenômenos um caráter particularizado, com sentimentos e paixões semelhantes ao homem. Segundo: criação de Freud: desejos infantis, fundamentados no princípio do prazer, que constroem as ilusões. Dessa forma, a formação da ilusão fica marcada como completamente diferente da formação das ideias científicas. Wondracek (2003) aponta que a realidade é catalogada como ilusória por “vício de origem”. Freud afirma que “podemos chamar de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação.” (FREUD, 1927/1996, p. 40).

Mahlmann, citado novamente por Wondracek (2003), afirma que Freud obteve um problema:

“justamente a gênese psíquica” das representações religiosas, sua interpretação como “ilusões” e a descrição exata deste resultado ainda não decidem a respeito da veracidade das mesmas. Portanto, impõe-se (e não apenas pode-se) deixar esta questão em aberto. Freud, como muito antes e depois dele, deparou-se com o fato de que precisamos distinguir entre gênese e validade de uma afirmação (ou representação). (MAHLMANN apud WONDRAČEK, 2003, p. 190).

A inversão do título do seu ensaio feito por Pfister já vislumbra a reflexão quanto à função da realidade e de salvação do conhecimento científico. (WONDRAČEK, 2003). Pfister (1928/2003) relacionou a definição psicanalítica de desejo com a evolução científica

que, em sua época, começava o questionamento da ciência moderna. Para Pfister (1928/2003), não existe razão pura, pois nela também os desejos atuam e, em inúmeras vezes, como precursores dos postulados científicos. O pensamento alicerçado no real é estimulado pelo pensamento originado no desejo sem que o primeiro sobrepuje completamente o segundo. (WONDRACEK, 2003).

Ao mostrar o cruzamento entre o pensamento de desejo e realista, Pfister (1928/2003) conclui o esforço inútil em dissecar a objetividade pura além do seu desejo. “E, desse modo, prepara uma interpretação psicanalítica do desejo de objetividade de Freud, sugerindo que este se encontra sob os efeitos de uma nova ilusão, a ilusão científica.” (WONDRACEK, 2003, p. 190). Droguet (2000) nos fala do reducionismo freudiano no que tange às questões religiosas:

Freud caiu no risco, difícil de evitar: o pressuposto reducionista. Apesar de que Freud pretendia limitar-se ao seu campo e queira limitar o ângulo de visão, a verdade é que muitas vezes analisa o fenômeno da fé como se tivesse outro sentido que o puramente psicológico. Não faz outra coisa que explicar o complexo simples, e, como consequência, dar uma descrição incompleta do fenômeno. (DROGUETT, 2000, p. 103).

4.7 Crítica do pensamento de Pfister sobre a religião

Pfister (1928/2003) caminhou, assim como Freud, por caminhos tortuosos e às vezes por trilhas menos estudadas que o pai da Psicanálise. O analista de Zurique afirma que a Psicanálise não excluiria o religioso, mas o purificaria. Segundo Wondracek (2003), Pfister utiliza um termo usado na época, o de higiene, e o aplica à religião. O risco, de acordo com Wondracek (2003), reside nessa inquietação de “assepsia” da alma. Freire citado por Wondracek (2003) afirma que o modelo médico caminhou para uma normatização dos procedimentos ditos “higiênicos”, não levando em conta outras sabedorias da cultura. Ele questiona quem determinará o que é sujo ou limpo.

Em nome desse princípio, muitas varreduras foram realizadas. Segundo Wondracek (2003), Pfister estudou afincamente muitos fenômenos religiosos: glossolalia, estase, transe e, com base na referência higiênico e na gênese infantil, afirmou-os contaminados e inválidos. Wondracek (2003) questiona se poderia Pfister usar sua argumentação contra si mesmo: seria tudo explicado somente por esse ângulo?

Em relação à esperança do pastor-analista no que tange à cura, Pfister recorda a posição inicial de Freud. O método positivista-progressista de certa forma sobrecarregou ambos, porém mais o otimismo humanista de Pfister. Depois de formular a sua segunda teoria

pulsional, o pai da Psicanálise se encontra mais cético em seus prognósticos, ao passo que Pfister continua confiante com a cura, no modo primeiro de Freud. (WONDRACEK, 2003).

O pai da Psicanálise se queixa a respeito do otimismo demasiado de Pfister a Max Eitingon. Por uma questão de temperamento e convicção, Pfister confiava que o sujeito triunfará os obstáculos através da energia vital. Um exemplo disso se encontra na carta direcionada a Freud em que comenta o seu “Mal-estar na civilização”. Nessa correspondência, Pfister traz a metáfora da escalada da montanha para mostrar o poder prospectivo da energia vital, e a pulsão de morte adquire uma posição secundária de “escorregadela”. Wondracek (2003) questiona se isso seria suficiente.

Nesse ponto, já percebemos a dualidade entre o dualismo pulsional de Freud e o monilismo pulsional de Pfister. Em resposta à carta do pastor-analista sobre seu “Mal-estar na civilização”, o pai da Psicanálise relata que fez um “casamento por conveniência” em relação a suas teorias pulsionais sobrimas e chama de “casamento por amor” o método teórico de Pfister. (WONDRACEK, 2003). Nase, citado por Wondracek (2003), fala sobre os riscos da posição de Pfister:

O mundo ainda parece tenebroso o suficiente, quando o ódio é considerado apenas como consequência de um amor que falhou. A tendência de não atribuir ao mal uma existência própria corresponde ao traço de Pfister que já tratei criticamente em várias ocasiões. A partir disso, também podemos escutar na não crença no mal um desejo de afastá-lo, ou de precipitadamente reprimi-lo através de ideias. Em todo caso, muitas vezes Pfister se encontra em risco (que ele próprio conhece de saltar com o seu embalo otimista da fé amorosa sobre os abismos da existência e da face bruta da natureza pulsional humana). (NASE apud WONDRACEK, 2003, p. 192- 193).

4.8 Um olhar crítico do conceito de ilusão sob a ótica de Morano

Segundo Slavutzky (2003), todo futuro é uma ilusão e é provavelmente por isso que essas duas palavras se encontram associadas em seu ensaio “O futuro de uma ilusão” (1927/1996) e na resposta do pastor-analista “A ilusão de um futuro” (1928/2003).

Um dos caminhos mais significativos empregados pela Psicanálise posterior a Freud e Pfister foi propriamente a de que o analista de Zurique havia debatido em seu livreto “A ilusão de um futuro” (1928/2003) com Freud em relação à sua crítica ao conceito de ilusão do pai da Psicanálise. O pensamento realista e o desejo de coexistir, de fato, veem-se obrigados a conviver em muitos aspectos da vida, inclusive na ciência. (PFISTER, 1928/2003).

A ilusão como contrária à realidade foi abandonada e passou a ser considerada uma fonte necessária para o desenvolvimento psíquico. Winnicott (1896-1971), por exemplo, trata

a ilusão no campo dos fenômenos transicionais, sendo que esse fenômeno não contradiz com a realidade, mas serve de caminho para ela. Ilusão e o real não são opostos entre si. (WINNICOTT, 1975). Rizzuto (1979/2006), concomitantemente a Winnicott, diz que a fé, a experiência divina e seu uso de símbolos podem ser compreendidas como fenômeno transicional.

De acordo com Morano (2008), o conceito de ilusão foi também questionado por outras abordagens psicanalíticas, como Kristeva, da escola lacaniana, que afirma que a atribuição do analista é aguçar o imaginário e possibilitar um mundo de ilusões. O lugar do analista, diferentemente do de Freud, compreenderia em restituir todo valor terapêutico e epistemológico à ilusão. (KRISTEVA apud MORANO, 2008).

A ilusão e a crença se dispõem como elementos indispensáveis para o aparelho psíquico. Pontalis afirma: “Apenas os mortos não creem”. (PONTALIS apud MORANO, 2008, p. 217). Segundo Morano (2008), viver sem crença, seja religiosa ou não, “acaba significando uma grotesca confusão das exigências do espírito científico com o culto de uma racionalidade militante e mortífera, consequência nefasta, ademais, da dicotomia entre saber e crer que marca nossa cultura.” (MORANO, 2008, p. 217-218).

De acordo com Morano (2008), Pontalis faz uma importante observação ao dizer que a expressão “eu creio”, na verdade, não se diz, pois vem antes do predicado. A crença, a ilusão e a realização de desejos se apresentam nas nossas escolhas e decisões na vida. E isso também implica a própria Psicanálise. Não se faz a opção de estudá-la apenas por questões lógicas. Ela agrada e seduz porque satisfaz desejos inconscientes, contudo, isso não tira o valor ou a verdade da Psicanálise.

Na crença, sempre se entrelaça a ilusão. Mais ainda, uma ilusão que merece ser entendida e defendida. Assim afirma Scharfenberg citado por Morano (2008):

Creio que a essência de toda fé religiosa consiste em formar ilusões sobre a realidade. Isso quer dizer: a fé não se satisfaz com a realidade que encontra diante de si, tal como ela é; não se dando por satisfeita, situa-se um pouco fora da realidade. Pois bem, isso não me parece algo que podemos desqualificar simplesmente como pensamento quimérico ou infantil. Longe disso, tenho a impressão de que necessitamos, e até urgentemente, dessa atitude para com o futuro e para o seu domínio. (SCHARFENBERG apud MORANO, 2008, p. 2018).

Certamente, isso não se dá de forma imprudente. Pfister em “A ilusão de um futuro” (1928/2003) nos revela saber articular, de uma forma equilibrada, desejo e realidade em uma dinâmica na qual, dialeticamente, o desejo impulsiona para realidade, e esta o organiza e barra de forma conveniente. A ilusão, portanto, pode ser uma produção mental, um artefato do

desejo, ou pode, pelo contrário, emergir do encontro do desejo com a realidade, havendo suporte de ambos os lados. (MORANO, 2008). O conteúdo semântico de ilusão se revela importante para que se possa refletir a respeito. Morano (2008) afirma que, a partir de sua etimologia latina, ilusão significa jogo (*illusion* procede de *illudere*, cuja forma simples é *ludere*: jogar), e foi evolutivamente adquirindo um aspecto de engano. (MELLO, 2014).

A atitude que se pratica diante do mundo depende da forma “iludida” ou “desiludida” com a qual se interpreta a realidade, sendo que a realidade sempre é, de um modo e de outro, interpretada pelo sujeito. A ilusão trará por parte do sujeito a contemplação, o espetáculo ou o enfrentamento, a negação. Isso tudo dependerá das expectativas que se cria em relação ao futuro caso no presente elas não forem realizadas. É o efeito da ilusão de antecipar o que ainda não é. Morano (2008) continua: “A ilusão, por isso mesmo, é a força antecipatória. Ela busca tornar presente, na fantasia, o que ainda não é. Evidentemente, a partir da incerteza (o que mostra sua distância em relação ao delírio) e correndo o risco de converter-se no ilusório.” (MORANO, 2008, p. 221).

Morano (2008) afirma que a ilusão não tem que se restringir ao desejo. O desejo é apenas condição necessária, mas não suficiente para ilusão, pois ela acrescenta algo, um fundamento que não se encontra presente no próprio desejo, revelando um caráter dramático que o desejo não possui. Pfister (1928/2003) já havia alertado de que não há possibilidade de viver sem ilusões porque o pensamento realista e o desejo formam parâmetros fundamentais para a existência humana. (MELLO, 2014)

Morano (2008) cita Remedios Ávila sobre o campo semântico de valor da palavra ilusão. Este autor nos fala da ilusão em seu aspecto positivo e de sua carga vital e motivadora no indivíduo. Ele cita o exemplo de Zaratrusta de Nietzsche. Este, sob a máscara daquele, revela-se um criador de ilusões e de símbolos. Desta maneira, de acordo com Morano (2008), compreendemos o viver desiludido devido a aproximação semântica entre ilusão e valor corresponde a viver desacreditado de sua energia vital. As ligações entre ilusão e superego, especificamente na sua dimensão com o ideal de ego, tornam-se assim ressaltadas. (MELLO, 2014)

De acordo com Mello (2014), Freud não estava convencido de sua teoria da ilusão. Ele parecia ter a consciência de que a relação e o contato com o real não tinham que se desenvolver forçosamente sob a ilusão estoica de Anaké ou sob a ilusão infantilizada. O pai da Psicanálise desconfiava até mesmo de que sua ideia de uma renúncia totalizante da ilusão fosse ela própria uma ilusão. Diante disso, a ilusão e sua relação com os valores culturais e com a sublimação geram uma problemática para o pai da Psicanálise. Já o teólogo, a partir das

opções vitais tão múltiplas, parecia tê-la diante dos seus olhos, gerando toda a ambivalência.

Em todo esse contexto, conforme Morano citado por Mello (2014), há um ensaio de Freud revelador que demonstra sua hesitação para tratar das relações com o real. Essa obra é intitulada “O humor”, escrita na mesma época que “O futuro de uma ilusão”, em 1927. Nessa obra, o pai da Psicanálise revela que o ego não se deixa abater diante do real, não se permite se censurar diante da realidade externa. Pelo humor, o ego infla de prazer, converte aquilo que seria uma fonte de insatisfação em deleite. De forma igual ao que ocorre na ilusão, o humor estabelece uma maneira distinta, ambivalente e reacionária diante das frustrações da realidade. Ele não submete o ego ao padecimento, ao contrário, coloca-o acima. Entretanto, a dúvida é sobre o que mantém esse ego triunfante e superior diante do princípio do prazer. O pai da Psicanálise recorre à estrutura do superego. (MELLO, 2014)

Geralmente, conhecemos o superego como um senhor severo. Dir-se-á que não combina bem com tal caráter o fato de o superego condescender em capacitar o ego quando este se sente compelido a obter uma pequena produção de prazer. É verdade que o prazer humorístico jamais alcança a intensidade do prazer do cômico ou dos chistes, que jamais encontra vazão no riso cordial. Também é verdade que, ocasionando a atitude humorística, o superego está realmente repudiando a realidade e servindo a uma ilusão. Entretanto, (sem saber exatamente o porquê), encaramos esse prazer menos intenso como possuindo um caráter de valor muito alto; sentimos que é especialmente liberador e enobrecedor. (FREUD apud MORANO apud MELLO, 2014, p.86).

Dessa forma, o superego realiza um papel de consolo e proteção para o ego quando esse se sente bloqueado pelo peso do real. O pai da Psicanálise chega à conclusão de que “se realmente o superego que, no humor, fala dessas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, issonos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego.” (FREUD apud MORANO, 2008, p. 223-224).

Assim, o humor emerge como instância não patológica de desprezo ao real que se coloca a serviço da ilusão. Não se trata de uma rejeição repressora da realidade, mas busca contemplá-la de outro ponto de vista, isto é, não a partir do ângulo do ego, mas sim de um superego que, “como instância parental”, mostra-se carinhoso e protetor. O resultado é uma libertação saudável e “exultante”. (MORANO, 2008, p. 224). Pode-se compreender que, para Freud, o contato com a realidade não está condenado a ser empreendido pela ciência, pela submissão da história e pelo ilusório como negação infantil à aceitação da vida. (MORANO, 2008).

É possível, de acordo com Morano (2008), que o sujeito, mediante o superego, sinta o prazer do mundo real pelo seu desejo sem necessitar negar a realidade. Contudo, é nessa instância dos valores culturais que irá desempenhar um papel fundamental tanto nos processos

de sublimação quanto nos processos de formação religiosa. “Ilusão, superego, sublimação e crença revelam, assim, suas conexões íntimas e parecem demonstrar a possibilidade de uma leitura do real que escapa à alternativa fatal entre engano ou resignação.” (MORANO, 2008, p. 224).

Por fim, Morano (2008) afirma que uma análise acurada do termo ilusão acaba necessariamente na questão de Pfister, que enfatizara, diante de Freud em suas análises, tanto as de cunho teórico como as de cunho técnico, a questão da sublimação. A ilusão na medida em que se encontra absorvida no projeto vital do indivíduo. Segundo o autor:

Refere-se diretamente ao mundo dos valores (estéticos, morais ou religiosos) e à participação do desejo em seu projeto cultural, empreendido pela via da sublimação. Pfister soube postular, assim, todo um campo de análise que, para todos os efeitos, encontrou e continua a encontrar pouca compreensão no conjunto da metapsicologia freudiana. (MORANO, 2008, p. 224-225).

5 CONCLUSÃO

O encontro entre Freud e Pfister e a amizade entre eles animam o desenvolvimento e mostram que é possível diálogos nos campos da religião e da Psicanálise. O pai da Psicanálise e o pastor-analista provaram ser possível esse embate. As contribuições de ambos são um patrimônio rico, tanto para a Psicanálise quanto para a religião. Esse diálogo teve seu início em 1909 e vai até dois anos antes da morte de Freud, em 1939.

No tempo de Pfister e Freud, havia uma relação de exame das questões religiosas. A Psicanálise freudiana e a experiência religiosa faziam parte de um mesmo círculo. Com o passar do tempo, pouco a pouco, houve o distanciamento e as respectivas polarizações. O diálogo foi transformado em insultos. Prevaleceu o embate entre a Psicologia e a Teologia. (ESTEVES, 2013).

O diálogo entre o pai da Psicanálise e o analista de Zurique continua inacabado. Foram pioneiros de um campo inesperado. A partir da herança deixada por eles, é necessário percorrer as trilhas construídas por ambos, além de esclarecer o que apenas iniciaram e prosseguir naquilo que não lhes foi capaz. Não entendemos que exista uma simetria entre ciência e religião. Não é postulada a conveniência teórica. O que desejamos é o seguimento do que parecia improvável. O diálogo realizado pelo pastor-analista e o pai da Psicanálise não pode ser apenas uma recordação amigável de tempos outrora. A eles, coube o início. Resta continuar no debate possível entre religião e Psicanálise para que, com a semente que é derramada neste tempo, outros colham o que hoje foi colhido a partir do debate entre esses dois grandes mestres.

Um dos pontos principais que Freud e Pfister despertaram em seus diálogos foi precisamente o conceito de ilusão. O pensamento realista e o desejo, para o teólogo, devem conviver com as muitas dimensões da vida, inclusive com a ciência. Para o pai da Psicanálise, a ilusão sempre será necessária para acolher nosso desamparo constitutivo. O homem sempre distorce a realidade quando ela não lhe agrada. Em alguma medida e em certas ocasiões, isso é necessário para que ele se sustente dentro de uma organização social. A ilusão, portanto, pode ser vista como uma questão de sobrevivência, e não apenas como um obstáculo para a realidade (MORANO, 2008).

Ilusão e crença apresentam estruturas fundamentais para o psiquismo humano. Morano (2008) afirma que somente os mortos não creem. Talvez a crença mais forte seja que não se crê em nada. A crença, a ilusão e a realização de desejos estão implicadas, na maioria das vezes,

em nossas escolhas e opções de vida.

Primeiramente, mostramos como Freud compreendeu a religião a partir da hermenêutica da ilusão, além de apresentar suas principais obras sobre o tema, principalmente acerca da ilusão e da religião. Vimos também como seu desenvolvimento infantil e científico culminou no seu ateísmo e na sua profunda amizade desenvolvida com Pfister. Em seguida, apresentamos Pfister, sua biografia e como o teólogo se aproximou da Psicanálise. Foram também citadas suas contribuições para a Psicanálise e sua relação amistosa com Freud, bem como sua grande crítica ao ensaio de 1927 de Freud por meio de seu “A ilusão de um futuro”. Por fim, apresentamos os pontos de vista de Freud e Pfister, assim como suas concordâncias e discordâncias.

Buscamos evidenciar a amizade desenvolvida por meio de suas correspondências e seu legado para a Psicanálise e a religião, bem como a crítica da ilusão fomentada por Morano (2008). O desafio elaborado por Freud e Pfister reside em abrir trilhas para superar a fissura na interlocução entre os homens por meio do diálogo que é apresentado como viés de uma nova maneira de comunicação. Os signos e as palavras têm relevância para esses dois autores quando remetem a uma relação dialógica, de sentido maior, que se estabelece nos enunciados da comunicação epistolar. (DROGUETT apud WONDRAČEK, 2003, p.55).

Para a Psicanálise, o importante é não discursar sobre a existência ou não de Deus, mas compreender os motivos latentes de nossa crença e nossa descrença religiosa. Sabemos que todo discurso, inclusive o religioso, é um discurso humano. Independentemente se neurótico ou sublime, está submetido às leis que a Psicanálise demonstrou a partir do inconsciente (MORANO, 2003).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ricardo Torri. **Deus Analisado? Os Católicos e Freud**. São Paulo: Loyola; 2014.
- CECCARELLI, Paulo Roberto. **A mentira como organizador social**. R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 13, n. 1, p. 99-109, jan./jun.; 2012
- DAVID, Sérgio Nazar. **Freud e a Religião**. Rio de Janeiro: Zahar; 2003.
- DROGUETT, Juan. G. **Desejo de Deus: diálogo entre psicanálise e fé**. Petrópolis: Vozes; 2000.
- ERNEST, L. F., HEINRICH, M. **Cartas entre Freud e Pfister: um diálogo entre a psicanálise e a fé cristã**. Viçosa: Ultimato, 2009.
- ERNEST, Jones. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago; 1989.
- ESTEVES, André Nobre. **A Psicologia no Divã: Contribuições de Oskar Pfister à psicologia da religião**. Disponível em: <http://up.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/PUBLIC/user_upload/Andre_Nobre_Esteves.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.
- FREUD, Sigmund. A Aquisição e o Controle do Fogo (1932[1931]). In: FREUD, Sigmund. **Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXII, p. 193-195.
- FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos (1900). In: FREUD, Sigmund. **A Interpretação dos Sonhos (I) (1900)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. IV, p. 11-736.
- FREUD, Sigmund. Esboço de Psicanálise (1940[1938]). In: FREUD, Sigmund. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos (1937-1939)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXIII, p. 151-307.
- FREUD, Sigmund. Dostoiévski e o parricídio (1928). In: FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXI, p. 185-205.
- FREUD, Sigmund. Fragmentos da Análise de um caso de Histeria (1905[1901]). In: FREUD, Sigmund. **Um caso de Histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VII, p. 15-108.
- FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma Lembrança de sua Infância (1910). In: FREUD, Sigmund. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e Outros Trabalhos (1910)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XI, p. 67-142.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. Conferência XXXV: A questão de uma *Weltanschauung* (1933). In: FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise e outros trabalhos (1932-1936)** Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXII, p. 167-189.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na civilização e outros trabalhos** (1927-1931). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XXI, p. 15-64.

FREUD, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos** (1927-1931). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXI, p. 73-151.

FREUD, Sigmund. Por que a Guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud). In: FREUD, Sigmund. **Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise e outros trabalhos** (1932-1936) Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXII, p. 203-222.

FREUD, Sigmund. Psicologia de Grupo e Análise do Ego (1921). In: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVIII, p. 77-146.

FREUD, Sigmund. Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte (1915). In: FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV, p. 285-316.

FREUD, Sigmund. Sonhos e Telepatia (1922). In: FREUD, Sigmund. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVIII, p. 201-228.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In: FREUD, Sigmund. **Um caso de Histeria, Três ensaios sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. VII, p. 119-230

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu (1913). In: FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos** (1913-1914). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIII, p. 21-167.

FREUD, Sigmund. Um estudo autobiográfico (1925[1924]). In: FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros trabalhos** (1925-1926). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XX, p. 11- 75

FREUD, Sigmund. Uma Dificuldade no Caminho da Psicanálise (1917). In: FREUD, Sigmund. **Uma Neurose Infantil e outros trabalhos** (1917-1918). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVII, p. 143-154.

FREUD, Sigmund. Uma Neurose Demoníaca do Século XVI (1923[1922]). In: FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id e outros trabalhos** (1923-1925). Standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIX, p. 85-117.

FUKS, B. B. **Freud e a cultura**. Rio de Janeiro: Zahar; 2011.

GARCIA, C. A. **O conceito de ilusão em psicanálise: estado ideal ou estado potencial?** Estudos de Psicologia 2007, 12(2), p. 169-175. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n2/a09v12n2>> Acesso em: 8 jan. 2017.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.

GAY, Peter. **Um judeu sem Deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago; 1992.

GROPPO, Luís Antônio; RODRIGUES, Marcel Rodrigues. O contexto científico na formação da psicanálise e a figura de Sigmund Freud perante a religião. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cognitio/article/view/11594>

HANS, Kung. **Freud e a Questão da Religião**. Campinas: Versus; 2010.

JULIEN, Philippe. **A Psicanálise e o religioso: Freud, Jung, Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar; 2010.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. 3. ed. Santos: Martins Fontes; 2009.

MACIEL, Karla Daniele de Sá Araújo. **O percurso de Freud no estudo da religião: contexto histórico e epistemológico, discursos e novas possibilidades**. Disponível em: < http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-05-16T123639Z-83/Publico/Karla%20Daniele.pdf >. Acesso em: 27 nov. 17.

MCGUIRE, William (Organizador). **A correspondência completa de Sigmund Freud e Carl G. Jung**. Rio de Janeiro: Imago; 1993

MELLO, Rafael Fernandes de. **A Recepção dos conceitos de ilusão e sublimação, a partir do diálogo entre Sigmund Freud e Oskar Pfister**. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/740/1/rafaelfernandesdemello.pdf>. Acesso em 26 nov.17.

MORANO, Carlos Dominguez. **Crer depois de Freud**, São Paulo: Loyola; 2003.

MORANO, Carlos Dominguez. **Psicanálise e Religião: Um diálogo interminável Sigmund Freud e Oskar Pfister**, São Paulo: Loyola, 2008.

MOURA, João Carlos (Org.). **Hélio Pellegrino: A-Deus**. Petrópolis: Vozes; 1988.

PALMER, Michael. **Freud e Jung Sobre a Religião**. São Paulo: Loyola; 2001.

PAULY, E. L. Psicanálise da Igreja e da religião. O pastor e psicanalista Pfister: a alma da cura d'alma. In: WONDRACEK, K. H. K. (Org.). **O Futuro e a Ilusão: um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes; 2003.

PFISTER, Oskar. **El psicoanálisis y la educación**. Buenos Aires: Losada; 1947.

PFISTER, Oskar. A ilusão de um futuro (1928). In: WONDRACEK, Karin. **O Futuro e a Ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião**. Petrópolis: Vozes; 2003.

RIZZUTO, Ana Maria. **Por que Freud rejeitou Deus?** São Paulo: Loyola; 1998.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy

agalhães Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 1998.

SCHÜLER, Donald. Prefácio: O futuro de um diálogo. In: WONDRAČEK, Karin. H. K. (Org.). **O futuro e a ilusão**: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes, 2003, p.11-16.

SLAVUTZKY, Abrão. A ilusão tem futuro. In: WONDRAČEK, Karin. H. K. (Org.). **O futuro e a ilusão**: um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes; 2003, p. 111-118.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**, São Paulo: Paulus; 1991.

WONDRAČEK, Karin. Freud, Pfister e suas Ilusões – Que ciência? Que religião? In: WONDRAČEK, Karin. **O Futuro e a Ilusão**: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião. Petrópolis: Vozes; 2003.